

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Valéria Camargo

Violência ou martírio? Uma análise da violência e do significado
do martírio nas fontes e interpretações islâmicas

DOUTORADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

SÃO PAULO
2012

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Valéria Camargo

Violência ou martírio? Uma análise da violência e do significado
do martírio nas fontes e interpretações islâmicas

DOUTORADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

Tese apresentada à Banca Examinadora
da Pontifícia Universidade de São Paulo,
como exigência parcial para obtenção
do título de Doutor em Ciências da
Religião sob a orientação do Professor
Doutor J. J. Queiroz.

SÃO PAULO

2012

Banca Examinadora

Dedico este trabalho à minha mãe, meu arrimo e com quem sempre contei no decorrer de minha vida, aos meus queridos irmãos, à minha pequena Vik, filha amada e desejada, guia do meu futuro a quem ofereço essa prova de que somos capazes de prosseguir mesmo diante de todas adversidades.

Aos meus mestres, orientadores e amigos, Farah e Queiroz, pelo apoio irrestrito ao longo dos anos e por abrirem as portas do conhecimento.

Ao amigo e companheiro Alves pelos ensinamentos, calorosos embates na construção do diálogo e na busca do exercício perfeito da tolerância.

E ao Dr. Berardino, ícone de integridade e inteligência, exemplo de líder, comedido e elegante, incansável e eficaz na aplicação da justiça.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho não teria sido concluído sem algumas ajudas direta e indiretamente.

Primeiramente agradeço a oportunidade que me foi concedida pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

A CAPES, pelo amparo.

Agradeço o entusiasmo, a sabedoria de meu orientador, Professor Dr. J. J. Queiroz, sua atenção, carinho, paciência, compreensão e principalmente por acreditar na conclusão desta tese.

Os importantes esclarecimentos, colaboração, formulação, direcionamento, e às horas de discussão sobre o objeto, que excediam a presença física e se estendiam nos emails e nas longas ligações telefônicas.

As valiosas orientações do Professor Enio Brito no meu exame de Qualificação, sempre carinhoso e atencioso com suas tarefas.

A todos os professores e alunos pelas grandes lições nas aulas e trabalhos apresentados, troca de experiência e, em particular ao Professor Décio que me recebeu de braços abertos para a realização do estágio docente.

À minha família, destacando minha mãe que nunca me desamparou e à minha filha Viktória Camargo meu êmulo, razão de não desistir e enfrentar as adversidades para que ela tenha como exemplo minhas lutas, prosseguindo sempre e esquecendo o desistir.

Aos Doutores Mario Sérgio e Rosana exemplos de seriedade, compromisso, leveza e alegria de viver.

Ao amigo Marinho pelo reconhecimento e carinho. Homem de fala doce e do riso fácil, das conciliações, harmonioso, generoso e prudente. Ensinou-me a planejar, administrar, conduzir um projeto passo a passo, a ser constante e metódica.

A Dona Manuela Fanganiello pelo exemplo de dignidade, nobreza, discrição, elegância, com quem aprendi todo o traquejo necessário para entrar e sair, respeitosamente, de qualquer ambiente social.

Ao Dr. Berardino Antônio Fanganiello pela oportunidade profissional e pessoal, por me inserir no seio da sociedade paulistana, com quem aprendi sobre o exercício do poder e sobre audácia profissional, ensinando-me que sem riscos não há conquistas. Líder nato, condutor de homens, duro em suas decisões e ao mesmo tempo generoso, magnânimo e permeável às emoções profundas, aberto às novas idéias e propostas, trabalhador incansável.

Por fim, ao amigo Alves, meu eterno contraponto, me ensinou detalhes, me valorizou, reconheceu, lapidou. Quem não é visto não é notado. Me preparou para ser vista, me preparou para ser notada. Nunca me desamparou. Ouviu minhas indignações, me aconselhou, homem de conduta tranquila, aberto, seguro, digno, um exemplo de caminhada, ciente de seu papel, carregador de fardos, incapaz de questionar os oferecimentos da vida, com quem aprendi sobre a importância da trajetória, de cada um, em busca dos objetivos.

A todos, muito obrigada.

RESUMO

Os terríveis ataques terroristas suicidas – as chamadas “bombas humanas” - que em geral são associados a grupos islâmicos fundamentalistas têm sido objeto de interpretações enviesadas. Autores não-islâmico e anti-islâmicos atribuem o suicídio terrorista ao Islã como um todo, a refletir um “conflito de civilizações” ou uma “guerra santa” com base numa leitura belicosa e expansionista de jihad. Por outro lado, grupos islâmicos extremistas os acolhem como ações políticas cujos perpetradores são considerados suicidas altruístas e mártires pela causa de Allâh. Ante essas interpretações, a tese vai em busca de uma leitura a partir das fontes islâmicas, em especial, o Alcorão e os Ahadith. Após uma explicação sobre o Islamismo e suas fontes, realiza um inventário dos principais textos que as fontes oferecem em torno do objeto e os agrupa a partir de alguns temas chave. Em seguida passa a uma análise interpretativa dos textos coletados, tendo como guia a hipótese de que o verdadeiro sentido de jihad descarta a belicosidade agressiva e contém um sentido amplo de esforço e virtudes, de amor ao próximo e de justiça social. As ações das “bombas humanas” devem ser consideradas como atos de suicídio e homicídio; são anti-sociais e não têm nenhum respaldo nos livros sagrados. Por isso, a tese se preocupa em ressaltar, nas fontes e interpretações islâmicas, os aspectos espirituais, místicos e socialmente solidários do Islã. Rejeita também as interpretações e generalizações anti-islâmicas que são feitas a partir dos ataques suicidas terroristas.

Palavras chave: Islã; fontes sagradas; jihad; virtudes; martírio.

ABSTRACT

The terrible suicide terrorist attacks – the so called “human bombs” - generally associated to Muslim radical groups have been submitted to misunderstood interpretations. Anti-Islamic authors impute this actions to Islam as a whole, as being consequence of a concept of jihad understood as a “holy war”, or a “conflict of civilizations” that Muslim carry on in order to overcome the enemies of Islamic faith and culture. On the other hand, radical groups consider these actions as a political defense of Islam or as an altruistic suicide and a kind of martyrdom for Allâh’s cause.

In face of these interpretations, the thesis aims to point out a new view by going deep into the Islamic sources, namely Koran and Ahadith. First, an explanation is made about Islamic sources. The most important texts on the subject have been collected according to some key words, by following the hypothesis that the true meaning of jihad is not an aggressive and violent action. Jihad must be understood in a wild sense of practicing virtues, love and social justice. So, suicide terrorism is never altruistic but a real suicide; not a martyrdom but an anti-social behavior that is definitively condemned by Koran and Ahadith. In order to emphasize this position, the thesis points out the spiritual and mystic aspects of Islamic faith and its social solidarity. It also rejects the interpretations and generalizations of anti-Islamic writers who impute to Islam the responsibility and the strategic logic of the suicide terrorism.

Key words: Islam; sacred sources; jihad; virtues; martyrdom.

SUMÁRIO

Introdução	11
Capítulo I – As fontes do islamismo: textos sagrados	19
1- Noções preliminares sobre o Islamismo	19
1.1- Islamismo	19
1.2- Religião e religiosidade no Islamismo	22
1.3- As fontes	26
1.3.1- Alcorão	26
a) Informações preliminares	29
1.3.2- Ahadith. O que são?	33
1.3.2.1- Introdução à coletânea Qudsi	35
a) Informações preliminares	35
b) Principais temas da coletânea	36
1.3.2.2- Introdução à coletânea Sahîh Al-Bukhâri	36
a) Informações preliminares	36
b) Principais temas da coletânea	41
Capítulo II – O conteúdo dos textos	42
2.1- O Método	42
2.2- O Alcorão: as suratas que se relacionam com o objeto	43
2.3- Os ahadith que se relacionam com o tema da tese	56
2.3.1- Fonte: Ahadith Qudsi	56
Paraíso e inferno	56
Martírio	61
Mundo, sua impermanência e prazer mundano	63
Ressurreição e virtudes	64
Suicídio e homicídio	70
2.3.2- Fonte: Sahîh-Al-Bukhâri	71
Paraíso e inferno	71
Martírio	73

Mundo, sua impermanência e prazer mundano	73
Ressurreição e virtudes	74
Suicídio e homicídio	75
 Capítulo III – Do conteúdo ao significado. Uma hermenêutica dos textos para analisar a ação das “bombas humanas”	 77
3.1- O sentido do jihad e as ações violentas	77
Jihad como luta violenta	77
A reação do mundo islâmico contra esta interpretação	77
3.2- Seriam mártires?	85
A extensão do martírio no Alcorão e nos ahadith Qudsi e Bukhâri	87
Diferenças no Islã entre xiitas e sunitas	88
Categorias de mártires não combatentes	90
3.3- Terrorismo ou luta política?	92
3.4- A mística do amor e da solidariedade universal a partir dos textos	99
As condições para alcançar o paraíso e evitar o inferno	100
A impermanência desse mundo e o prazer mundano	101
Virtudes	103
A preocupação na construção de uma sociedade justa	105
 Conclusão	 112
 Bibliografia	 118
 Anexo 1 – Agrupamento Temático: Alcorão	 122
Anexo 2 – Agrupamento Temático: Ahadith Qudsi	129
Anexo 3 – Agrupamento Temático: Ahadith Bukhâri	140
Anexo 4 – Agrupamento Comparativo: Alcorão e Ahadith Bukhâri	144
Anexo 5 – Agrupamento Comparativo: Alcorão e Ahadith Qudsi	153
Anexo 6 – Apelação de Meca	162

INTRODUÇÃO

Em recente estudo sobre homens e mulheres bombas realizado em dissertação de mestrado¹, ficou constatado tratar-se de um fenômeno extremamente complexo, sobre o qual autores não muçulmanos estabelecem múltiplas e divergentes caracterizações.

Trata-se de um ato praticado de forma consciente, principalmente no que tange ao resultado, de uma nova categoria de arma de destruição individual e concomitantemente coletiva. Suas particularidades não possibilitam conceituá-lo como simples suicídio.

Os conceitos de morte (seja natural, homicídio ou suicídio), se analisados individualmente, não dão conta de atender as características personalíssimas do ato, cujo resultado alcançado vai além da morte do praticante (suicídio) e atinge ao mesmo tempo a morte (homicídio) de outras pessoas.

Ao analisarmos o fenômeno, foi possível detectar, inicialmente, duas situações: primeiro, que ele ocorre entre os adeptos do Islamismo, entre outras religiões; segundo, que é constatável um sentimento altruísta na preparação do praticante.

O crescimento do fenômeno, o debate a respeito do terrorismo e os danos causados à integridade física das pessoas e em patrimônios produziram um interesse acadêmico pelo tema e resultaram em alguns estudos em torno do nosso objeto. Foi possível, através dos autores não muçulmanos estudados, observar as diversas posições relativas ao fenômeno e generalizações indevidas com relação ao Islamismo.

Percebemos uma tendência geral, salvo exceções, de ver o fenômeno ainda sob o prisma ultrapassado de um choque de culturas ou de civilizações. Assim, essa prática revelaria o antagonismo de uma civilização ainda bárbara e anti-moderna frente à “civilização ocidental”, “democrática”, “respeitosa” dos direitos humanos e

¹ CAMARGO, Valéria. *Matar-se em nome de Deus? Uma análise do suicídio praticado pelos homens e mulheres bombas no Islamismo*, 05/06/2007, 153 folhas, Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP.

avançada em tecnologia e conquistas sociais, o que caracteriza uma visão essencialista. Também notamos, salvo exceções, a tendência em apontar a religião como fator preponderante; certas leituras enviesadas desse fator amiúde conduzem alguns autores a condenar, explícita ou implicitamente, no bojo da religião, a própria cultura islâmica.

Observamos que há leituras incorretas das fontes islâmicas e do próprio Islamismo, ignorando a complexidade do fenômeno e deixando de ir além dos reducionismos.

No estudo ficou patente que não há uma única resposta para o porquê de homens e mulheres bombas se matarem, pois eles o fazem não só em nome de Deus, mas movidos por múltiplas razões.

As leituras estudadas atribuem à prática inúmeras caracterizações: ato de terrorismo, suicídio terrorista ou tática terrorista; ato religioso; ato de neuróticos e fanáticos; expressão do fundamentalismo, cujas motivações seriam causadas por grupos radicais, por uma leitura equivocada do Alcorão pela qual o ato integraria o jihad, como martírio e redenção.

As motivações apontadas são múltiplas: motivos políticos e geopolíticos; motivos psicológicos, internos e individuais, com a incorporação da doutrinação pelos praticantes e o consequente compromisso com a causa islâmica. Motivos sócio-econômicos e culturais: a pobreza, o assassinato de familiares e amigos, e o enfrentamento das violências sofridas, a resistência à invasão do Ocidente, a salvação da cultura e da religião islâmica, a luta social contra a desigualdade, a afirmação do poder islâmico, a invasão do território, o colonialismo; a ideologia reacionária contra a modernização, a globalização e a tecnologia.

Concluimos com o estudo que a complexidade do ato não permite considerá-lo apenas como um suicídio ou um suicídio altruísta porque não se trata somente da morte da vítima; a prática está envolvida em amplo contexto sócio-econômico, político, religioso de luta violenta e vitimadora. Não pode ser reduzido ao terrorismo porque se faz necessário compreendê-lo nas relações específicas que o envolvem – com Deus, com a sociedade em que vivem, e com os seus conflitos, enfim com o contexto cultural –, pois é esse conjunto que “governa” o surgir desse fenômeno.

Descartamos também a perspectiva de caracterizar os homens e mulheres bombas como integrantes de um suposto “fundamentalismo islâmico” porque essa posição ignora o contexto em que o termo “fundamentalismo” foi originado (no protestantismo) e o contexto em que o ato suicida é praticado. Não podemos elevar a religião ao patamar de uma motivação exclusiva, embora seja de grande relevância. Outros fatores podem ser observados, tais como o político, os sócio-econômicos e os culturais.

A imolação dos homens e mulheres bombas pode ser considerada como “destruição sacrificial”, e “uma doação necessariamente retribuída”; e trata-se essa dádiva de um “fenômeno complexo”, pois vai de encontro à consciência moral que não só repudia o massacre de si como também o sacrifício de outrem. Por fim, ressaltamos que a prática suscita um profundo dilema ético porquanto busca justificar ou legitimar a violência e a destruição em razão da nobreza dos fins almejados. Como todo ato violento, ela revela, em pequena escala, no seu extremo heroísmo, a profunda barbárie que permeia o ser humano e as civilizações.

Como dito anteriormente e como defende Abdullah Ibn Abdul Mohsin Al-Turki, em seu livro *El Islam contra el terrorismo* (O islã contra o terrorismo), “A campanha de desprestígio apontando para uma imagem hostil do Islã segue ignorando a luta a favor da paz social na escala internacional, acusando falsamente o ensino islâmico de ser instigador e cúmplice do terrorismo”. (2007, p. 05)

A imputação de que as escolas de ensino religioso e as instituições benéficas islâmicas fundam e financiam o terrorismo provem de ideologias que mostram uma imagem sem oferecer nenhuma prova eficiente que justifique essa posição.

Todos os livros, estudos acadêmicos, informes, artigos de imprensa, declarações feitas por altos cargos políticos e decisões jurídicas tomadas pelas autoridades máximas islâmicas não têm sido levados em consideração pelos referidos círculos sociais, econômicos e políticos porque a imputação do terrorismo ao Islã é o objetivo buscado.

Como atualmente o terrorismo ocupa uma grande parte do espaço vital e gera preocupações em todos os âmbitos da vida, principalmente na segurança, na política e na economia, intelectuais, sociólogos e políticos tentam aprofundar um

estudo do fenômeno para analisar suas motivações, seus fins e seus efeitos destrutivos, com o fim de planejar a melhor maneira de combater suas esta sequelas que estão tomando dimensões pandêmicas.

Existe um esforço do mundo muçulmano para destacar o que diz a jurisprudência islâmica a respeito das “bombas humanas” e há estudos realizados nos últimos anos pelos distintos institutos e organizações islâmicas sobre esses problemas, assim como medidas são tomadas nos vários âmbitos para frear as atividades terroristas, parar seus efeitos e erradicar suas estruturas. Essas medidas serão expostas no capítulo terceiro.

Após os atentados de 11 de setembro, o xeique Muhammad Sayyid Tantawi, da Universidade de Al Azhar (fundada no século 10, no Egito, a mais prestigiosa instituição teológica sunita), afirmou: “Matar homens, mulheres e crianças inocentes é um ato horrível que nenhuma religião monoteísta aprova e que é rejeitado por todo espírito humano são” (FARAH, 2001, p.8).

Organizações islâmicas se esforçam para pôr ao alcance dos leitores a visão islâmica sobre o terrorismo baseada em textos incontestáveis das fontes por excelência da jurisprudência islâmica: O Alcorão e a Suna – normas jurídicas do Profeta Muhammad.

O estudo global do terrorismo, a análise crítica de suas origens e motivações são meios para uma avaliação realista com vistas a medidas globalizantes, partindo sempre de uma definição clara e concisa do termo terrorismo, para não confundir e punir injustamente povos e comunidades indefesas que lutam por seus direitos legítimos, internacionalmente reconhecidos.

Unindo-nos a essa corrente, pretendemos contribuir para esclarecer esse espinhoso problema procedendo à análise da violência e do significado do martírio no Islamismo, a partir da leitura das fontes islâmicas, de declarações e interpretações de teóricos e organizações muçumanas. Para termos uma leitura mais adequada do fenômeno são necessárias a ida às fontes, às interpretações do Islamismo e a busca de uma compreensão mais exata das suas matrizes religiosas e culturais.

Em tempos pós-Primavera Árabe e de suas reverberações, esta tese reforça a importância de conhecer e analisar fontes diversificadas e de não ater-se a uma leitura única dos acontecimentos. Nos eventos iniciados em princípios de 2011, “os partidos islâmicos têm tido variado grau de envolvimento nos atos de protesto no *Maghreb*, no *Machreq* e no *Khalīj*. De toda forma, porém, não assumiram a hegemonia em nenhuma mobilização nem se sobressaíram aos movimentos civis” (FARAH, 2011, p. 50).

O próprio termo terrorismo é objeto de imprecisões e ainda não possui uma definição consensual aceita em organismo e instituições internacionais, como a ONU, e tampouco na esfera acadêmica.

O autor citado anteriormente, Al-Turki, secretário-geral da Liga Mundial Islâmica, na sua posição de autoridade islâmica, questiona por que não há um consenso sobre a definição do termo “terrorismo” e alerta sobre as imprecisões nas análises sobre o suposto martírio das chamadas “bombas humanas” que não contemplam o que dizem as fontes islâmicas.

O objeto proposto é a análise da violência e do significado do martírio no Islamismo, a partir da leitura das fontes islâmicas, privilegiando o Alcorão e os *ahadith* e, de declarações e interpretações de teóricos e organizações muçulmanas.

Muitas questões para o cientista da religião surgem deste objeto. A primeira questão diz respeito às fontes do Islamismo sobre as quais importa perguntar: quais são as principais; como se diferenciam; quais são as que mais interessam ao nosso objeto; por quem e como são interpretadas?

A busca de respostas a esse primeiro conjunto de questões será o objeto do primeiro capítulo da tese.

O segundo conjunto de questões vai ao conteúdo dos textos a ser pesquisado nas fontes. Quais textos focalizam a violência, o martírio, o *jihad*, as virtudes do bom muçulmano, os castigos e a recompensa? Esse conjunto de questões será objeto da busca do segundo capítulo no qual será organizado o conteúdo dos textos selecionados.

O terceiro conjunto de questões é hermenêutico. Que interpretação deve ser dada aos textos focalizados e organizados? Seriam eles fonte de violência? Ou

conteriam uma mística de amor e solidariedade? Podem dar suporte à prática da violência que caracteriza as “bombas humanas”? Como os autores contemporâneos muçulmanos, reconhecidos como interpretes fidedignos, lêem estes textos diante da questão do terrorismo e da violência?

A hipótese que pretendemos demonstrar é que as fontes do Islamismo contêm princípios de elevação espiritual e união com Deus e o próximo. Não são fonte de violência. O jihad deve ser interpretada nessas fontes como

o “esforço” que o muçulmano deve fazer para aperfeiçoar-se, por meio do estudo e da atividade intelectual, por exemplo. Pode referir-se ainda à defesa da família, da honra e da comunidade islâmica em diversas frentes – espiritual, política, militar e econômica – e constitui um nome próprio bastante comum entre muçulmanos de variadas nacionalidades” (FARAH, 2001, p.73).

Entretanto, o radicalismo que impera em certos movimentos islâmicos produz uma leitura beligerante das fontes, ou seja, uma leitura que busca legitimar a violência e leva a promover as ações dos homens e mulheres bombas.

Para analisar nosso objeto, será necessário recorrer a textos islâmicos que focalizam conceitos centrais como a teologia islâmica em suas fontes e nos intérpretes reconhecidos.

Abdullah Ibn Abdul Mohsin Al-Turki, na obra *O islã contra o terrorismo*, além de questionar, como foi dito, o porquê de não haver um consenso sobre a definição do termo “terrorismo”, disserta a respeito das imprecisões e das análises sobre o martírio que não contemplam o que dizem as fontes islâmicas.

Outro teórico importante, não islâmico, é Michael Bonner, cujo trabalho *Le jihad, origines, interpretation, combats* oferece análises consistentes sobre a violência e o martírio indo às fontes islâmicas.

Também Farah, em seu livro *O Islã*, traz importantes subsídios para a interpretação das fontes.

As categorias principais a serem expostas a partir das fontes são: jihad, paraíso, inferno, ressurreição, virtudes, suicídio, homicídio.

Ao longo da pesquisa adotaremos os seguintes procedimentos:

- 1- Seleção das fontes islâmicas e dos textos principais;
- 2- Tradução;
- 3- Interpretação;
- 4- Aplicação à análise do objeto;
- 5- Discussão, conclusões e redação final.

A metodologia a ser seguida na coleta e organização dos textos das fontes será explicitada no capítulo segundo.

Jihad no Alcorão, buscaremos os textos na tradução oficial do Professor Nasr, projeto realizado pelo CDIAL - Centro de Divulgação do Islam para a América Latina, com a colaboração da Liga Islâmica Mundial em Makkah Nobre, única versão reconhecida pela Liga Islâmica Mundial e impressa no Complexo Rei Fahd, em Medina, na Arábia Saudita, órgão ligado ao governo saudita.

Utilizaremos os ahadith, *110 Ahadith Qudsi – sayings of the Prophet Having Allah's Statements* – Darussalam – commentaries by Ibrahim M. Kunna . King Fahd National Library que focam jihad, martírio, virtudes, recompensas e castigos, além da explicação sobre importância do hadith e diferença dele com o Alcorão.

Complementaremos a busca do sentido de jihad na fonte Sahîh Al-Bukhâri ; Ryadh, Darussalam, 1996 e ainda a explicação sobre a importância de Al-Bukhâri para o estudo dos ahadith.

Para o estudo do martírio e do jihad teremos como base *Le jihad – origines , interprétations, combats* . (BONNER, 2004).

Todas as traduções dos textos em inglês citados de Bonner (2004), os ahadith Qudsi e a tradução de Al-Turki, do livro em espanhol, *“El Islam contra em terrorismo”* (O islã contra o terrorismo) são nossas. As traduções do árabe da coletânea dos ahadith Bukhâri são do Professor Paulo Daniel Elias Farah.

O corpo da tese será organizado em três capítulos. No primeiro, exporemos noções preliminares sobre Islamismo e sobre as fontes sagradas da doutrina e da prática islâmica. No segundo, procederemos à coleta e à organização dos principais textos das fontes que dizem respeito ao nosso objeto. No terceiro, faremos as análises e interpretações para responder as questões formuladas tendo em vista a hipótese orientadora do trabalho.

CAPÍTULO I

As fontes do islamismo: textos sagrados

Inicialmente, serão explanadas algumas noções preliminares sobre o Islamismo e sobre as fontes sagradas, em especial o Alcorão e o hadith.

1 – Noções preliminares sobre o Islamismo

1.1 – Islamismo

A palavra “Islamismo”, ou “Islã”, vem de *Islam*, que significa “submissão [a Deus]”. Crença religiosa monoteísta cujo último profeta foi Muhammad² no século VII depois de Cristo (FARAH, 2001, p.11).

Não possui mediação sacerdotal e sua doutrina “se baseia no livro sagrado (Alcorão), nos atos, ditos e ensinamentos (hadith) de Muhammad, considerado o último mensageiro enviado por Deus”. O Islamismo acredita “nos profetas anteriores a Muhammad, inclusive Jesus Cristo” (*Ibid.*, p.11).

Foi da “raiz (slm, em árabe) que se originou “muçulmano” (de muslim, “aquele que se submete a Deus”) e salâm (“paz”)” (*Ibid.*, p.11). Muçulmano é o adepto ao islamismo que crê “num único Deus (Allâh ou Allah, termo usado por árabes cristãos³), onipotente, que criou a natureza por meio de um ato de misericórdia” (*Ibid.*, p.11).

Não nega o “judaísmo nem o cristianismo”, mas se “considera a religião que completa as mensagens anteriores e sela o período das profecias numa síntese final”, porém não “aceita a doutrina do pecado original” e acredita que Deus enviou os profetas à Terra por ter consciência “da debilidade moral da humanidade” (*Ibid.*, p.11).

² Muhammad – grafia usada por Farah. Veremos ainda citação de autores que utilizam Mohammad ou Maomé, sendo esse último considerado incorretamente transliterado. (FARAH, 2001, p.11).

³ Ao longo da tese encontraremos as grafias Allah e Allâh, de acordo com as citações, nós utilizaremos “Deus”.

Não há separação da religião e do Estado no Islamismo. Por esta razão, ela é atuante na forma de organização da sociedade, pois “o indivíduo se integra na coletividade e a obediência à vontade divina define a estrutura social” (M. BOISSARD, apud HADDAD 2000, p.08).

Com a unicidade (Estado e Religião), o Islamismo oferece um credo capaz de reger todas as esferas da vida dos muçulmanos (ABDOUNI, 2005), exigindo obrigações religiosas para os muçulmanos autênticos, independentemente do tempo de sua conversão ou do país em que resida. As obrigações estão enumeradas nos cinco pilares fundamentais:

1- Testemunhar ‘que não há divindade senão Deus e que Muhammad é o mensageiro de Deus’.

2- Orar cinco vezes por dia em direção a Meca – berço do Islamismo e lugar sagrado.

3- Pagar para a caridade um tributo (zakat) que corresponde a 2,5% da renda anual do muçulmano.

4- Jejuar no mês do Ramadã, época em que comer, beber e manter relações sexuais são atividades proibidas entre a alvorada e o anoitecer.

5- Fazer uma peregrinação (o Hajj) a Meca, pelo menos uma vez na vida, para aqueles que têm condições físicas e financeiras. (FARAH, 2001, p. 24-25).

Para efeitos deste trabalho, Islamismo e Islã serão considerados sinônimos. Não haverá distinção de nenhuma ordem vinculada a essa terminologia não obstante o fato de que alguns autores procuram estabelecer uma divisão equivocada do termo na língua portuguesa.

O Islã teve origem na Arábia (HELLERN *et al*, 2000), e há cerca de mil e quatrocentos anos se difundiu por três continentes – África, Ásia e Europa –, além de diversas sociedades (DEMANT, 2004).

Segundo Kamel, nos primeiros anos do Islamismo, foi estabelecida uma separação entre os muçulmanos: sunitas e xiitas. Após a morte de Muhammad “teve início um período de 28 anos durante o qual, pouco a pouco, foi se formando uma profunda divisão no seio do Islamismo” (KAMEL, 2003, p.05).

Para o autor, essa divisão ocorreu porque, segundo os sunitas, o Profeta jamais indicou quem seria o seu sucessor (“califa”, em árabe); segundo os xiitas, Maomé teria deixado claro que o sucessor seria seu primo Ali⁴ (Ibid., p.05).

O autor alerta que essa divisão entre sunitas e xiitas é uma primeira divisão, mas que ambas correntes se subdividiram originando outras seitas. Alerta, ainda, que a corrente xiita mais poderosa encontra-se no Irã e no Iraque.

Os Imãs foram se sucedendo, num processo que deu origem a muitas seitas, surgidas a cada vez que um Imã morria: ora um sucessor não era aceito, ora alguém se rebelava e se dizia ele próprio o Imã. A mais poderosa corrente xiita é maioria no Irã e no Iraque, e são conhecidos como os xiitas dos 12 Imãs, o último deles, um Imã oculto, vivo até hoje. (Ibid., p. 06).

Para Kamel, a ira entre sunitas e xiitas foi despertada através da fé. Os sunitas acreditam que os xiitas são politeístas por cultuarem santos e mártires.

Naturalmente, a fé dos xiitas sempre despertou a ira dos sunitas, que os acusam de politeístas, porque cultuam santos e mártires (alguns sunitas chegam a dizer que os xiitas divinizaram a figura de Ali). (Ibid., p.06).

O autor afirma que, apesar de sunitas e xiitas serem muçulmanos, monoteístas, acreditarem que o Alcorão foi revelado a Muhammad, compartilharem uma profunda religiosidade, submeterem-se à vontade de Deus, ambos os lados

⁴ Ali ibn Abi Taleb, primo e genro (casado com Fátima) do Profeta Muhammad. Os que acreditavam que Ali deveria liderar a comunidade islâmica foram “denominados xiitas, de *xiiat Ali*, o partido de Ali” (FARAH, 2001, p.35).

possuem grupos radicais responsáveis pela imagem que o Islamismo transmite, nos dias de hoje, de violência.

Sunitas ou xiitas, contudo, todos são muçulmanos, acreditam no Deus único e no Alcorão como tendo sido revelado a Maomé. Ambas as correntes compartilham de uma profunda religiosidade, e todos se sentem parte do islamismo, que quer dizer "submissão voluntária à vontade de Deus". Islã é uma palavra que, em árabe, tem a mesma raiz de "paz". É mesmo uma lástima que os grupos radicais de ambos os lados contribuam para que, no mundo de hoje, o islamismo tenha, para muitos, uma imagem de violência. (Ibid., p.06).

No próximo tópico, apresentamos a religião e a religiosidade no Islamismo para entender as particularidades que se enquadram no objeto estudado.

1.2. – Religião e religiosidade no Islamismo

A religião islâmica é uma das religiões que mais crescem no mundo e vem se expandindo por diversos países. Farah afirmava em sua obra publicada em 2001 que existia no “mundo cerca de 1,3 bilhão de muçulmanos, que formam a maioria da população ou minorias significativas em quase 60 países” (FARAH, 2001, p.30 e 31).

Os muçulmanos estão presentes de forma maciça, entre outros lugares, na Bósnia-Herzegovina, Albânia, Marrocos, Saara Ocidental, Mauritânia, Senegal, Gâmbia, Guiné-Bissau, Guiné, Serra Leoa, Costa do Marfim, Togo, Benin, Burkina Fasso, Mali, Argélia, Níger, Nigéria, Chade, Líbia, Tunísia, Tanzânia, Uganda, Sudão, Somália, Etiópia, Eritreia, Egito, Iêmen, Arábia Saudita, Bahrein, Jordânia, Gaza, Cisjordânia, Líbano, Iraque, Síria, Turquia, Azerbaijão, Cazaquistão, Uzbequistão, Turcomenistão, Irã, Kuait, Qatar, Afeganistão, Paquistão, Quirguistão, Tadjiquistão, Emirados Árabes Unidos, Bangladesh, Brunei, Djibuti, Omã, Malásia e Indonésia (Ibid., p. 30-31).

Apesar das diferenças culturais, o Islamismo não encontrou obstáculos para crescer em outros povos. Farah demonstra que a idéia de que o Islamismo é uma

religião existente somente em países do Oriente Médio é errônea, há muçulmanos em muitas outras localidades, devido a múltiplos fatores, incluindo o comércio, a tradição de viagens em busca do conhecimento, além do trabalho de pregação e conversão.

Demant apresenta outro fator para o crescimento do que chama de “fé expansionista”, ou seja, a redescoberta dos muçulmanos. O autor classifica como um retorno “à prática religiosa de pessoas que já são muçulmanas, mas que redescobrem a sua fé por uma variedade de causas” (DEMANT, 2004, p. 194).

Embora a religiosidade islâmica se desdobre em dois aspectos: o cultural e o religioso, propriamente dito, esses aspectos não aparecem separados. Para Hellern et al, o Islamismo, embora seja uma religião, não compreende apenas a esfera religiosa-espiritual, mas sim todas as esferas da vida humana, por ser onipresente e penetrar nos vãos da vida cotidiana. Portanto, é

[...] uma religião (din), com tudo o que este termo implica (crença, ritual, normas, consolação etc.), ao mesmo tempo em que é uma comunidade (umma) e um modo de viver ou tradição (sunna) que regulariza todos os aspectos da vida: o indivíduo e as etapas de seu desenvolvimento; a educação; as relações entre homens e mulheres; a vida familiar e comunal; o comércio e o governo, a justiça e a filosofia. Ou seja, tudo se concentra num sistema jurídico-religioso total, a xaria (shari’a ou caminho certo), que se edificou, com base nas fontes sagradas, nos primeiros séculos do Islã, mas cujo desenvolvimento não cessou até hoje, reagindo a circunstâncias sempre novas. Tal complexidade levou à emergência de uma classe prestigiosa de legistas-intérpretes especializados, os ulemás (ulama). A consequência dessa onipresença da religião, que penetra todos os desvãos da vida cotidiana, é que o Islã se tornava um (senão “o”) principal elemento formativo da identidade coletiva das populações subjugadas a ele. (Ibid., p. 35).

Do texto de Hellern podemos conferir que a lei islâmica (charia), assim como o Estado, não fazem distinção entre o aspecto religioso e a conduta pessoal-social do muçulmano. Para Gilissen, a lei islâmica institui o direito muçulmano que é “o direito da comunidade religiosa islâmica”, regendo “todos os adeptos da religião islâmica, onde quer que eles se encontrem” (GILISSEN 1995, p. 117).

A diferença entre o direito muçulmano e os demais sistemas jurídicos espalhados pelo mundo é o alcance das leis que atinge todos os âmbitos da vida de um grupo religioso.

A religião islâmica compreende a teologia (que fixa os dogmas e determina aquilo em que o muçulmano deve acreditar) e a charia (legislação islâmica que prescreve aos crentes aquilo que devem ou não fazer). A charia, segundo Farah, são leis islâmicas baseadas nas fontes.

Entre os teólogos muçulmanos, além de Al Ghazali (1058-1111), que influenciou S. Tomás de Aquino (1125-1274), destaca-se Al Ashari (873-935), que disse que a compreensão da natureza única de Deus está além da capacidade humana.

Al Kindi, o “filósofo dos árabes”, fundou no século 9º d. C., em Bagdá, a filosofia peripatética islâmica, “que procurou integrar de forma harmoniosa ensinamentos islâmicos ao aristotelismo e ao neo-platonismo” (FARAH, 2001, p.11).

“Não devemos nos envergonhar de reconhecer a verdade e de assimilá-la, venha de onde vier, mesmo que seja de povos estrangeiros”, escreveu Al Kindi, autor de mais de 250 obras sobre matemática, física, medicina, farmácia, música, geografia e filosofia, entre elas “De Intellectu” (Sobre o Intelecto). “Para aquele que busca a verdade, não há nada mais valioso do que a própria verdade”, dizia. O filósofo se interessou de maneira especial pela relação entre razão e fé, como indica Farah (Ibid., p. 50).

Ciotola em seu artigo, “A recepção dos direitos fundamentais na constituição da República Islâmica do Irã”, publicado pela revista Direito Eletrônica PUC/RJ⁵, 2004, cataloga as fontes, nas páginas 4 a 6:

⁵ http://sphere.rdc.puc-rio.br/sobrepuc/depto/direito/revista/online/rev14_marcelloc.html

1. o Alcorão que é o livro sagrado do Islã, compreende cerca de cinco mil versículos, agrupados em cento e catorze capítulos. Nele, encontramos o fundamento do direito muçulmano, assim como de toda a civilização muçulmana; (CIOTOLA, 2004, p.4).

2. a Suna ou tradição é constituída pelo conjunto de atos, comportamentos e palavras de Maomé, tal como foram relatados por seus discípulos. A suna constitui o segundo pilar sobre o qual se baseia o direito muçulmano (o primeiro, evidentemente, é o Alcorão) e, de fato, contém uma abundante coletânea de casos, de situações aos quais se referir, em caso de surgir alguma dúvida ética ou prática e que o juiz tenha que estabelecer a posição mais de acordo com a ortodoxia islâmica; (Ibid., p.5).

3. o acordo unânime da comunidade muçulmana ou “Idjmâ”, para suprir a insuficiência do Alcorão e da Suna, que não poderiam, evidentemente, dar resposta para tudo, desenvolveu o dogma da infalibilidade da comunidade muçulmana; quando esta exprime um sentimento unânime não requer o acordo da multidão dos muçulmanos, sendo suficiente o acordo unânime dos doutores da lei; (Ibid., p.5).

4. o raciocínio por analogia constitui tudo aquilo que pode ser deduzido do Alcorão e da Suna, servindo para suprir as lacunas das outras fontes. (Ibid., p.6).

Essas fontes sagradas do Islã são válidas para todas as correntes religiosas islâmicas, entre xiitas, sunitas e sufis. Foi neste último que surgiu a mística, porém não está presente só nele. Hoje a mística tem grande importância no Islamismo. Embora se revele de forma mais clara no sufismo, ela não está restrita somente a este universo, pois também a encontramos entre os xiitas e sunitas.

O direito muçulmano é formado pelo conjunto das fontes descritas acima. Para Antes, ao perceberem que o Alcorão não dava conta de solucionar todos os problemas, foi necessário adicionar outras fontes para suprir as deficiências, tendo

como resultado “um sistema relativamente flexível, com orientações para todos os domínios da vida”. (ANTES, 2003, p. 105-106).

Na opinião do autor, esse sistema “perdurou muito bem através dos séculos e só se tornou um problema com o surgimento do conflito entre os muçulmanos e o mundo moderno” (Ibid., p. 105-106).

Um tema constante em obras islâmicas e árabes é o da dicotomia tradição-modernidade. Na literatura, por exemplo “faz-se clara a divisão entre o mundo tradicional e o moderno” com frequência. Para citar um exemplo, na obra *O Beco do Pilão*, de Naguib Mahfuz, Prêmio Nobel de literatura em 1988,

comprimido entre o passado e o presente, o egípcio parece paralisado em relação ao futuro. Logo no início do romance, o velho poeta e contador de histórias, que durante décadas recordou os clientes do Café do Kircha as aventuras e as conquistas de heróis árabes tradicionais, é expulso do local para marcar a rejeição do passado e um ato de modernização: um rádio é instalado no Café, que não pode mais acomodar o poeta. O novo e o antigo não conseguem coexistir, parece dizer Mahfuz. Cada um deve decidir a que lado pertence (MAHFUZ, 2003, p. 316-371).

Outra fonte islâmica essencial, além do Alcorão, é o Hadith⁶, que são os ditos e ações atribuídos ao profeta Muhammad, consultados sempre que os muçulmanos não vêm no Alcorão uma instrução específica sobre determinada situação. (FARAH, 2001, p. 23). Passamos agora a focalizar as duas fontes principais da doutrina e da prática islâmica.

1.3 – As fontes

1.3.1 – Alcorão

⁶ Hadith – singular e ahadith – plural. Encontra-se também a escrita Ahâdith e 'Ahâdîth (que indica as vogais longas do original árabe).

A estrutura do Alcorão é o que mais interessa à pesquisa. Ao longo da tese, as citações do Alcorão serão colhidas da obra, Tradução do sentido do Nobre Alcorão para a língua portuguesa realizada pelo Dr. Helmi Nasr, professor de Estudos Árabes e Islâmicos da USP.

A tradução foi um projeto realizado pelo CDIAL - Centro de Divulgação do Islam para a América Latina, com a colaboração da Liga Islâmica Mundial em Makkah Nobre.

Utilizaremos essa versão por ser a única reconhecida pela Liga Islâmica Mundial. Foi impressa no Complexo Rei Fahd, em Medina, na Arábia Saudita, órgão ligado ao governo saudita.

Nasr iniciou a tradução em 1984 e terminou quatro anos após. Desde então, passou por um longo período de revisão até o lançamento oficial em outubro de 2005, em Brasília.

De acordo com o Jornal da Universidade de São Paulo, USP, versão digital de 3 a 9 de novembro de 2003, ano XVIII, nº 664, páginas 10 e 11.

Em 2004, completam-se 20 anos do início do monumental trabalho coordenado por Helmi Nasr, professor aposentado da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP. A tradução propriamente dita não foi a principal causadora da demora: iniciada em 1984, ela estava concluída em 1988. O texto foi então enviado para o Complexo Rei Fahd, em Medina – uma das cidades sagradas do Islamismo –, na Arábia Saudita, para ser examinado pelos especialistas responsáveis por aprovar as versões do livro em outras línguas. Só depois de muitas idas e vindas, revisões, consultas e visitas do próprio professor Nasr à Arábia é que o material foi aprovado pela Liga Islâmica Mundial.

O volume possui cerca de 1.200 páginas em papel seda. Em cada uma, estão lado a lado as suratas (capítulos do Alcorão) em árabe e a tradução em português.

Abaixo delas, um bom espaço é dedicado a comentários e notas com referências históricas e outras explicações, tanto de caráter lingüístico quanto teológico.

O mesmo jornal informa que

o professor Helmi Nasr coordenou uma equipe de dez especialistas nas mais diversas áreas – estilo e gramática, entre outras – para produzir todo o material. Tanto cuidado se justifica. O Alcorão é mais do que um relato religioso: ele é um código que rege a vida em todas as áreas – financeira, familiar, social etc. Além disso, os muçulmanos crêem que Maomé foi o último profeta e, portanto, no Alcorão está registrada a última mensagem enviada por Deus aos seres humanos. Considerado o terceiro livro sagrado – depois da Torá judaica e do Evangelho cristão –, em muitos lugares o texto confirma o que a própria Bíblia já relata no Antigo e no Novo Testamento. “O Alcorão dá ordem de crer nos mensageiros de Deus. Temos 25 profetas da Bíblia mencionados nele, como Adão, Noé, Abraão, Isaque, Davi e Jesus”, diz Nasr.

A tradução, conforme relata o jornal, “chega num momento em que os conflitos no Oriente Médio, berço das três grandes religiões monoteístas do planeta – judaísmo, cristianismo e islamismo –, parecem ter chegado numa encruzilhada em que é difícil vislumbrar soluções pacíficas”.

Além da versão impressa, distribuída gratuitamente, o livro é disponibilizado no site “Brasileiros Muçulmanos”⁷. Há também uma versão em 37 CD's de áudio que contém duas partes. A primeira é a recitação dos versículos do Alcorão Sagrado em língua árabe. A segunda parte é a leitura dos significados dos versículos em língua portuguesa pela voz de Alfredo Alves, locutor da TV e Rádio Cultura.

O site faz a seguinte menção:

⁷ http://www.brasileirosmulcumanos.net/brasileiro/viewpage.php?page_id=6, acessado em 12/09/2004.

A tradução do Alcorão Sagrado para todas as línguas do mundo é uma honra para o crente assim como é uma grande responsabilidade. A tradução é um esforço humano, sendo assim, são palavras de um ser humano com a finalidade de fazer quem não entende ou não domina a língua árabe ter acesso à orientação de Allah expressa no Alcorão.

a) Informações preliminares

Na obra O Islã, Farah explica que, “considerado a principal fonte do islamismo, o Alcorão é o livro sagrado cuja revelação completa levou 23 anos. O Alcorão é composto de 114 capítulos, denominados suratas, com um número variado de versículos (ayas), somando 6.236” (FARAH, 2001, p. 22).

Os capítulos revelados antes da migração do Profeta para Medina são chamados de mequienses, ou capítulos de Meca, por ser a cidade onde o Profeta teve a revelação; e os revelados após a migração, de medinenses ou capítulos de Medina (Medina refere-se a Medinat an-nabi, ou seja, a cidade do profeta, e passou a ser conhecida apenas como Medina-cidade).

As suratas possuem tamanhos variados, a mais longa é a Al-Bácar, a Vaca, que consiste em 286 versículos, e a mais curta é Al-Cauçar, a Abundância, de apenas 3 versículos.

Os capítulos de Meca, de um modo geral, consistem de sentenças breves, cheias de entusiasmo, poéticas, sublimes e resplandescentes. Eles salientam a Unicidade e Majestade de Deus, o Mais Exaltado, o Mais Elevado, denunciam a adoração indolente, prometem o paraíso para os justos e advertem os pecadores para a punição do Inferno, confirmam a autoridade do Profeta Muhammad e lembram a missão dos profetas passados e dos eventos de seus tempos.

Os capítulos de Medina são mais extensos e os versículos são mais monótonos. Falam sobre os aspectos ritualísticos do Islã, como o Zakat, o Jejum e a Peregrinação. Estabelecem códigos éticos e morais, leis penais, políticas sociais,

econômicas e de Estado, dão orientação para as relações externas, normas e regulamentos sobre as batalhas e os cativos de guerra.

Também contêm descrições de algumas das primeiras batalhas do Islã. Anunciam a condenação dos hipócritas. Enfatizam a mensagem básica unificada de todos os profetas passados. Exortam os seguidores da verdade a fazerem do Alcorão seu único guia.

Samir El Hayek, no artigo “Introdução ao Alcorão”, publicado no site do Centro Cultural Beneficente Islâmico de Foz do Iguaçu⁸, afirma que, para os muçulmanos, o *“Alcorão é a palavra de Allah, revelada a Mohammad”*. Seus capítulos são denominados de surata, *“ele foi revelado, versículo por versículo, surata por surata, de acordo com as situações e os acontecimentos, no decorrer dos vinte e três últimos anos da vida do Profeta Mohammad”*.

El Hayek, no mesmo artigo, afirma que não é possível precisar o tempo em que o Alcorão passou a ser redigido, mas que, durante os “dezoito anos da vida do Profeta, o número dos muçulmanos, como também das cópias do texto Sagrado, continuou aumentando dia a dia. O Profeta recebia as revelações em fragmentos”.

Segundo Bonner

O Alcorão é, no dogma muçulmano e no uso corrente, literalmente, “a palavra de Deus” tal qual foi transmitida ao mundo por intermédio de Muhammad (morto em 632). Como mensagem a mais completa, a mais direta, e também mensagem última que a humanidade recebeu de seu criador, o Alcorão é a fonte primeira da lei divina islâmica (BONNER, 2004, p.31).

⁸http://islam.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=308:introducao-ao-alcorao&catid=35:o-nobre-alcorao&directory=2, acessado em 19/03/2011.

O texto do Alcorão revela acontecimentos e ensinamentos episódicos do Profeta. Diz ainda Bonner

O Alcorão histórico, o livro que hoje está à nossa disposição, é o resultado de um processo complexo de compilação e de redação. Este processo tem sido desde sempre objeto de divergências entre os especialistas, mas, conforme a teoria mais acolhida, ele já estaria terminado, ou quase, no fim do reinado do Califa Uthmaân, no ano 656. Os princípios da compilação do que é tido comumente como a “vulgata uthamana”, não nos são inteiramente conhecidos. Os versículos, redigidos muitas vezes em prosa rimada e não em poesia, são distribuídos em suratas ou capítulos.

A ordem deles sempre apresenta uma lógica claramente observável. Certo é que eles não aparecem na ordem que se imagina ter sido a da sua revelação ao profeta em Meca (aproximadamente de 610 a 622) e depois em Medina (622-632) (Ibid., 2004, p.31).

El Hayek relata ainda que o Alcorão trata de vários assuntos como a felicidade, a reforma moral dos homens, a concórdia, no presente e no futuro, que são separados pelo tempo da revelação,

Uma parte foi revelada antes da Hégira, em Makka, e outra depois, em Medina. Os versículos e as suratas revelados em Makka abrangem as normas da crença em Allah, em Seus anjos, em Seus livros, em Seus mensageiros e no Dia do Juízo Final. Os versículos e as suratas revelados em Madina dizem respeito aos rituais e à jurisprudência.

Prossegue dizendo que os muçulmanos acreditam que o Alcorão “revela a Lei imutável de Allah, quer seja na perdição dos extraviados, quer seja na salvação dos

encaminhados” e que os ensinamentos são diversos assim como os alertas, com a afirmação de que “humanidade, o que quer que faça, não alcançará a almejada felicidade se não se iluminar” (El Hayek, 2008, site).

Para enfatizar a necessidade dessa iluminação, El Hayek faz menção à Surata 99, versículos 7 e 8 do Alcorão, que diz: “Aquele que fizer um bem, quer seja do peso de um átomo, vê-lo-á; e aquele que fizer um mal, quer seja do peso de um átomo, vê-lo-á”.

Menciona ainda que os muçulmanos encontram no Alcorão os ditames para os “problemas e as questões prementes que exigem explicação e diretrizes relativas às questões da crença e do pensamento, do caráter e do comportamento, das relações econômicas, dos ramos doutrinários, dos julgamentos pessoais ou não”, como explicitado na suratas mencionadas a seguir:

Ó humanos, já vos chegou uma prova convincente de vosso Senhor e vos enviamos uma translúcida Luz (Surata 4, versículo 174).

Recorda-lhes o dia em que faremos surgir uma testemunha de cada povo para testemunhar contra os seus, e te apresentaremos por testemunha contra os teus. Temos-te revelado, pois, o Livro que é uma explanação de tudo, é guia, misericórdia e auspício para os muçulmanos” (Surata 16, versículo 89) (El Hayek, 2008, site).

O autor nota que:

Não há uma lei religiosa ou um problema, no que diz respeito ao mundo e à vida dos homens, que não tenha no Alcorão uma solução; ele é um auxílio inesgotável, guia, explicação e orientação para todos, quer seja em partes ou no todo: “Já vos chegou de Allah uma Luz e um Livro esclarecedor” (Surata 5, versículo 15). (Ibid, 2008, site).

O editor do livro Sahîh Al-Bukhâri, do qual falaremos no item 1.3.2.2, que compilou os principais ahadith, expressa com muita clareza a percepção que têm os muçulmanos da sua religião e das suas fontes:

O Islã é um sistema divino (ou regime) para todos os habitantes da Terra, e é também um poderoso tesouro para o gênero humano, se este realizar a sua autenticidade e verdade. Há uma grande necessidade de todo o mundo de hoje de compreender e estudar por inteiro suas regras e prescrições, isto é, o Nobre Alcorão e a piedosa Sunna (prescrições legais) etc. do Profeta Muhammad, pois eles (Alcorão e Sunna) respondem às demandas do povo de conhecer o seu Criador (Allâh o Todo Poderoso, o Bendito e o Altíssimo); de organizar e regular as relações entre eles sobre os fundamentos da Divina Justiça e igualdade. Eles também respondem à natureza humana nas coisas que lhe garantem o bem-estar (a felicidade) neste mundo e no outro (depois da morte) (Sahîh Al-Bukhâri, nota do editor, p. 12, 1389 da hégira que corresponde ao ano de 1970 no calendário gregoriano).

1.3.2 – Ahadith. O que são?

A principal fonte da *charia* Islâmica é o Alcorão, que é revelado nas exatas palavras de Deus. Esta revelação - *Wahy Matlu* - é frequentemente recitada, pois contem as próprias Palavras de Deus.

A segunda fonte, os *ahadith*, são ditos, atos e prescrições do Profeta pronunciados sob orientação divina, “foram reunidos durante os primeiros séculos após a morte de Muhammad” (FARAH, 2001, p.23). Fornecem explicações e demonstrações dos princípios básicos delineados por Deus, sendo tão indispensáveis a um muçulmano quanto o Alcorão para entender o Islamismo e agir de acordo com ele.

A distinção entre o Alcorão e os ahadith é que o Alcorão está expresso diretamente em palavras de Deus provenientes da *Al-Lauh Al-Mahfuz* - a Tábua Preservada - enquanto os ahadith são de Deus quanto ao sentido e são do Profeta quanto às palavras.

Existem milhares de ahadith, mas alguns são considerados mais fundamentais, como os que integram a coletânea Ahadith Qudsi, que usaremos neste trabalho, assim como a coletânea Sahîh Al-Bukhârî e a coletânea Sahih Muslim.

Michel Bonner (2004, p. 55-60), apresenta uma boa introdução ao estudo dos ahadith (plural de hadith, que significa “tradição”). A autoridade desses curtos relatos advém da origem deles que é atribuída ao profeta Muhammad, a pessoas que o cercavam (os companheiros) ou a personagens respeitados de gerações posteriores (os sucessores). A primeira categoria de hadith, atribuídos ao Profeta, é a mais respeitável.

No início foram relatos transmitidos oralmente⁹. Posteriormente, a transmissão começou a ser feita por escrito e sob esta forma os ahadith se impõem como um ramo majoritário da literatura árabe.

Bonner dá notícia de duas coletâneas principais, ambas intituladas Sahîh, que quer dizer “correto, legítimo” e foram compilados por dois sábios entre o final do século VIII e início do século IX, a saber Al-Bukhâr e Muslim Ibn-Al-Hajjâj. São as coleções mais célebres e respeitadas.

Bonner também explica a estrutura dos ahadith. Eles são compostos por duas partes principais, o *isnâd* (sustentação ou transmissão) que indica uma lista ordenada de pessoas que participaram da transmissão do relato e remontam em geral ao próprio profeta, e o *matn* (o corpo, o conteúdo).

Segundo Farah, os muçulmanos desenvolveram uma ciência especial que lida com a cadeia de transmissão (que vai da pessoa que relata o hadith, passando por vários narradores, até chegar ao profeta propriamente dito) e a autenticação do hadith, incluindo a análise biográfica dos narradores e a comparação de parâmetros

⁹ A oralidade é fundamental na cultura árabe e islâmica e é reconhecida como fonte de transmissão de conhecimento. As sociedades muçulmanas, especialmente em regiões árabes e africanas, são marcadas pela oralidade e pelo apreço por aqueles que possuem domínio da história oral; nesse contexto, a palavra adquire caráter de legitimação ao ser pronunciada.

linguísticos e geográficos. Esses critérios são importantes para considerar um hadith legítimo ou para descartá-lo.

Bonner aponta que o ensaio publicado pelo sábio húngaro Ignaz Goldziher, que se tornou referência no campo do orientalismo, tornou o hadith objeto de uma enorme polêmica.

Goldziher foi além. Segundo ele, embora os ahadith pretendam remontar diretamente ao séquito do profeta, no fim do século VII, a origem deles decorre das discussões acirradas em torno de questões doutrinárias, jurídicas e sociais do século VIII e IX. Goldziher afirma então que os ahadith são “fabricados” no todo ou em parte. Se realmente possuem um fundo de verdade histórica, isto é algo que extrapola a competência dos cientistas, de acordo com ele.

Não há dúvida de que essa posição é rejeitada pelos editores e tradutores das coletâneas que temos consultado: os ahadith Qudsi e Sahîh-Al-Bukhâri. Em todas elas foram expurgados os ahadith não autênticos, isto é, os que não remontam à época do profeta ou aos seus sucessores e não atendem aos critérios listados acima.

1.3.2.1 – Introdução à coletânea Qudsi

a) Informações preliminares

A coletânea mencionada foi retirada do livro *110 Ahadith Qudsi, Ditos do Profeta, Contendo Prescrições de Allah*, traduzidos para a língua inglesa por Syed Masood-Hasan e Revisão e Comentários por Ibrahim M. Kunna que traz na capa uma explanação do que é hadith:

Ahadith são ditos, atos e prescrições do Profeta sob orientação divina e, geralmente, são atribuídos ao Profeta no que concerne à autoridade que os reveste. Contudo, alguns Ahadith ocupam um lugar distinto e são denominados Ahadith Qudsi (Ahadith sagrados) e a autoridade nestes Ahadith é atribuída a

Allâh por meio do Profeta (...). Trata-se de uma compilação de 110 destes Ahadith relacionados aos importantes aspectos da vida, de modo que os leitores possam beneficiar-se deles para o êxito nessa vida, bem como na Vida futura (Ahadith Qudsi, páginas 9 e 10)

O editor do livro, Abdul-Malik Mujahid, explica e esclarece a importância dos ahadith Qudsi:

Nós estamos reproduzindo aqui uma coletânea de Ahadith Qudsi relacionados aos importantes aspectos da vida cotidiana, de modo que os leitores possam beneficiar-se deles para o sucesso nessa vida, bem como na Vida futura. O texto original dos Ahadith na língua Árabe também é apresentado junto com a tradução inglesa, pois as traduções não transmitem na íntegra os significados da linguagem original (Ahadith Qudsi, p. 9).

b) Principais temas da coletânea

Os ahadith da coletânea tratam dos mais variados temas. Dentre eles, focalizaremos: o paraíso e o inferno; o martírio; o mundo, sua impermanência; a ressurreição; as virtudes; o suicídio e o homicídio.

1.3.2.2 – Introdução à coletânea Sahîh Al-Bukhâri

a) Informações preliminares

O título da coletânea que consta da capa é Sahîh Al-Bukhâri árabe-inglês. Trata-se de uma compilação antiga dos ahadith recolhidos por Sahîh Al-Bukhâri que é considerado um livro autêntico de ahadith.

É interessante apontar os dizeres da orelha 1 do livro:

Além do nobre Alcorão, o segundo mais importante livro para um muçulmano é o Sahîh A-Bukâhri, pois o Mensageiro de Allâh deixou duas coisas como guias vindas de Allâh. Uma delas é o nobre Alcorão; a outra é o Ahâdith (Suna). Sempre que a nação agir de acordo com estas duas guias, jamais errará o caminho.

Desejamos que a nação Muçulmana busque solução para todos os seus problemas à luz do Alcorão e do Hadith pois o nosso sucesso nesta vida e na outra funda-se somente neles. O desejo de Maktaba Darussalam é propagar o Islã da mesma forma como foi originariamente introduzido pelo Profeta. Por isso, apresentamos aos leitores esta coleção do Sahîh Ahadith.

A orelha 2 informa:

Numerosos pesquisadores islâmicos trabalharam em períodos diferentes sobre vários aspectos do mais autêntico livro do Ahâdith – Sahîh Al-Bukhâri para recolher os seus benefícios. Alguns pesquisadores especialistas prepararam novas coleções, ora selecionando nele um grupo de Ahâdith ora cancelando os Ahâdith repetidos. O Imã Zainuddin Ahmad bin Abdul Lateef Zubaidi (ano 893 da hégira) é um daqueles que resumiram o Sahîh Al-Bukhâri com o nome de AT-Tajrid As-Sarih que, por ser um trabalho excepcional e excelente, ganhou admiração em todos os tempos.

Esta coleção compreende os Ahâdith que cobrem todos os aspectos da vida e propiciam uma orientação apropriada advinda de Allâh. Em razão da sua excepcional importância, publicamos o Sahîh Al-Bukhâri em Inglês e em Urdu para que possa ser acessível a quase todos os muçulmanos.

Como se lê na contracapa, o livro foi traduzido para a língua inglesa “em estilo simples e compreensível, isento de complicações, de modo a possibilitar aos leitores

compreendê-los com facilidade. Todo empenho foi tomado para traduzir a obra da forma mais cuidadosa possível”.

O tradutor é o Dr. Muhammad Muhsin. Segundo biografia resumida que aparece à pagina 11, ele nasceu no ano de 1345 da hégira (o que corresponde ao ano 1927 no calendário gregoriano) – em Oasûr, cidade da Província de Punjab, no Paquistão:

Seus avós emigraram do Afeganistão fugindo da guerra e dos conflitos tribais. O Dr. Muhammad Muhsin pertence à famosa tribo Al-Khoashki A-Jamandi do Afeganistão. O lugar que sua tribo habitava era o Vale de Arghastân, no sudeste da cidade de Kandahâr (Afeganistão).

Naquela cidade recebeu a maior parte da sua educação. Depois, continuou sua formação até obter o diploma de medicina no Hospital Universitário de Lahore. Em seguida, viajou para a Inglaterra e lá permaneceu por aproximadamente quatro anos onde obteve o diploma de especialização em moléstias do tórax na Universidade de Wales. Depois, trabalhou como ministro da saúde na Arábia Saudita, durante o governo do último Rei Abdul’Azîz Al-i-Sa’ûd. Permaneceu no Ministério da Saúde por aproximadamente 15 anos. A maior parte deste período transcorreu em At-Tâif, onde trabalhou como Diretor do Hospital El-Sadâd para doenças do tórax. Depois mudou-se para Medina, onde trabalhou como Diretor do Departamento de Doenças do Tórax no Hospital do Rei. Por ultimo, trabalhou como Diretor da Clínica da Universidade Islâmica, em Medina.

Na introdução ao livro, datado de 1970, o tradutor oferece preciosas informações sobre o Imã Bukhâr e seu livro Sahîh-Al-Bukhâri (p. 18-19). Ele aponta que há um consenso unânime no mundo islâmico de que a obra do Imã Bukhâr é o mais autentico entre todos os que foram produzidos na literatura em hadith.

E é tão autêntico que os eruditos religiosos do Islã assim se pronunciaram a respeito dela: “O livro mais autêntico, depois do Livro de Allâh (isto é o Alcorão) é o Sahîh Al-Bukhâri”.

Em seguida, o tradutor apresenta uma breve biografia do Imã Bukhâri, informando que nasceu no 13º dia do mês islâmico de Shawwâl, no ano 194 da hégira, em Bukhara, no território de Khurasan – Oeste do Turquistão e que seu nome completo é Muhammad Bin Ismail Bin Al-Mughirah Al-Bukhâri. Morreu e foi sepultado em um vilarejo próximo a Samarcanda no primeiro dia do mês de Shawwâl, no ano 256 da hégira.

No que diz respeito ao texto traduzido para o inglês é importante apontar as observações feitas pelo próprio tradutor, à pagina 10-11:

1. O texto de Sahîh Al-Bukhâri resumido usado para esta tradução foi tirado do At-Tajrîd As-Sarîh redigido por Az-Zubaidi.

2. Devido à ausência de palavras inglesas apropriadas e equivalentes para muitos vocábulos árabes, tais palavras foram transliteradas e imediatamente depois de cada palavra foi dada uma explicação quando elas ocorrem pela primeira vez, e um glossário de tais palavras foi compilado ao final deste livro. Certas fórmulas religiosas e invocações também foram transliteradas.

3. A escrita árabe foi mantida assim como ela é para expressões como O Altíssimo, a paz esteja com ele e Allâh se compraza com ele, etc.

4. Algumas matérias que concernem à gramática e à etimologia árabe foram excluídas do texto inglês.

5. Muitos dos sub-narradores foram frequentemente omitidos na medida do possível e às vezes somente o primeiro narrador em cada parágrafo foi nomeado.

6. Imã Bukhâri em seu Sahîh classificou e organizou os Ahâdith de acordo com a matéria à qual se referem. Ele deu a cada capítulo um título indicativo de determinado ponto e sob este título

ele incluiu todos os Ahâdith que são relevantes. Este procedimento resultou na ocorrência do mesmo Hadîth em vários capítulos. Porque um Hadîth pode ter a ver com um grande número de aspectos da Jurisprudência Islâmica. Imã Bukhâri usou cada Hadîth de tal modo que cada ponto que decorra dele tenha referência a ele.

7. Os capítulos e os Ahâdith são numerados.

8. Nesta tradução, procurei ao máximo possível comunicar os sentidos dos Ahâdith do nosso Profeta de modo a capacitar o leitor comum a entendê-lo com facilidade. Ao mesmo tempo, procurei traduzir a obra com cuidado, levando em consideração a ordenação do Profeta: “Todo aquele que intencionalmente atribuir a mim falsamente qualquer coisa, estará buscando seu lugar no Inferno”.

9. Sugestões e comentários para melhorar esta tradução serão muito bem recebidos.

Como se observa na explicação acima, a língua árabe passou por um processo evolutivo que aprimorou a semântica das expressões religiosas, o que faz com que frequentemente as traduções para outros idiomas optem por manter o termo original quando ele se refere a um conceito ou expressão religiosa.

Da mesma forma, observa-se que a divisão dos ahâdith na obra de Bukhâri é feita de acordo com o conteúdo prevalente; nesse caso, os títulos dos Ahâdith refletem de forma pormenorizada o conteúdo dos ditos retratados.

Cabe aqui ainda o comentário de que a tradução dessas obras comporta tamanha dificuldade que o próprio tradutor convida o leitor a apresentar sugestões e comentários para melhorar a tradução.

No prefácio à edição atual (1994) o tradutor declara que revisou a tradução anterior e fez as seguintes alterações:

1. Alguns acréscimos e alterações foram feitos para melhorar a tradução inglesa e para trazer para o inglês uma

interpretação muito próxima ao sentido correto e exato do texto árabe.

2. Com relação às edições anteriores deste livro (Sahîh Al-Bukhâri) a ninguém é permitido reimprimi-las ou reproduzi-las depois da publicação desta nova edição.

3. A nova edição deste livro aparece em dois formatos:

a) Primeiro formato – O Sahîh Al-Bukhâri (Az Zubaidy) Al-Tajrid As-Sarîh (em um volume)

b) Segundo formato – O original Sahîh Al-Bukhâri (em nove volumes).

b) principais temas da coletânea

Os ahadith da coletânea estão organizados em 88 livros, cada livro contendo vários capítulos.

Os livros tratam dos mais variados temas, tais como: revelação, fé, conhecimento, abluções - ritual de purificação, geralmente por meio da água, realizado antes da oração - , orações, cuidados pessoais, expiações dos pecados, bebidas, festivais, caridade, peregrinações, jejuns, punições, jihad, a criação, virtudes e méritos, medicina, doenças, interpretação de sonhos, etc. (FARAH, 2001, p. 98).

CAPÍTULO II

O conteúdo dos textos

Neste capítulo apresentaremos trechos dos textos sagrados do islamismo. Do Alcorão, extraíram-se trechos que se referem ao jihad. Dos ahadith (Qudsi e Sahîh-Al-Bukhârî), expõem-se aqueles que se referem a temas afins ao jihad: o paraíso e o inferno, os mártires, o mundo (sua impermanência e o prazer mundano), a ressurreição e as virtudes, o suicídio e o homicídio. As citações por vezes são longas, pois essa é uma característica que permite compreender os textos sagrados estudados.

Em seguida, faremos um quadro com agrupamento temático, bem como quadros comparando o termo jihad nos ahadith que farão parte dos anexos. O material contribuirá para a confecção de um quadro comparativo das fontes islâmicas que sintetizará as análises do capítulo terceiro.

2.1 – O método

Bonner (2004, p.34) observa que, para os juristas islâmicos, os mandamentos divinos a serem levados em conta, são aqueles que chegam ao fim da história. Trata-se do chamado sistema de “abrogação”. O mandamento ulterior torna sem efeito o anterior. Por isso, usam o método diacrônico para sistematizar o estudo do Alcorão.

Tal método foi criticado por Reuven Firestone, pois, partindo de um olhar literário, este autor verifica que a aplicação estrita do esquema cronológico apresenta sérios pontos de tropeço nos detalhes do texto.

Firestone propõe, então, como alternativa, a leitura dos textos por um método sincrônico e não diacrônico o que possibilita evidenciar as tensões que tiveram lugar no âmbito da comunidade por um período de tempo que se prolonga tanto durante a vida do Profeta como depois de sua morte. Esse método, acolhido também por Bonner, será adotado neste capítulo tanto para os textos do Alcorão quanto para os ahadith.

O método sincrônico não segue a ordem cronológica dos textos, mas os organiza mediante um agrupamento temático.

Seguindo essa orientação, elaboraremos um quadro dos textos, que serão agrupados em subtemas, o que permitirá observar as semelhanças, diferenças e eventual evolução de um texto para outro, propiciando uma interpretação mais aproximada do significado que contêm, objeto do capítulo III.

2.2 – O Alcorão: as suratas que se relacionam com o objeto

Elencamos, de acordo com Bonner (2004, p.33 a 44), as suratas que têm relação com jihad ou se prestam a uma interpretação deste objeto. Para classificar as suratas apresentadas por Bonner, elegemos temas como paraíso e inferno, mártires, mundo, ressurreição, virtudes, suicídio e homicídio que permeiam o tema central que é jihad. Esse exercício contribuirá para analisarmos nosso objeto, violência ou martírio no ato das bombas humanas.

16: 125-128 (An-Nahl – das abelhas)

125. Convoca ao caminho de teu Senhor, com a sabedoria e a bela exortação, e discute com eles, da melhor maneira. Por certo, Allah é bem Sabedor de quem se descaminha de Seu caminho e Ele é bem Sabedor dos que são guiados.

126. E, se punis o inimigo, puni-o de igual modo, com que fostes punidos. E, em verdade se pacientes, e isso é melhor para os perseverantes.

127. E paciente, e tua paciência não é se não com a ajuda de Allah. E não te entristeças por eles, e não tenhas constrangimento, por usarem de estratagema.

128. Por certo, Allah é com os que são piedosos e com os que são benfeitores!

Nesses versículos, o Alcorão convoca o uso da sabedoria, das belas palavras e dos bons modos. Adverte contra aplicação do mal maior retribuído ao mal menor. Conclama a paciência, a aplicação da piedade e da bondade.

22: 39-41 (Al-Hajj – da peregrinação)

39. É permitido o combate aos que são combatidos, porque sofreram injustiça. – E, por certo, Allah, sobre seu socorro, é onipotente. -

40. Esses são os que, sem razão, foram expulsos de seus lares, apenas porque disseram: “Nosso Senhor é Allah.” E, se Allah não detivesse os homens uns pelos outros, estariam demolidos eremitérios e igrejas e sinagogas e mesquitas, em que o nome de Allah é amiúde mencionado. Por certo, Allah é Forte, Todo-Poderoso.

41. Esses são os que, se os empossamos na terra, cumprem a oração e concedem az- zakâh, ordenam o conveniente e coíbem o reprovável. E de Allah é o fim de todas as determinações.

O Alcorão, nesses versículos, autoriza o combate em defesa da causa de Deus, diante da injustiça cometida contra os fiéis, expulsos de seus lares. O versículo 40 trata que o combate se faz necessário para evitar a destruição dos espaços sagrados e que o nome de Deus não deixe de ser mencionado. Aqueles que defendem a causa de Deus, cumprem as obrigações, observam os preceitos islâmicos, serão socorridos.

No comentário do versículo 39, na página 540, o professor Nasr alerta que este é o primeiro versículo alcorânico, que concede permissão aos muçulmanos de revidarem o combate dos renegadores da fé. E que em mais de 70 versículos, anteriormente revelados, isso não era admitido.

2: 194 ,2:217 (Al-Baqarah – a vaca)

194. O Mês Sagrado pelo Mês Sagrado, e para as cousas sagradas, o talião. Então, a quem vos agredir, agredi-o de igual modo, como ele vos agrediu. E temei a Allah e sabeis que Allah é com os piedosos.

217. Perguntam-te pelo combate, no mês sagrado. Dize: “Combater nele é grande pecado. E pecado maior, perante a Allah, é afastar os homens do caminho de Allah e renegá-Lo, e afastá-los da Mesquita Sagrada, e fazer sair dela seus habitantes.” E a sedição pela idolatria é pecado maior que o morticínio. E eles não cessarão de combater-vos, até que vos façam apostatar de vossa religião, se eles o puderem. E quem de vos apostata de sua religião e morre enquanto renegador da fé, esses terão anuladas suas obras, na vida terrena e na derradeira vida. E esses são os companheiros do Fogo. Nele, serão eternos.

No versículo 194, o Alcorão, admite a reciprocidade de ações com o alerta de que Deus está sempre com os piedosos. Em nota o Professor Nasr comenta (p. 51) que o Islã respeitou o hábito que lhe era anterior, de não combater nos meses sagrados, até que diante da violação dos idólatras, que combatiam os muçulmanos, precisaram revidar.

Em complemento, o versículo 217, afirma que combater no mês sagrado é pecado, porém maior pecado é afastar os fiéis da Mesquita Sagrada, do caminho de Deus e renegá-Lo. No mesmo sentido, a idolatria é pecado maior do que o morticínio.

9: 5 e 29 (At-Taubah – arrependimento ou remissão)

5. E, quando os meses sagrados passarem, matai os idólatras, onde quer que os encontréis, e apanha-os e sediai-os, e fiquem a sua estreita, onde quer que estejam. Então, se se voltam arrependidos e cumprem a oração e concedem as az-zakāh, deixai-lhes livre o caminho. Por certo, Allah é Perdoador, Misericordioso.

29. Dentre aqueles, aos quais fora concedido o Livro, combatei os que não crêem em Allah nem no Derradeiro Dia, e não proíbem o que Allah e Seu Mensageiro proibiram, e não professam a verdadeira religião; combatei-os até que paguem al jizyah, com as próprias mãos, enquanto humilhados.

Já esses versículos, autorizam que se combata os idólatras após a passagem dos meses sagrados se não aceitarem o Islamismo. Já os povos do Livro (judeus e cristãos), deveriam aceitar o Islã ou pagar “al Jizyah”, taxa que garante a coexistência pacífica na sociedade islâmica da Península Arábica. A surata 9, surata do arrependimento, é enérgica e a única que não vem encabeçada pela *basmalah*, epígrafe de todas as suratas do Alcorão que significa “Em nome de Deus, O Misericordioso, O Misericordioso”(NASR, 2005, p.293).

2: 216 (Al-Baqarah – a vaca)

216. É-vos prescrito o combate e ele vos é odioso. E, quiçá, odieis algo que vos seja melhor. E, quiçá, ameis algo que vos seja pior. E Allah sabe, e vos não sabeis.

Nesse versículo Deus repreende o muçulmano que apesar da prescrição do combate considera-o “odioso”, alerta que o fiel não tem condições de avaliar o que deve ser odiado ou amado, o melhor ou pior. Orienta sobre a obediência, pois Deus sabe o que será bom e melhor para o muçulmano.

90:18 (Al Balad – a cidade)

18. Esses são os companheiros da direita.

A surata 90 trata da cidade sagrada de Meca, do ser humano ser criado em meio a lutas, da repreensão daquele que se considera invencível, do excesso de

materialismo e ainda, menciona que a “direita” no paraíso está reservado para aqueles que seguem os caminhos de Deus, enquanto a “esquerda” no Fogo reservado para aqueles que renegaram a fé.

107:2-3 (Al Mâ’ûn – o adjutório); 69:34 (Al-Hâqqah – a incontestável)

2. Esse é o que repele o órfão,

3. E não incita a alimentar o necessitado.

34. E não incitava ninguém a alimentar o necessitado.

Surata de poucos versículos, a 107, diz quem serão aqueles que não crêem no Dia do Juízo: o que repele o órfão, o que não ajuda os necessitados. Complementando, a surata 69, que também trata no Dia do Juízo, adverte não só aqueles que não ajudam os necessitados, mas também aqueles que não incitam os outros a ajudarem.

76:8 (Al-Insân – o ser humano). 2:177 (Al-Baqarah – a vaca)

8. E cedem o alimento – embora a ele apegados – a um necessitado e a um órfão e a um cativo.

177. A bondade não está em voltardes as faces para o Levante e para o Poente; mas a bondade é a de quem crê em Allah, e no Derradeiro Dia, e nos anjos, e no Livro, e nos profetas; e a de quem concede a riqueza, embora a ela apegado, aos parentes, e aos órfãos, e aos necessitados, e ao filho do caminho, e aos mendigos, e aos escravos; e a de quem cumpre a oração e concede az-zakâh; e a dos que são fiéis a seu pacto, quando o pactuam; e a dos que são perseverantes na adversidade e no infortúnio e em tempo de guerra. Esses são os que são verídicos e esses são os piedosos.

Ambas as suratas, nos versículos citados, apontam que a base da boa conduta do fiel está nos ensinamentos e preceitos islâmicos. Exaltam as virtudes do bom muçulmano.

9:103 (At-Taubah – arrependimento ou remissão)

103. Toma de suas riquezas uma Sadaqah, com que purifiques e os dignifiques, e ora por eles: por certo, tua oração é lenitivo para eles. E Allah é Oniouvinte, Onisciente.

Esse versículo ordena que o muçulmano reserve de suas riquezas a porção para caridade, purificando e dignificando-a. Exige oração pelos agraciados, já que é consolo para eles. Alerta que Deus ouve e sabe de tudo.

59:7 (Al-Hachr – do êxodo)

7. O que dos espólios dos habitantes das aldeias Allah faz chegar, sem combate, a Seu Mensageiro, é de Allah, e do Mensageiro, e dos parentes deste, e dos órfãos, e dos necessitados, e do filho do caminho, para que isso não seja alternado entre os ricos dos vossos. E o que o Mensageiro vos conceder, tomai-o; e o de que vos coibir, abstende-vos dele. E temei a Allah. Por certo, Allah, é Veemente na punição.

A surata 59, no versículo acima citado, ordena ao muçulmano que obedeça a determinação de Deus sobre a destinação do espólio, obtido sem batalha, para ser distribuído, não entre os combatentes, mas entre os órfãos, necessitados e outros. Alerta que o crente deve, sempre, temer a Deus porque Esse é veemente na punição.

9:28 (At-Taubah – arrependimento ou remissão), 24:22 (Na-Nûr – da luz), 62:9-10 (Al-Jumu'ah – da sexta-feira), 49:8 (Al-Hujûrât – dos aposentos)

28. Ó vós que credes! Os idólatras não são senão imundícia. Então, que eles se não mais aproximem da Mesquita Sagrada, após este seu ano. E, se temeis a penúria, Allah enriquecer-vos-á com Seu favor, se quiser. Por certo, Allah é Onisciente, Sábio.

22. E que os dotados, dentre vós, do favor e prosperidade, não prestem juramento de nada conceder aos parentes e aos necessitados e aos emigrantes no caminho de Allah. E que eles os indultem e os tolerem. Não amaríeis que Allah vos perdoasse? E Allah é Perdoador, Misericordioso.

9. Ó vós que credes! Quando se chama à oração da Sexta-feira, ide, depressa, para a lembrança de Allah, e deixai a venda. Isto vos é melhor. Se soubésseis!

10. E quando a oração se encerrar, espalhai-vos pela terra e buscai algo do favor de Allah; e lembrai-vos de Allah, amiúde, na esperança de serdes bem-aventurados.

8. Por favor e graça de Allah. E Allah é Onisciente, Sábio.

Esses versículos advertem ao muçulmano em relação à idolatria, prosperidade, caridade, deveres e obrigações do muçulmano como, orar e guardar a sexta-feira. Alertam que Deus sabe de tudo e é sábio.

93:8-11 (Ad-Duhã – da plena luz matinal)

8. E não te encontrou infortunado e te enriqueceu?

9. Então, quanto ao órfão, não o oprimas.

10. E, quanto ao mendigo, não o maltrates.

11. E, quanto à graça de teu Senhor, proclama-a.

A surata 93, em seus versículos citados acima, conclama a benevolência com o órfão, à piedade com o mendigo e a divulgação das graças obtidas.

47:38 (Muhammad)

38. Ei-vos convocados a despende no caminho de Allah; então, há dentre vós, quem se mostre avaro. E quem se mostra avaro se mostra avaro, apenas, em prejuízo de si mesmo. E Allah é O Bastante a Si Mesmo, e vós sois os pobres. E, se voltais as costas, Ele vos substituirá por outro povo; em seguida, eles não serão iguais a vós.

Também esse versículo conclama os muçulmanos a oferecer bens em benefício dos necessitados e, alerta contra a avareza e o dano que pode provocar. Adverte que a riqueza é de Deus e não do agraciado.

49:15 (Al-Hujûrât – dos aposentos)

15. Os autênticos crentes são, apenas, os que crêem em Allah e em Seu Mensageiro; em seguida, de nada duvidam, e lutam com suas riquezas e com si mesmos, no caminho de Allah. Esses são os verídicos.

A surata 49, em seu versículo citado acima, exorta que o verdadeiro muçulmano é aquele que crê em Deus e no Profeta, não duvida de Sua mensagem, luta com sua riqueza e consigo mesmo, tudo isso no caminho de Deus.

9:91-99 (At-Taubah – arrependimento ou remissão)

91. Não há culpa sobre os indefesos nem sobre os enfermos nem sobre os que não encontram recursos para o combate, quando são sinceros com Allah e Seu Mensageiro. Não

há repreensão aos benfeitores – e Allah é Perdoador, Misericordioso -

92. Nem àqueles que, quando chegaram a ti, para os levares a combate, e lhes disseste: “Não encontro aquilo sobre o qual levar-vos”. Eles voltaram com os olhos marejados de lágrimas, de tristeza por não haverem encontrado o de que despendem.

93. Há repreensão, apenas, aos que, enquanto ricos, te pedem isenção. Agradaram-se de ficar com as mulheres isentas do combate; e Allah selou-lhes os corações; então eles não sabem.

94. Eles pedir-vos-ão desculpas, quando retornardes a eles. Dize: “Não vos desculpeis. Não creremos em vós. Com efeito, Allah informou-nos de vossas notícias. E Allah verá, e também Seu Mensageiro, vossas obras; em seguida, sereis levados ao Sabedor do invisível e do visível: então, Ele vos informará do que fazíeis”.

95. Eles jurar-vos-ão, por Allah, quando a eles tornardes, que estavam com a razão, para que lhes absolvais o erro. Então, dai-lhes de ombros: por certo, são uma abominação, e sua morada é a Geena, em recompensa do que cometiam.

96. Eles juram-vos, para que deles vos agradeis; então, se deles vos agradais, por certo, Allah não se agrada do povo perverso.

97. Os beduínos são mais veemente na renegação da Fé e na hipocrisia e mais afeitos a não saber os limites do que Allah faz descer sobre Seu Mensageiro. E Allah é Onisciente, Sábio.

98. E, dentre os beduínos, há quem tome por dano o que despende pela causa de Allah, e aguarde, para vós, os reveses. Que sobre eles seja o revés do mal! E Allah é Oniuvinte, Onisciente.

99. E, dentre os beduínos, há quem creia em Allah e no Derradeiro Dia e tome o que despende pela causa de Allah por oferendas a Allah e meio de acesso às preces do Mensageiro. Ora, por certo, é uma oferenda para eles. Allah fá-los-à entrar em Sua Misericórdia. Por certo, Allah é Perdoador, Misericordioso.

Os versículos mencionados diferenciam o tratamento que deve ser dispensado aos indefesos, enfermos e desprovidos de recursos. Advertem que haverá punição para os ricos que pedem isenção e agradam-se em ficar com as mulheres isentas do combate. Até dentre os beduínos, há aqueles que Deus terá misericórdia.

33:9 (Al-Ahzâb – dos partidos)

9. Ó vós que credes! Lembrai-vos da graça de Allah para convosco, quando um exército vos chegou, então enviamos contra eles um vento e um exército de anjos, que não vistes – E Allah, do que fazeis, é Onividente -

A surata 33, no versículo acima, alerta o crente para lembrar a graça ofertada por Deus, no caso, o livramento das mãos do inimigo de um modo que o olhar humano não consegue perceber. Deus envia anjos para pelejar pelos fiéis porque diferente dos homens Ele tudo vê.

22: 58-59 (Al-Hajj – da peregrinação)

58. E aos que emigram, no caminho de Allah, em seguida, são assassinados ou morrem, certamente, Allah dar-lhes-á belo sustento. E, por certo, Allah é O Melhor dos sustentadores.

59. Certamente, dá-los-á entrar em um lugar, de que se agradarão. E, por certo, Allah é Onisciente, Clemente.

Os versículos citados alertam o crente que os que são assassinados ou morrem pela causa de Deus estarão em lugar agradável e sendo sustentado por Ele.

3: 169-172 (Âl'imrân – da Família de Imran)

169. E não suponhas que os que foram mortos no caminho de Allah estejam mortos; ao contrário, estão vivos, junto de seu Senhor e, por Ele sustentados,

170. Jubilosos com o que Allah lhes concedeu de Seu favor. E exultam pelos que, deixados atrás deles, ainda se lhes não ajuntaram: exultam, ainda, por nada haver que temer por eles, e eles não se entristecerão.

171. Exultam por graça de Allah e por Seu favor, e porque Allah não faz perder o prêmio dos crentes,

172. Daqueles que atenderam a Allah e ao Mensageiro, após o sofrimento que os alcançara – há para os que, dentre eles, bem-fizeram e foram piedosos magnífico prêmio -

A surata 3, nos versículos mencionados, prossegue no esclarecimento de que o muçulmano morto pela causa de Deus está vivo, junto com o Senhor e sustentado por Ele. Adverte aos que permanecem neste mundo para não se entristecer, pois após o sofrimento ocorrido na vida terrena, se seguirem fielmente os caminhos de Deus, obedecer aos preceitos islâmicos e forem piedosos também serão merecedores de um magnífico prêmio.

4:75 (An-Nissâ - das mulheres)

75. E por que razão não combateis no caminho de Allah e pela salvação dos indefesos, dentre os homens e as mulheres e as crianças, os quais dizem: “Senhor nosso! Faze-nos sair desta cidade, cujos habitantes são injustos; e faze-nos, de Tua parte, um protetor e faze-nos, de Tua parte, um socorredor”?

O versículo acima retrata o apelo de um povo que sofre nas mãos dos injustos e que clama a Deus para que Esse seja protetor e socorredor.

9: 12-15 (At-Taubah – arrependimento ou remissão)

12. E, se violam seus juramentos, depois de haverem pactuado convosco, e difamam vossa religião, combatei os próceres da renegação da fé – por certo, para eles, não ha juramentos respeitados – na esperança de se absterem da descrença.

13. Será que vos não combateríeis um povo que violou seus juramentos e intentou fazer sair de Makkah o Mensageiro, e vos empreenderam o ataque, por vez primeira? Receai-os? Então, Allah é mais Digno de que O receeis, se sois crentes.

14. Combatei-os, Allah os castigará por vossas mãos e os ignominiará, e vos socorrerá contra eles e curará a aflição dos peitos de um povo crente.

15. E fará ir o rancor de seus corações. E Allah volta-Se para quem quer, remindo-o. E Allah é Onisciente, Sábio.

A surata do arrependimento traz, nos versículos citados, o combate daquele que, após pactuado, difamar o islamismo e renegar a fé. Haverá castigo e ultraje a esses, já ao fiel, Deus socorrerá, curará, arrancará a ira e remirá, porque sabe tudo e é sábio.

8:60 (Al-Anfâl – dos espólios de guerras)

60. E, preparai, para combater com eles, tudo que puderdes: força e cavalos vigilantes, para, com isso, intimidardes o inimigo de Allah e vosso inimigo, e outros além desses, que não conheceis, mas Allah os conhece. E o que quer que despendais, no caminho de Allah, ser-vos-á compensado e não sofrereis injustiça.

Da leitura acima é a exortação para o combate com esforço e entrega de tudo pela causa de Deus, fazendo o melhor, porque Ele compensará e livrará da injustiça.

4: 95 (An-Nissâ - das mulheres)

95. Não se igualam os ausentes do combate, dentre os crentes não inválidos, e os lutadores no caminho de Allah, com suas riquezas e com si mesmos. Allah prefere os lutadores, com suas riquezas e com si mesmos, aos ausentes, dando-lhes um escalão acima destes. E a ambos Allah promete a mais bela recompensa. E Allah prefere os lutadores aos ausentes, dando-lhes magnífico prêmio.

No combate, conforme o versículo citado há diferenciação daqueles que, por algum impedimento alheio, não podem estar presente; daqueles que pela causa de Deus entregam sua vida e suas riquezas; daqueles que sem motivo, ausentam-se da responsabilidade e ignoram a obediência aos preceitos islâmicos.

2: 245 (Al-Baqarah – a vaca)

245. Quem empresta um bom empréstimo a Allah, Ele lho multiplicará muitas vezes. E Allah restringe e prodigaliza Sua graça. E a Ele sereis retornados.

O versículo acima ordena a entregar tudo pela causa de Deus, cujo pagamento será de forma pródiga, generosa e muito maior do que foi entregue.

4:74 (An-Nissâ - das mulheres); 9:52 (At-Taubah – arrependimento ou remissão)

74. Então, que combatam no caminho de Allah os que vendem a vida terrena pela Derradeira Vida. E a quem combate no caminho de Allah, e é morto ou vence, conceder-lhe-emos magnífico prêmio.

52. Dize: “Vos não aguardais, para nós, senão uma das duas mais belas recompensas? E nós aguardamos, para vós que

Allah vos alcance com castigo de sua parte, ou por nossas mãos.
Então, aguardai-o. Por certo, nós o estaremos aguardando.”

Acima, os versículos exortam que, aquele que entrega a vida terrena pela vida derradeira, em combate pela causa de Deus, sendo morto ou vitorioso, receberá prêmio magnífico. Os versículos prescrevem que as duas belas recompensas são a vitória ou o martírio.

2.3- Os ahadith que se relacionam com o tema da tese

2.3.1- Fonte: Ahadith Qudsi

Elencamos dos ahadith Qudsi os temas que se relacionam com o objeto: o paraíso e o inferno, os mártires, o mundo (sua impermanência e o prazer mundano), a ressurreição, as virtudes, o suicídio e o homicídio.

Paraíso e inferno

Transcreveremos os ahadith Qudsi que se referem ao tema paraíso ou inferno. Dividimos em duas partes o hadith 29 intitulado *O último a entrar no paraíso*. Ouvido e relatado por Muslim, o hadith contado por Abdullâh bin Mas'ûd, relata:

O Mensageiro de Allâh disse: O último a entrar no Paraíso foi um homem que certa vez caminhou, tropeçou e se queimou numa fogueira. Quando ele escapou do fogo, virou-se para a fogueira e disse: Bem-aventurado é Aquele que me salvou de ti e me deu aquilo que a ninguém concedeu em tempos passados e futuros. Então uma árvore ergueu-se diante dele. Então ele disse: Ó meu Senhor, levai-me para mais perto dessa árvore para que eu possa me abrigar na sua sombra e beber da sua água. Allâh disse: Ó filho de Adão. Se eu te conceder isso, tu pedirás algo mais. Ele respondeu: Não meu Senhor. E prometeu que não

pediria mais nada. O seu Senhor o desculpou porque Ele viu que aquele homem não o importunaria mais. Assim, ele permitiu que o homem se aproximasse daquela árvore. Então ele se abrigou sob sua sombra e bebeu da sua água. Em seguida, uma árvore mais bonita que a primeira ergueu-se diante dele. Então disse ele: O meu Senhor! Levai-me para perto desta árvore. Assim eu poderei beber da sua água e me abrigar em sua sombra. Eu não pedirei nada mais além disso (Qudsi, hadith 29, primeira parte, p. 39 a 41).

A primeira parte do hadith transcrito acima esclarece que o último homem a entrar no Paraíso passou por diversas fases, assim como faz parte da natureza humana a insatisfação e o desejo de querer sempre mais.

Percebemos o reconhecimento do homem a Deus por livrá-lo em situações adversas da vida. Observamos as seguintes circunstâncias: o homem satisfeito mesmo não recebendo nada e agradecendo por isso; o homem insatisfeito mesmo recebendo tudo e querendo cada vez mais. Também fica claro que o homem até acredita que pode ter suas vontades e necessidades atendidas ou realizadas, porém, diante de novas oportunidades, passa a desejar mais.

O hadith 29, prossegue:

Allâh disse: O filho de Adão! Não Me prometeste que não pedirias nada mais? Ele respondeu: provavelmente não pedirei mais nada se me levardes para perto dela. E ele Lhe prometeu que não pediria nada mais. O Senhor o desculpou porque sabia que ele não iria manter a sua palavra. De qualquer maneira, Ele o levou para perto da árvore. O homem se abrigou na sua sombra e bebeu da sua água. Então, uma árvore mais bonita que as duas primeiras cresceu no portal do Paraíso. Ele disse: Ó Senhor. Peço-vos que me leveis para perto dessa árvore para que eu possa desfrutar da sua sombra e beber da sua água. Eu não vos pedirei nada mais. O Senhor o desculpou porque ele não pode resistir à tentação. Por isso, Ele o levou para perto da árvore. Quando foi levado para perto dela, ele ouviu as vozes dos habitantes do Paraíso. Ele disse: O meu Senhor! Deixai-me entrar no Paraíso. Allâh disse: O filho de

Adão! O que porá fim aos teus pedidos dirigidos a Mim? Ficarias satisfeito se eu te desse o mundo inteiro e mais outro igual a ele? O homem disse: Vós estais zombando de mim porque sois o Senhor dos mundos? Ao narrar este Hadith, Ibn Mas'ûd riu e perguntou (aos ouvintes): Por que não me perguntais de que coisa estou rindo? Eles disseram: porque rides? Ele disse: Estou rindo como o Mensageiro de Allâh riu quando ele contou este hadith e (os companheiros) perguntaram: por que rides, ó mensageiro de Allâh? Ele respondeu: por causa do riso do Senhor dos mundos quando o homem que desejava entrar no Paraíso disse: Vós estais zombando de mim porque sois o Senhor dos mundos? A isso, Allâh observou: Eu não estou zombando de ti, mas Eu sou o Senhor Todo Poderoso que posso fazer tudo o que eu quiser (Qudsi, hadith 29, segunda parte, p. 39 a 41).

Com a possibilidade da repreensão de Deus, o homem afirma não ter certeza de seu querer. Deus sabe que somos ilimitados em nosso querer. Diante das riquezas que a vida oferece, não há como não desejar usufruir dessas dádivas. Mesmo na porta do paraíso, e apesar de ter consciência dos dons de Deus, o ser humano é sempre insaciável.

Já o hadith 30, p. 41 e 42, ouvido e relatado por Tirmudhi, expressa o modo de como Deus cobre um pecador com a Sua Misericórdia e como os menores pecados parecerão tão grandes que ele sentirá vergonha deles e não se sentirá digno de pedir a Deus o Paraíso.

Abu Dar contou: O Mensageiro de Allah disse: Eu conheço o último dos habitantes que saiu do Inferno e o último dos homens a entrar no Paraíso. É um homem que foi levado perante Allâh no Dia da Ressurreição. Então Allâh ordenou aos anjos: Perguntai-lhe sobre os menores pecados e escondei os maiores. Então, foi-lhe dito: em tal e tal dia tu fizeste tal e tal pecado; e em tal e tal dia tu cometeste tal e tal má ação. O Profeta acrescentou: O pecador disse: Meu Senhor! Eu fiz coisas que não encontro aqui. O narrador disse: Verdadeiramente eu vi o Mensageiro de Allâh rir

tanto até mostrar o seu dente pré-molar (porque o pecador fora perdoado). (Qudsi, hadith 30, p. 41 e 42).

É possível ainda observar a pureza e a transparência do servo em reconhecer que não é digno de entrar no paraíso por ter noção de suas falhas. No hadith transcrito acima, observa-se o riso de Deus perante a inocência do pecador.

Muslim ouviu e relatou o hadith 35, p. 47 e 48, transcrito abaixo, demonstrando a existência do paraíso e do inferno, alguns atributos de seus habitantes, presença de Deus e de Satã.

O hadith que transcreveremos a seguir afirma que Deus dá o que é legítimo e Satã retira, através dos falsos profetas, o que já foi dado ao homem - a fé. Percebemos também o alerta de Deus para que não desistam da crença, lutem por ela, morram por Deus.

O texto ainda categoriza os habitantes do Paraíso e do inferno. O primeiro é habitado pelo poderoso, o justo, o doador de esmolas, um homem de sucesso; homem bondoso, de coração compassivo, o pai honrado, com muitos filhos E do inferno o seguidor fraco, o desonesto, traidor, avarento, o mentiroso e o que usa más palavras. Vejamos:

A'lyâd bin Himâr Al-Mujashi'i contou que certo dia o Mensageiro de Allâh disse em seu discurso: Vejam! De fato, Allâh ordenou-me que os informasse acerca daquilo que não lhes é familiar; e eis aquilo que Ele me ensinou hoje: Todas as riquezas que concedi a meus servos são legítimas. De fato, criei-os verdadeiros na Fé, mas Satã os abordou e os desviou de sua religião e o que lhes era permitido declarou que era proibido. Depois Satã lhes ordenou que tomassem como meus companheiros aqueles a quem eu nada revelara. Em verdade, Allâh olhou para o povo da terra e odiou Árabes e não Árabes, exceto um exíguo povo da Escritura. Allâh acrescentou: eu te enviei como Profeta ao povo para que eu pudesse dar-te testemunho e mediante a tua palavra dar testemunho aos fieis e te revelei um Livro que as águas não poderão apagar. Assim, debes lê-lo no sono e na vigília. O Profeta disse: em verdade Allâh me ordenou de

queimar (os infiéis de) Quraish (a tribo do Profeta de Makkah). Então eu disse: ó Senhor! Eles vão esmagar minha cabeça como pão. Allâh disse: expulsa-os como eles te expulsaram da tua cidade. Dê-lhes combate, Eu te darei apoio. Gasta (dinheiro pela causa de Allâh). Eu cobrirei os teus gastos. Mande um exército e eu mandarei mais cinco iguais a ele. Combata com os seus seguidores contra aqueles que te renegaram. Ele disse: os habitantes do Paraíso são de três categorias: primeiro há o poderoso, o justo, o doador de esmolas, um homem de sucesso; segundo, há o homem bondoso, de coração compassivo para com seus familiares e os muçulmanos. Terceiro, há o pai honrado, com muitos filhos. Ele disse também: os habitantes do Inferno são de três categorias. Primeiro, há o seguidor fraco que não tem nenhum sentido de evitar o mal, nem de trabalhar pela família ou enriquecer. Segundo, há o desonesto, cuja ganância, até mesmo nas coisas mais ínfimas é bem conhecida do povo. Terceiro, é o homem que todo dia te trai com relação a tua família e a tua riqueza. Ele também mencionou o avaro, o mentiroso e a pessoa que usa más palavras (QUDSI, Hadith 35, p. 47 e 48).

No hadith acima percebemos a proteção de Deus aos que combatem os opressores do seu povo; a esses serão reservadas as virtudes dos habitantes do paraíso.

É curiosa a afirmação do Profeta, “Deus não gosta de Árabes e não árabes, exceto dos poucos remanescentes dos povos dos Livros [do Antigo e do Novo Testamento]”; ou, como traz a tradução acima “Allâh olhou para o povo da terra e odiou Árabes e não Árabes, exceto um exíguo povo da Escritura”.

Essa expressão refere-se àqueles que não deram credibilidade à mensagem do Profeta, conforme comentário do hadith:

período anterior à Mensagem de Muhammad, mas, depois da mensagem, os livros anteriores tornaram-se inválidos pelo nobre Alcorão e os povos dos Livros (Cristãos e Judeus) deviam ter acreditado no Profeta Muhammad. Do contrário, a fé deles nos livros invalidados e superados não será aceita por Deus

à diferença do que muitas pessoas poderiam pensar (QUDSI, Hadith 35, comentário, p. 47 e 48).

No hadith abaixo, ouvido e relatado por Bukhâri e Muslim, temos ainda a diferenciação dos habitantes do paraíso e do inferno,

Abû Huraira contou que o Profeta disse: Certa vez o Paraíso e o Inferno discutiram um com o outro. O Inferno disse que fora preferido por opressores e tiranos. O Paraíso se perguntou: O que há de errado comigo que apenas homens fracos e humildes me adentram? Allâh falou ao Paraíso: Tu és a minha misericórdia. Eu irei conceder misericórdia através de ti a quem Eu desejar dentre meus escravos. E disse ao Inferno: Por outro lado, tu és o meu tormento. Eu irei atormentar através de ti quem eu quiser dentre os meus servos. O Profeta acrescentou: Ambos terão sua capacidade. Quanto ao Inferno, este não estará lotado até que Allâh coloque seu glorificado pé sobre ele. Então o Inferno dirá: Já chega! Já chega! Já chega! Nesse momento todas suas partes estarão cheias. Allâh não tratará de forma injusta nenhuma de suas criaturas. Quanto ao Paraíso, Allâh criará outras criaturas para preenchê-lo. (QUDSI, Hadith 36, p. 49).

No Dia do Juízo, Deus preencherá o inferno ao colocar Seu pé, que corresponde à sua Glória, sem que haja compreensão humana. No paraíso completará com novas criaturas.

Martírio

Os mártires gostam tanto do que fazem a ponto de solicitar a Deus uma nova oportunidade para repetirem seus atos. Essa superioridade está evidenciada no hadith, transcrito abaixo, contado por Masrûq:

Perguntaram a ‘Abdullâh bin Mas’ûd sobre este versículo: “Não pensem naqueles que morreram por Allâh como mortos; ao invés disso, pensem que eles estão vivos com seu Senhor que os sustenta” (3:169). Ele (Abdullâh bin Mas’ûd) disse: Perguntamos ao Profeta o significado desse versículo e ele o explicou desta forma:

Suas almas estão dentro de pássaros verdes, perto de lanternas suspensas diante do Trono Divino, e vagam livremente por onde quiserem no Paraíso. Elas se abrigam nessas lanternas. Certa vez, o Senhor olhou para eles e perguntou: Vocês querem algo mais? Eles disseram: O que mais poderíamos querer? Nós vagamos livremente pelo paraíso como desejamos. Allâh perguntou a eles a mesma questão por três vezes. Quando eles perceberam que não seriam poupados da pergunta, disseram: Ó Senhor! Gostaríamos que colocásseis nossas almas de volta aos nossos corpos para que possamos ser mortos pelo Senhor mais uma vez. Quando Allâh percebeu que nada desejavam, Ele permitiu que ficassem na alegria do Paraíso (QUDSI, Hadith 31, p. 43).

O presente hadith ainda especifica quem é o mártir e como está posicionado perante o Profeta:

Um Shaheed é um mártir que lutou pelo amor de Allah e foi morto. Seu grau no Paraíso fica próximo ao de um Siddiq, ou seja, aquele que foi um precursor e o primeiro a crer em seu Profeta. (Por exemplo Abu Bakr). Os graus são: Profetas, seguidos dos Siddiqun, depois os mártires e os justos (QUDSI, Hadith 31, p. 43).

Também no hadith fielmente ouvido e relatado por *Ahmad* no *Musnad*¹⁰, temos que o fiel, assim como o soldado, conforme indicado nos comentários, “que luta no

¹⁰ Compêndio de ahadith.

caminho de Deus será bem recompensado por Deus tanto nesta vida quanto na Vida futura”:

Narrou Ibn ‘Umar que o Profeta citou seu Senhor que disse: A qualquer um dos meus servos que lutar no meu caminho pelo meu bem eu lhe asseguro que compensarei seu sofrimento com prêmios e recompensas (durante sua vida) e, caso morra, eu o perdoarei, terei misericórdia para com ele e o deixarei entrar no Paraíso (QUDSI, Hadith 33, p. 44).

Nas páginas 45 e 46, o texto cheio de metáforas revela o carinho de Deus pelos mártires. Este *hadith*, que foi contado por *Sunan Abi Dâ’ud*, também alerta para não abandonarem a luta pelo bem de Deus e não se retirarem na hora do combate:

Contou Ibn ‘Abbâs: O Mensageiro de Allâh disse: Quando seus irmãos foram mortos como mártires na batalha de Uhud, Allâh colocou suas almas dentro de pássaros verdes que chegaram aos rios do Paraíso, comeram de suas frutas e se abrigaram perto de lanternas feitas de ouro e suspensas à sombra do Trono Divino. Após terem apreciado a comida, a bebida e o descanso, eles disseram: Quem irá transmitir aos nossos irmãos na terra que nós estamos vivos no Paraíso, onde somos providos com o sustento, para que eles não abandonem a luta pelo Bem de Allâh e nem se retirem na hora da guerra? Allâh, o Glorificado, disse: Eu os informarei sobre isso. Assim Allâh revelou este versículo: “Não pensem naqueles que morreram por Allâh como mortos; ao invés disso, pensem que eles estão vivos com seu Senhor sendo providos com o sustento.” (3:169) (QUDSI, Hadith 34, p. 45 e 46).

Mundo, sua impermanência e prazer mundano

Os ahadith abaixo tratam do mundo, sua impermanência e o prazer mundano. Intitulado a inutilidade deste mundo, esse *hadith* foi ouvido, relatado por Musnad Almad. Demonstra as diferenças de interpretação da vida por uma pessoa miserável e por outra abastada e ociosa:

Anas narrou que o Mensageiro de Allâh disse: uma pessoa do povo mais miserável deste mundo foi levada para junto do povo do Paraíso. Allâh disse (aos anjos): introduzi-o no Paraíso. Então eles o introduziram no Paraíso. Então Allâh lhe perguntou: já enfrentaste alguma vez alguma desgraça ou algo que odiaste? Ele disse: não, por Vossa glória! Nunca enfrentei nada desagradável. Depois, uma pessoa do povo mais rico do mundo foi conduzida ao Inferno. Allâh ordenou (aos anjos): introduzi-o nele [no Inferno]. Então Ele lhe perguntou: O´ filho de Adão! Terias alguma vez usufruído algum conforto? (Isso quer dizer que um mergulho no Inferno pode fazer uma pessoa esquecer o sentido do conforto). (Qudsi, Hadith 37, p. 50).

A questão sobre a concessão de prazeres mundanos (presentes) no dia da ressurreição foi retratada no hadith ouvido e narrado por Tirmidhi:

Narrou Abû Huraira: O Mensageiro de Allâh disse: a princípio um servo (de Allâh) questionará se no Dia do Juízo Allâh dará presentes. E lhe será dito: não te demos um corpo saudável, e não te saciamos com água fresca? (QUDSI, Hadith 42, p. 57).

A mensagem é que o grande presente é a vida e seus bens.

Ressurreição e virtudes

O tema da ressurreição pode ser observado no *hadith* que foi ouvido e relatado por Bukhâr e Muslim, que descreve algumas cenas, p. 51-52.

Abû Sa'îd Al-Khudr contou que o Profeta disse: Allâh chamou: O'Adão! Ele disse: Eu respondo ao Vosso chamado; eu obedeco às Vossas ordens; o Bem esteja em Vossa Mão. Allâh disse: Apresenta o grupo destinado ao Inferno. Adão perguntou: quais são as pessoas condenadas ao Inferno? Allâh disse: eles são novecentos e noventa e nove em cada mil. O Profeta disse: nesta conjuntura, cada criança se tornará velha e cada gestante abortará devido ao pavor do momento e vós vereis as pessoas como se estivessem embriagadas, embora estivessem sóbrias. O tormento (castigo) de Allâh será tão atroz que os tornará assim. Então os Companheiros perguntaram: O' Mensageiro. Quem será esta única pessoa dentre nós? Ele disse: alegrai-vos. Quando um dentre vós for escolhido para o Paraíso, mil de gog e magog serão mandados para o Inferno. Então ele disse: por Aquele em cujas Mãos está a minha alma! Eu espero que vós constituíreis um quarto dos habitantes do Paraíso, Nós exclamamos (Allâh é O Grandioso). Ele disse: Eu antecipo que vós sereis um terço do povo do Paraíso. Nós gritamos novamente. Ele disse: eu espero que vós sereis a metade do povo do Paraíso. Novamente nós exclamamos. Em seguida, ele disse: Embora sejais como um fio de cabelo preto na pele de um boi branco, ou como um cabelo branco na pele de um boi preto (isto é, o vosso número comparado com os não Muçulmanos seja muito pequeno, vós sereis a maioria no Paraíso) (QUDSI, Hadith 38, p. 51 e 52).

A *Ummah* (nação) do Profeta Muhammad é a melhor de todas as nações. Embora sejam os últimos, eles serão os primeiros a entrar no Paraíso em virtude da Graça de Deus que dispôs dele como o Mais Honrado Profeta da sua nação (QUDSI, Hadith 31, p. 43). Relatam ainda Muslim e Abû Dâ'ud, p. 53-54:

Abû Huraira narrou: Certa vez os Companheiros do Profeta perguntaram-lhe: O' Mensageiro de Allâh! Poderemos ver nosso Senhor no Dia da Ressurreição? Ele disse: vós sentis alguma dificuldade em ver o sol ao meio dia quando não há nuvem? Eles disseram: Não. Ele disse então: vós sentis alguma dificuldade em ver a lua cheia quando não há nuvem? Eles

disseram: Não. Em seguida ele disse: por Aquele que sustenta a minha vida! Não encontrareis nenhuma dificuldade em ver Allâh tanto quanto em ver alguém de vós. O Profeta acrescentou: Então Allâh se sentará para julgar os servos e dirá: O´ fulano de tal! Eu não te tornei uma pessoa honrada e não te tornei um chefe e não te dei uma esposa e não coloquei em teu poder cavalos e camelos e te ofereci a oportunidade de governar os teus súditos e de apoderar-te de um quarto dos despojos. Ele (o servo) dirá: Sim meu Senhor! O Profeta disse: Então Ele (o Senhor) dirá: tu não pensaste que irias encontrar-me? O servo dirá: Não. Por isso, Allâh dirá: Eu faço vista grossa de ti pois me esqueceste. Depois uma segunda pessoa será levada (a julgamento). Allâh dirá: o´ fulano de tal, Eu não te tornei uma pessoa honrada e não te tornei um chefe e não te dei uma parceira e não coloquei em teu poder cavalos e camelos e te ofereci a oportunidade de governar os teus súditos e de te apoderar de um quarto dos despojos. Ele dirá: Sim, meu Senhor! Então Ele dirá: tu não pensaste que irias encontrar-Me. O servo dirá: Não. Nesse momento Allâh dirá: Bem eu faço vista grossa de ti pois me esqueceste. Então, o terceiro será levado a julgamento. Allâh lhe perguntará a mesma coisa. A essa pergunta, o servo dirá: O´ meu Senhor! Eu acreditei em Vós, no Vosso Livro, e nos Vossos Mensageiros. Também recitei as orações prescritas, observei o jejum e pratiquei a caridade. Ele continuará falando nestes termos. Allâh dirá: Bem. O Profeta acrescentou: Então lhe será dito: Agora nós te apresentaremos as nossas testemunhas. Então o homem pensará: Quem testemunhará sobre mim? Então a sua boca será selada e será dito aos seus fêmures, à sua carne e aos seus ossos: Falem. Assim, os seus fêmures, carne e ossos darão testemunho das suas ações. Assim ele não poderá ter nenhuma desculpa. E poderá ser considerado um hipócrita com quem Allâh se irritará (QUDSI, Hadith 39, p. 53 e 54).

Às páginas 55-56, Anas bin Mâlik narrou:

Nós estávamos em companhia do Mensageiro de Allâh quando ele riu e disse: Sabeis por que eu ri? O narrador disse: Nós

dissemos: Allâh e o seu Mensageiro sabem responder melhor (do que nós). Então o Profeta disse: Eu ri da fala do Servo ao seu Senhor no dia da Ressurreição, pois, ele disse: O´ meu senhor! Vós não me garantistes proteção contra a injustiça? O Profeta disse: Allâh disse: Sim. O Profeta acrescentou: Então o servo dirá: Hoje não permitirei nenhum testemunho contra mim, exceto um testemunho de mim mesmo. Então o Profeta disse: Allâh dirá: Hoje tu somente e os nobres anjos que registram [as ações] serão tuas testemunhas. Então o Profeta disse: Então sua boca será selada e será dito para os seus membros: Falem. O Profeta acrescentou: Eles falarão das suas ações. Ele (o Profeta) disse: Então ele foi liberado para falar. O Profeta disse: Ele disse a seus membros: maldição e blasfêmia caiam sobre vós. Foi somente por amor de vós que eu tive uma contenda [com o Senhor] (QUDSI, Hadith 40, p. 55 e 56).

Todos verão Deus no dia da Ressurreição. Ele é onisciente. Nada lhe será ocultado. E julgará com justiça. Os ahadith mostram também a “natureza controversa do homem. Deus, que é o conhecedor absoluto do ser humano, fará que as próprias partes do seu corpo sejam testemunhas das suas ações” (QUDSI, Hadith 39, p. 53 e 54).

No *hadith* abaixo, ouvido e relatado por Bukhâri e Muslim, em que narra o decreto de Deus, “A terra inteira estará sob sua posse no dia da ressurreição”:

Abû Huraira narrou: eu ouvi o Mensageiro de Allâh dizendo: Allâh se apossará de todo o Planeta terrestre e o segurarà no Dia da Ressurreição e todos os céus estarão em Sua Mão Direita. Então Ele dirá: Eu sou o Rei. Onde estão os monarcas da Terra? (QUDSI, Hadith 41, p. 56).

Segundo o credo islâmico, Deus é Único e se manifesta pelos seus Nomes e Atributos. Estes Atributos não podem ser compreendidos pela mente humana.

A plenitude do poder de Deus será manifestada e compreendida no dia da Ressurreição quando serão definitivos. Deus possuirá a terra e moverá os céus pela sua Mão Direita, como mencionado pelo Profeta.

No hadith abaixo, ouvido e relatado por *Ahmad* em seu *Musnad*, p. 58, descreve a compaixão do mensageiro de Deus por sua *ummah* (nação):

Ibn Abbâs narrou: A Tribo de Quraish disse ao Profeta: Suplicai a vosso Senhor para que Ele transforme (as pedras de) Safa em ouro. Então acreditaremos em Vós. Ele (o Profeta) perguntou. Realmente acreditareis? Eles disseram: Sim. Ele (o narrador) disse: Então o Profeta invocou Allâh pedindo que fizesse isso. Então Jibrael dirigiu-se a ele e disse: Vosso Senhor retribui as vossas saudações e diz: Se quiserdes, eu transformarei Safa em ouro mas aqueles que não acreditarem depois disso sofrerão um castigo tão severo como ninguém nunca no mundo sofreu, ou, se quiserdes, Eu posso abrir-lhes a porta do arrependimento e da misericórdia. O Profeta disse: prefiro a porta do arrependimento e da misericórdia (QUDSI, Hadith 43, p. 58).

Este hadith foi ouvido e relatado por *Ahmad* em seu *Musnad*, páginas 59-60:

Ubâd bin As-Sâmit narrou: Um dia os Companheiros não encontraram o Profeta entre eles. (Normalmente) Quando acampavam, alojavam-no no meio (deles). Eles estavam ansiosos e pensavam que Allâh tivesse escolhido outros companheiros para ele. Subitamente, eles o viram vindo em direção a eles e exclamaram (Allâh é Grandioso) e disseram: O´ Mensageiro de Allâh! Nós pensamos que Allâh tivesse escolhido para vós alguns companheiros diferentes de nós. O Mensageiro de Allâh disse: Não. Pelo contrario, vós sois meus Companheiros neste mundo e o sereis no outro. Em verdade, Allâh, o Todo-Poderoso, me despertou e disse: O´ Muhammad! Em verdade, Eu não enviei nenhum outro Profeta ou Mensageiro com meu beneplácito, pelo qual Eu respondo, além deste que agora eu vos concedo. Assim, o´ Muhammad, tu podes também pedir-me qualquer coisa, que eu te

concederei. O Profeta disse: meu desejo é que eu faça uma intercessão pelos meus seguidores no Dia da Ressurreição. Abû Bakr perguntou: O´ Mensageiro de Allâh! O que é intercessão? Ele (o Profeta) disse: Eu direi: O´ Senhor! Minha intercessão é que mantenhai o pacto que eu firmei convosco. Em resposta, o Senhor dirá: Sim. Então o meu Senhor vai tirar o resto dos meus seguidores do Inferno e os admitirá no Paraíso (QUDSI, Hadith 44, p. 59 e 60).

Este hadith, relatado por *Ahmad* no seu *Musnad* e por Ibn Mâjah e Tirmidhi, p. 60, intitulado febre e outras enfermidades descontam pecados, afirma que um servo fiel que sofre de febre e outras enfermidades no mundo serão perdoados proporcionalmente alguns pecados:

Abû Huraira narrou que, com o Mensageiro de Allâh, ele visitou certa vez um enfermo que sofria com febre. O Mensageiro de Allâh disse ao enfermo: Alegra-te com a boa noticia que Allâh comunica: Eu afligirei meu servo fiel no mundo com fogo (febre) para que ele possa ser salvo de parte do fogo que lhe caberá na outra Vida (QUDSI, Hadith 45, p. 60).

Quando um servo está doente, uma recompensa lhe é registrada conforme o que fazia quando tinha saúde, é o que diz o hadith ouvido e relatado por Ahmad em seu Musnad:

Uqba bin Aamir narrou: O Profeta disse: Cada ação de cada dia é registrada. Quando um fiel adoece, os anjos dizem: O´ nosso Senhor! Vosso servo fulano de tal adoeceu. O Senhor diz: anotem em seu crédito todas as mesmas ações que fazia antes da doença, até que ele se cure ou faleça. (QUDSI, Hadith 46, p. 61).

No hadith abaixo afirma que “para quem ficar privado da sua visão e mantiver a paciência, a recompensa de Allâh será o paraíso”, nesse sentido o hadith ouvido e relatado por Bukhâri, diz:

Anas bin Mâlik narrou: Eu ouvi o Profeta dizer: Allâh disse: Se Eu privar meu servo destas duas coisas estimadas (isto é, dos seus olhos) e ele mantiver a paciência, Eu o deixarei entrar no Paraíso como recompensa por eles. (QUDSI, Hadith 47, p. 61 e 62).

Suicídio e o homicídio

A intimidação contra a prática do suicídio é retratada no hadith ouvido e relatado por Bukhâri e Muslim, que diz:

Jundub bin 'Abdullâh narrou: O Mensageiro de Allâh disse: Entre as nações, antes de vós, houve um homem que recebeu um ferimento e perdeu a paciência. Ele apanhou uma faca e cortou sua mão. O sangue não parou de jorrar até que ele morreu. Allâh o Exaltado disse: Meu servo apressou-se em trazer a morte para ele. Por isso, eu não lhe permitirei entrar no Paraíso (QUDSI, Hadith 48, p. 62).

Nos comentários do hadith acima temos:

O suicídio é proibido no Islã. Vós podereis dizer: Eu sou livre para me matar! Não, vós não tendes esse direito pois sois servos de Allâh. A vossa morte não deve ser provocada por vós mesmos. Nem deveis matar ninguém. Suicídio e homicídio são ambos inaceitáveis no Islã. Todo assassino é um grande pecador que deverá também ser morto como pena neste mundo e o Inferno

é o que ele merece na outra Vida. Também quem comete suicídio será punido com o Inferno (QUDSI, Hadith 48, p. 62).

No hadith 49, transcrito abaixo, intitulado “O pecado de quem mata injustamente”, ouvido e relatado por Nasa’i, temos:

Abdullâh bin Ma’ûd narrou pela autoridade do Profeta (No Dia do Juízo) um homem virá segurando a mão de outro homem e dirá: O’ Senhor! Foi ele quem me matou. Allâh dirá: Por que o mataste? Ele dirá: eu o matei para estabelecer a vossa glória. Allâh dirá: entendo. Depois, um outro homem virá segurando a mão de outro companheiro e dirá: Foi ele quem me matou. Allâh lhe perguntará: Por que o mataste. Ele dirá: Eu o matei para estabelecer a gloria (honra) desta ou daquela pessoa. Allâh dirá: na verdade isso não lhe deu nenhuma glória (honra) (QUDSI, Hadith 49, p. 63).

2.3.2- Fonte: Sahîh-Al-Bukhâri

Selecionamos dos ahadith Sahîh-Al-Bukhâri os capítulos mais significativos sobre Jihad e os temas que se relacionam com o objeto, também trabalhados nos Qudsi, paraíso e o inferno, martírio, mundo (sua impermanência e prazer mundano), ressurreição e virtudes, suicídio e homicídio.

Paraíso e inferno

Sahl Bin Saad As-Saidi (que Deus se compraza dele) narrou que o mensageiro de Deus (que a paz e as bênçãos de Deus estejam sobre ele) disse: ‘Proteger muçulmanos dos infiéis em prol da causa divina por um único dia é melhor do que o mundo material e o que quer que esteja sobre sua superfície, e um

pequeno lugar no paraíso é melhor do que o mundo material e o que quer que esteja sobre sua superfície' (hadith 1250, p. 598):

O hadith acima estabelece o contraste entre *din* (religião) e *duniyya* (mundo material) para determinar que a dedicação e o empenho religioso são mais relevantes do que a vida mundana e os resultados alcançados compensam quaisquer tribulações na Terra, uma vez que mesmo uma porção reduzida do paraíso “é melhor do que o mundo material”. Também se percebe um chamamento à proteção dos muçulmanos ante possíveis perigos na relação com os infiéis; aqui também a recompensa após a morte supera qualquer adversidade.

No hadith 1207, p. 581, citado abaixo relaciona todos aqueles que entrarão no paraíso:

Narrado por Abu Huraira (que Deus se compraza dele). O Profeta (que a paz e as bênçãos de Deus estejam sobre ele) disse: “Todo aquele que acredita em Allâh e seu Mensageiro cumpre *Iqâmat as-Salât* (dias e horas prescritos para orar) e observa Saum do mês de Ramadan, recebe a promessa selada por Allâh de que ele será admitido no Paraíso, não importa se lute pela causa de Allâh ou se permaneça na terra em que nasceu”. O povo disse: “Ó Mensageiro de Allâh. Devemos inteirar o povo desta boa notícia”? Ele disse: “O Paraíso tem cem graus que Allâh reservou para os *Mujâhidûn* que lutam pela causa de Allâh, e a distância entre cada grau é como a distância entre o meio (o melhor) e o grau mais elevado do Paraíso. E acima dele (do Paraíso *Al – Firdaus*) está o trono do Todo Misericordioso (isto é Allâh) e dele emanam os rios do Paraíso”.

No hadith 1206, p. 581, transcrito abaixo, iguala o combatente pela causa de Deus ao fiel que obedece aos preceitos islâmicos como o jejum e a oração.

Narrado por Abu Huraira. Eu ouvi o mensageiro de Allâh dizer: Um *Mujâhid* (combatente muçulmano) pela causa de Allâh (e

Allâh conhece bem quem realmente se empenha por sua causa) – é como uma pessoa que observa o *Saum* (jejum) e oferece *Salât* (orações) continuamente. Allâh garante que ele admitirá o *Mujâhid* por sua causa no Paraíso se ele for morto; do contrário, ele o fará retornar com segurança para seu lar com as recompensas e o botim.

Martírio

Jaber bin Abdullah (que Deus se compraza de ambos, Jaber e seu pai, Abdullah) narrou: No dia da batalha de Uhud, um homem se dirigiu ao profeta (que a paz e as bênçãos de Deus estejam sobre ele) e disse: “Você poderia me dizer para onde irei se eu for morto, tornar-me mártir?” O profeta (que a paz e as bênçãos de Deus estejam sobre ele) respondeu: “Para o paraíso”. O homem lançou ao chão as tâmaras que carregava e combateu até tornar-se mártir (Hadith 1618, p. 766).

O hadith acima demonstra que a recompensa prometida ao fiel que se dispõe a sacrificar a vida em nome de Deus é o paraíso. E na página 580, o hadith 1205, mencionado abaixo, que o melhor dentre o povo é o fiel que entrega sua vida e bens na causa de Deus.

Narrado por Abu Said Al-Khudrî. Alguém perguntou, O Mensageiro de Allâh. Quem é o melhor dentre o povo? O Mensageiro de Allâh respondeu “O crente que empenha-se totalmente na Causa de Allâh com sua vida e propriedade. Eles perguntaram: Quem vem depois? Ele respondeu: “O fiel que fica em uma das trilhas da montanha rendendo culto a Allâh e deixando o povo com os seus mal-feitos”.

Mundo, sua impermanência e prazer mundano

Esse mundo é irrelevante quando comparado ao paraíso, relata o hadith 1250, p. 580, já mencionado anteriormente e que transcrevemos em parte com o mesmo destaque:

[...] um pequeno lugar no paraíso é melhor do que o mundo material e o que quer que esteja sobre sua superfície.

Ressurreição e virtudes

Jaber bin Abdullah (que Deus se compraza de ambos, Jaber e seu pai, Abdullah) narrou que ele combateu em um ação em Najd com o mensageiro de Deus (que a paz e as bênçãos de Deus estejam sobre ele) e, quando o mensageiro de Deus (que a paz e as bênçãos de Deus estejam sobre ele) retornou, ele também voltou com ele. A hora de repousar os alcançou quando eles se encontravam em um vale repleto de árvores espinhosas. O mensageiro de Deus (que a paz e as bênçãos de Deus estejam sobre ele) desmontou, e as pessoas se dispersaram entre as árvores, buscando a sombra das árvores. O mensageiro de Deus (que a paz e as bênçãos de Deus estejam sobre ele) buscou refúgio sob uma árvore de Samura e pendurou nela sua espada. Disse Jaber: “Dormimos um pouco e o mensageiro de Deus (que a paz e as bênçãos de Deus estejam sobre ele) nos chamou subitamente. Fomos até ele e o encontramos com um beduíno sentado. O mensageiro de Deus (que a paz e as bênçãos de Deus estejam sobre ele) disse: ‘Este homem pegou a minha espada enquanto eu dormia. Quando eu acordei, a espada estava em sua mão’. Ao que ele me disse: ‘Quem poderia me impedir (de atacá-lo)?’ Eu lhe disse: ‘Deus’. E eis que esse homem sentou-se com ele. E o mensageiro de Deus (que a paz e as bênçãos de Deus estejam sobre ele) não o puniu por isso (Hadith 1633, p. 772).

O hadith acima versa sobre as virtudes do profeta e o poder de Deus, que é reconhecido imediatamente uma vez pronunciado seu nome. Uma situação

aparentemente de perigo é desfeita por meio da evocação divina. E no hadith abaixo, retrata que todo aquele ferido na causa de Deus chegará à ressurreição com a ferida com cor de sangue, mas com o cheiro agradável de almíscar.

Narrado por Abu Huraira: O Mensageiro de Allâh disse: “Por aquele em cujas mãos está a minha alma. Todo aquele que for ferido pela causa de Allâh... chegará no dia da Ressurreição com o seu ferimento com a cor de sangue, mas terá cheiro de almíscar (Hadith 1213, p. 584).

Suicídio e homicídio

Suponha que eu encontrasse um dos infiéis, nós combatêssomos, e ele atingisse uma de minhas mãos com sua espada e a cortasse e então buscasse refúgio numa árvore e dissesse: ‘Eu me entrego a Deus’ (o verbo original em árabe refere-se também a tornar-se muçulmano, assim a entrega nesse sentido vincula-se à pertença religiosa), eu poderia matá-lo, ó mensageiro de Deus (que a paz e as bênçãos de Deus estejam sobre ele), depois de ele ter dito isso? “Não, você não deveria matá-lo”. Al-Miqdad disse: “Ó mensageiro de Deus! Mas ele cortou uma de minhas mãos e depois disso pronunciou essas palavras...” O mensageiro de Deus (que a paz e as bênçãos de Deus estejam sobre ele) respondeu: “Você não deveria matá-lo porque, se você o matar, ele ocuparia a posição que você tinha antes de você matá-lo, e você ocuparia a posição que ele tinha antes de pronunciar essas palavras (Hadith 1611, p. 760).

O hadith acima indica que, mesmo após uma ação violenta, caso o infiel que tenha praticado tal ato arrependa-se e converta-se ao islamismo, não cabe ao fiel uma reação similar nem mesmo julgamento de qualquer espécie. Como se verifica ao final do hadith, o fiel que se dispõe a tirar a vida de um ex-infiel tornado fiel passa a ocupar uma posição de infidelidade e descrença; ao passo que o ex-infiel

islamizado alcança a proteção divina e o grau de fiel pleno. E o hadith abaixo menciona que Deus reprovou a matar mulheres e crianças.

Narrado por Abdullâh bin 'Umar : Durante algumas Ghazawat (grandes batalhas lideradas pelo Profeta) uma mulher foi encontrada morta. O Mensageiro de Allâh reprovou matar mulheres e crianças (Hadith 1293, p. 613).

O detalhismo nas descrições visa também garantir credibilidade aos eventos retratados. Os textos dos Ahadith se caracterizam pela presença de discurso indireto e direto na língua árabe com funções distintas. O discurso direto tem como objetivo apresentar a mensagem tal como foi dita pelo Profeta, o que lhe confere ainda mais credibilidade.

Com o objetivo de apresentar as prescrições e orientações que aparecem nos textos colhidos das fontes, elaboramos um agrupamento temático e comparativo que vai em apêndice.

CAPÍTULO III

Do conteúdo ao significado. Uma hermenêutica dos textos para analisar a ação das “bombas humanas”

As incitações à guerra e ao martírio que se encontram em inúmeras passagens da literatura sagrada dos muçulmanos, no Alcorão e nos Ahadith, podem explicar e legitimar os comportamentos violentos de hoje? Seriam eles mártires? Trata-se de simples terrorismo ou seria uma luta política? Enfim, seriam eles seguidores fiéis da doutrina do jihad? A recompensa ou a condenação do muçulmano está vinculada a seu desempenho na luta? O que é jihad? Uma ação violenta? A maior ênfase dos textos sagrados não seria o amor e a solidariedade universal?

São questões que buscaremos responder, a partir das fontes islâmicas que apresentamos nos dois primeiros capítulos.

3.1- O sentido do jihad e as ações violentas

Jihad como luta violenta

Uma corrente entre autores sobre o Islã interpreta o jihad como uma “guerra santa” nos moldes das guerras de Israel, ou das cruzadas ou das lutas coloniais de conquista de terras “além-mar” movidas pelos países europeus, que justificavam a violência e os massacres. Incluem o terrorismo como sendo “guerra santa” que reflete um “conflito de civilizações”.

A teoria de um “Choque de civilizações” foi proposta pelo autor Samuel Huntington que entendia como principal fonte de conflito as identidades culturais e religiosas dos povos, o que FARAH (2001, p.10) considera como “confusa e frágil” dando abertura para interpretações enviesadas dos vários mundos muçulmanos, originando como resposta a teoria do Diálogo entre Civilizações de Mohamad Khatami, que abordaremos no item 3.3.

A reação do mundo islâmico contra esta interpretação

Essa leitura enviesada tem provocado reação no mundo islâmico. E a melhor forma de revertê-la é ir direito às fontes e aos textos sagrados do Islã para ver o que dizem sobre jihad.

Jihad, nos textos do Alcorão, aparece como uma luta que inclui a luta armada pela causa de Deus, como podemos observar na Surata 2, versículo 217:

Perguntam-te pelo combate, no mês sagrado. Dize: “Combater nele é grande pecado. E pecado maior, perante a Allah, é afastar os homens do caminho de Allah e renegá-Lo, e afastá-los da Mesquita Sagrada, e fazer sair dela seus habitantes.” E a sedição pela idolatria é pecado maior que o morticínio. E eles não cessarão de combater-vos, até que vos façam apostatar de vossa religião, se eles o puderem. E quem de vos apostata de sua religião e morre enquanto renegador da fé, esses terão anuladas suas obras, na vida terrena e na derradeira vida. E esses são os companheiros do Fogo. Nele, serão eternos.

Este texto, e outros que virão na sequência, embora enfatizem a luta pela “causa de Deus”, indicam claramente o teor defensivo deste combate. Na Surata 22, versículo 39, Jihad aparece como uma luta em defesa contra os atacantes e na surata 2, versículo 216, como uma luta pela causa de Deus que enaltece o combatente:

39. É permitido o combate aos que são combatidos, porque sofreram injustiça. – E, por certo, Allah, sobre seu socorro, é onipotente. -

216. É-vos prescrito o combate e ele vos é odioso. E, quiçá, odieis algo que vos seja melhor. E, quiçá, ameis algo que vos seja pior. E Allah sabe, e vos não sabeis.

Também encontramos nos ahadith Qudsi e Bukhâri jihad como uma luta legítima em defesa dos muçulmanos:

Allâh disse: expulsa-os como eles te expulsaram da tua cidade. Dê-lhes combate, Eu te darei apoio. Gasta (dinheiro pela causa de Allâh). Eu cobrirei os teus gastos. Mande um exército e eu mandarei mais cinco iguais a ele. Combata com os seus seguidores contra aqueles que te renegaram (QUDSI, hadith 35, p. 47 e 48).

Proteger muçulmanos dos infieis em prol da causa divina por um único dia é melhor do que o mundo material e o que quer que esteja sobre sua superfície, e um pequeno lugar no paraíso é melhor do que o mundo material e o que quer que esteja sobre sua superfície (BUKHÂRI, hadith 1250, p. 598).

Jihad não é “guerra santa” de conquista e opressão e por isso dever ser sempre colocada no contexto dos textos do Alcorão e ou dos Ahadith. Temos exemplos na surata 2, versículo 194:

194. O Mês Sagrado pelo Mês Sagrado, e para as cousas sagradas, o talião. Então, a quem vos agredir, agredi-o de igual modo, como ele vos agrediu. E temei a Allah e sabeis que Allah é com os piedosos.

Na coletânea dos ahadith Qudsi (hadith 33, p. 44, comentários) também é possível verificar que a luta não é por conquista e opressão, pois “um soldado que luta no caminho de Allâh será bem recompensado por Allâh tanto nesta vida quanto na Vida futura”. A ênfase está na luta “no caminho de Allâh” que significa uma luta no caminho da justiça.

No Bukhâri encontramos a prescrição que

um Mujâhid (combatente muçulmano) pela causa de Allâh (e Allâh conhece bem quem realmente se empenha por sua causa) – é como uma pessoa que observa o Saum (jejum) e oferece Salât (orações) continuamente” (BUKHÂRI, hadith 1206, p. 581).

Combater pela causa de Deus equipara-se a observar o jejum e fazer as orações prescritas.

É à luz destes textos que se deve ler uma das suratas mais fortes que parece incentivar a “guerra santa”:

E, quando os meses sagrados passarem, matai os idólatras, onde quer que os encontreis, e apanha-os e sediai-os, e fiqueis a sua estreita, onde quer que estejam. Então, se se voltam arrependidos e cumprem a oração e concedem as az-zakâh, deixai-lhes livre o caminho. Por certo, Allah é Perdoador, Misericordioso. (Surata 9, versículo 5 – surata At-Taubah – arrependimento ou remissão).

O versículo transcrito acima é da surata 9, a surata do arrependimento, que traz a exortação para que as pessoas se arrependam. Além disso, refere-se a um tema específico que é a proibição dos idólatras na Caaba, local sagrado, coibindo a invasão em lugar santo. Foi revelada no fim do nono ano da Hégira e veio a esclarecer a atitude para com os idólatras e para com os seguidores do Livro. Para os primeiros, foi fixado um período de 04 meses para aceitar o Islã ou ser combatidos e os segundos, deviam, igualmente aceitar o Islã ou pagar a taxa *Al Jizyah*, garantia de coexistência pacífica na sociedade islâmica da Península Arábica (NASR, 2005, p.293).

Nos comentários do Livro Jihad no Bukhâri, o professor da Universidade Islâmica de Medina, Muhammad Muhsin Khan, acredita que

por meio do Jihad o Islã se implanta e a palavra de Deus adquire a supremacia [Sua palavra é Lâ illâha ila Allâh (que significa: ninguém tem o direito de ser cultuado exceto Allâh) e a sua Religião (Islã) é propagada]. (BUKHÂRI, p. 580).

De acordo com Khan,

Jihad é um dever obrigatório no Islã para todo muçulmano, e aquele que procura fugir deste dever, e não queira, no profundo do seu coração, cumprir com este dever morre na qualidade de hipócrita (Ibid., p. 580).

A citação demonstra a relevância do jihad e reitera o fato de que não se refere à guerra exclusivamente, como muitos autores acreditam. Seria impossível imaginar que todo aquele que não se dedicasse à guerra pudesse “morrer na qualidade de hipócrita” Por outro lado, empenhar-se na causa de Deus é algo mais comprometedor do que dedicar-se a conflitos.

A surata 41, versículo 34, que Al-Turki (2007, p. 21) afirma ser a “regra de ouro” que o muçulmano deve seguir em relação ao próximo independente de raça, cor, crença ou estrato social diz: “Repele o mau comportamento com o bom e verás que assim quem te declarava inimizado acabará convertido em teu amigo mais fervoroso.”

E observa Al-Turki “a conduta baseada no amor e no bem comum garante a paz social duradoura” (Ibid., p. 22).

Concordamos com Al-Turki quando diz: “o termo *jihad-jihada* (guerra santa) tem um amplo campo de significado na língua árabe”. Por isso, deve ser interpretado no texto e no contexto. Mas sempre está ligado a um comportamento moral por um objetivo nobre, que assim recebe legitimação pela lei e pelo direito seguindo os princípios éticos do mundo civilizado.

Jihad é uma luta, mas nem sempre o principal sentido é de conquista e opressão. Sua finalidade é defender a cultura e a fé islâmica quando perseguida, como foi desde o início e por vários séculos.

Como diz Al-Turki:

É uma luta sem cessar, individual e coletiva [...] por motivos nobres, sem nunca esquecer a legalidade do meio empregado, nem a justiça e a ética da luta. A luta pela dignidade do ser humano é o único e o verdadeiro sentido semântico de jihad (Ibid., p.22).

Percebemos no Alcorão, na surata 9, nos versículos 91 a 93 e 96 a 99, que jihad é uma luta em defesa seja dos princípios islâmicos, da cultura, da fé, do território e do próprio muçulmano. E os textos descartam o mito da universalidade de jihad como combate armado.

91. Não há culpa sobre os indefesos nem sobre os enfermos nem sobre os que não encontram recursos para o combate, quando são sinceros com Allah e Seu Mensageiro. Não há repreensão aos benfeitores – e Allah é Perdoador, Misericordioso -

92. Nem àqueles que, quando chegaram a ti, para os levares a combate, e lhes disseste: “Não encontro aquilo sobre o qual levar-vos”. Eles voltaram com os olhos marejados de lágrimas, de tristeza por não haverem encontrado o de que despendem.

93. Há repreensão, apenas, aos que, enquanto ricos, te pedem isenção. Agradaram-se de ficar com as mulheres isentas do combate; e Allah selou-lhes os corações; então eles não sabem.

[...]

96. Eles juram-vos, para que deles vos agradeis; então, se deles vos agradais, por certo, Allah não se agrada do povo perverso.

97. Os beduínos são mais veemente na renegação da Fé e na hipocrisia e mais afeitos a não saber os limites do que Allah faz descer sobre Seu Mensageiro. E Allah é Onisciente, Sábido.

98. E, dentre os beduínos, há quem tome por dano o que despende pela causa de Allah, e aguarde, para vós, os reveses. Que sobre eles seja o revés do mal! E Allah é Oniouvinte, Onisciente.

99. E, dentre os beduínos, há quem creia em Allah e no Derradeiro Dia e tome o que despende pela causa de Allah por oferendas a Allah e meio de acesso às preces do Mensageiro. Ora, por certo, é uma oferenda para eles. Allah fá-los-à entrar em Sua Misericórdia. Por certo, Allah é Perdoador, Misericordioso.

Nos textos mencionados acima são isentos os inválidos, os enfermos, os pobres, os que preferem as ações caridosas (os que fazem o bem) e, mesmo sendo ricos, preferem cuidar dos incapazes, embora, quanto a estes, devem ter pureza de intenção e não entrar para o rol dos “depravados”. E ainda verificamos que até mesmo os beduínos, embora tenham propensão à hipocrisia e à incredulidade, de acordo com a citação acima, também abrigam os que crêem em Deus e serão salvos pelas boas obras. Para Farah, beduíno, neste contexto, se refere ao árabe não sedentarizado, aquele que vive em condição de nomadismo.

Farah ainda menciona que alguns líderes religiosos acreditam que os beduínos possuem uma propensão a práticas religiosas menos ortodoxas, como se observa na citação acima.

No Qudsi percebemos como o Islamismo se preocupa com a conduta do muçulmano, frisando que suas qualidades e defeitos estão sendo observadas por Deus e serão cobradas:

Anas narrou que o Mensageiro de Allâh disse: uma pessoa do povo mais miserável deste mundo foi levada para junto do povo do Paraíso. Allâh disse (aos anjos): introduzi-o no Paraíso. Então eles o introduziram no Paraíso. Então Allâh lhe perguntou: já enfrentaste alguma vez alguma desgraça ou algo que odiaste? Ele disse: não, por Vossa glória! Nunca enfrentei nada desagradável. Depois, uma pessoa do povo mais rico do mundo foi conduzida ao Inferno. Allâh ordenou (aos anjos): introduzi-o nele [no Inferno].

Então Ele lhe perguntou: Ó filho de Adão! Terias alguma vez usufruído algum conforto? (Isso quer dizer que um mergulho no Inferno pode fazer uma pessoa esquecer o sentido do conforto). Trata-se de uma pessoa que levou uma vida de ócio e riqueza neste mundo (Qudsi, Hadith 37, p. 50).

Como se vê pelo texto, a salvação decorre da vida ascética e a perdição decorre da vida devassa. Jihad é um caminho de buscar o bem e fugir do mal. A proteção dos muçulmanos ante as agressões dos infiéis, o empenho do crente com sua vida e bens são orientações que fazem parte do jihad.

Observamos em dois ahadith presentes na Coletânea Bukhâri:

Proteger muçulmanos dos infiéis em prol da causa divina por um único dia é melhor do que o mundo material e o que quer que esteja sobre sua superfície, e um pequeno lugar no paraíso é melhor do que o mundo material e o que quer que esteja sobre sua superfície (Hadith 1250, p. 598).

Alguém perguntou, O´ Mensageiro de Allâh. Quem é o melhor dentre o povo? O Mensageiro de Allâh respondeu “O crente que empenha-se totalmente na Causa de Allâh com sua vida e propriedade. Eles perguntaram: Quem vem depois? Ele respondeu: “O fiel que fica em uma das trilhas da montanha rendendo culto a Allâh e deixando o povo com os seus mal-feitos (Hadith 1205, p. 580).

Jihad é um serviço de “proteção”, de desapego dos bens materiais, de empenho “total” na causa de Deus e de fuga da maldade. Para Farah, jihad deve ser interpretada como

o “esforço” que o muçulmano deve fazer para aperfeiçoar-se, por meio do estudo e da atividade intelectual, por exemplo. Pode referir-se ainda à defesa da família, da honra e da

comunidade islâmica em diversas frentes – espiritual, política, militar e econômica – e constitui um nome próprio bastante comum entre muçulmanos de variadas nacionalidades (FARAH, 2001, p.73).

Michael Bonner, ao relatar em seu livro, *O Islã em debates. Jihad. Origens, interpretações, combates*, a história das primeiras conquistas do Islã, no capítulo, “Ao encontro do outro” se refere ao tratamento a ser dado aos não muçulmanos. Diz que as fontes árabes sobre as primeiras conquistas falam de numerosos acordos firmados entre os conquistadores e conquistados para pôr fim às hostilidades (BONNER, 2004, p. 110).

A *dhimma* (proteção) estabelecia respeito dos direitos dos vencidos e das minorias quando o Islã se tornou religião majoritária. Um dos princípios da *dhimma* é que “não deveria haver conversões forçadas, nem escolha a ser feita entre “ou o Islã ou a Espada”” (Ibid, p. 113), pois era observado rigorosamente o princípio do Alcorão, surata 2, versículo 256, “nenhum constrangimento em religião”. Os “povos do Livro”, cristãos e judeus, dominados não podiam ser feitos escravos (Ibid, p. 113) embora fossem submetidos a restrições culturais e políticas.

3.2- Seriam mártires?

Uma tendência do radicalismo árabe é de considerar as ações violentas perpetradas pelas “bombas humanas” como martírio e não suicídio, ou como suicídio altruísta.

Para clarear este problema, cumpre analisarmos o sentido do martírio nas fontes islâmicas. Nos ahadith Qudsi, temos que mártir é quem lutou pelo amor de Deus e foi morto:

Contado por Masrûq: Perguntaram a ‘Abdullâh bin Mas’ûd sobre este versículo: “Não pensem naqueles que morreram por Allâh como mortos; ao invés disso, pensem que eles estão vivos com seu Senhor que os sustenta” (3:169). Ele (Abdullâh bin

Mas'ûd) disse: Perguntamos ao Profeta o significado desse versículo e ele o explicou desta forma:

Suas almas estão dentro de pássaros verdes, perto de lanternas suspensas diante do Trono Divino, e vagam livremente por onde quiserem no Paraíso. Elas se abrigam nessas lanternas. Certa vez, o Senhor olhou para eles e perguntou: Vocês querem algo mais? Eles disseram: O que mais poderíamos querer? Nós vagamos livremente pelo paraíso como desejamos. Allâh perguntou a eles a mesma questão por três vezes. Quando eles perceberam que não seriam poupados da pergunta, disseram: Ó Senhor! Gostaríamos que colocásseis nossas almas de volta aos nossos corpos para que possamos ser mortos pelo Senhor mais uma vez. Quando Allâh percebeu que nada desejavam, Ele permitiu que ficassem na alegria do Paraíso (Qudsi, Hadith 31, p. 43).

O hadith acima ainda descreve um *Shahid* e o grau que atinge no paraíso. Fica claro que no paraíso existe merecimento para estar mais próximo de Deus:

Um Shahid é um mártir que lutou pelo amor de Allah e foi morto. Seu grau no Paraíso fica próximo ao de um Siddiq, ou seja, aquele que foi um precursor e o primeiro a crer em seu Profeta. (por exemplo, Abu Bakr). Os graus são: Profetas, seguidos dos Siddiqun, depois os mártires e os justos. (Qudsi, Hadith 31, p. 43).

Há nestes textos várias considerações a fazer. Primeiro, o mártir não procura a sua morte. Ele se entrega à causa de Deus e é morto. Está descartado o suicídio.

Segundo, a recompensa desta entrega é indizível. Tanto é que o texto recorre a uma metáfora para descrever a felicidade dos mártires e a nova vida que lhes é dada. São belos como pássaros verdes que brilham ante as lanternas do Trono Divino. São totalmente livres, vagam para onde quiserem e se abrigam no seio divino (nas suas lanternas). E a entrega a Deus é tão grande que estariam dispostos a morrer de novo por Ele.

E sempre houve a preocupação em descartar o martírio como “barganha” em troca de um lugar privilegiado no paraíso, como também o risco de um suicídio “camuflado” na busca de morrer pelo morrer, sem fé e pureza de intenção.

Bonner (2004, p. 96) aborda os problemas que as autoridades e os pensadores muçulmanos têm encontrado à vista dessa “corrida” ao martírio para alcançar um lugar privilegiado no paraíso.

Afirma Bonner (Ibid., p. 96) que foi necessário ter um consenso geral para o morto em combate ser enterrado segundo o modo reservado aos mártires. Coube a separação daqueles que teriam ou não o título de mártir, pois os que partiam para a guerra sem pureza de intenção, sem fé verdadeira, não lhes caberia o status de mártir no outro mundo.

Evita-se assim, conforme Bonner, a instigação ao suicídio, já que o combatente se exporia ao perigo sem nenhuma prudência, buscando o martírio para atingir o paraíso sem constituir benefício concreto.

A extensão do martírio no Alcorão e nos ahadith Qudsi e Bukhâri

Nas fontes islâmicas percebemos que o mártir não é só aquele que morre na batalha. No Bukhâri, o hadith 1207, p. 581, menciona todos aqueles que serão admitidos no paraíso. Embora diferencie os *Mujâhidûn* - combatentes muçulmanos pela causa de Deus – que terão locais privilegiados no paraíso, são equiparados aos mártires todos os que cumprem as prescrições do livro sagrado:

Narrado por Abu Huraira (que Deus se compraza dele).
O Profeta (que a paz e as bênçãos de Deus estejam sobre ele) disse: “Todo aquele que acredita em Allâh e seu Mensageiro cumpre *Iqâmat as-Salât* (dias e horas prescritos para orar) e observa *Saum* do mês de Ramadan, recebe a promessa selada por Allâh de que ele será admitido no Paraíso, não importa se lute pela causa de Allâh ou se permaneça na terra em que nasceu”. O povo disse: “Ó Mensageiro de Allâh. Devemos inteirar o povo desta boa notícia”? Ele disse: “O Paraíso tem cem graus que Allâh reservou

para os Mujâhidûn que lutam pela causa de Allâh, e a distância entre cada grau é como a distância entre o meio (o melhor) e o grau mais elevado do Paraíso. E acima dele (do Paraíso *Al – Firdaus*) está o trono do Todo Misericordioso (isto é Allâh) e dele emanam os rios do Paraíso” (Bukhâri, hadith 1207, p. 581).

No Alcorão, surata 4, versículo 95, está caracterizada a equiparação do mártir a quem sacrifica os bens e a vida pela causa de Deus, embora ao combatente seja conferida uma dignidade maior.

95. Não se igualam os ausentes do combate, dentre os crentes não inválidos, e os lutadores no caminho de Allah, com suas riquezas e com si mesmos. Allah prefere os lutadores, com suas riquezas e com si mesmos, aos ausentes, dando-lhes um escalão acima destes. E a ambos Allah promete a mais bela recompensa. E Allah prefere os lutadores aos ausentes, dando-lhes magnífico prêmio (Alcorão, surata 4, versículo 95).

Na coletânea de ahadith Qudsi temos ainda a menção de lutar no caminho de Deus pelo bem sendo recompensado tanto nesta vida quanto na vida futura:

Narrou Ibn ‘Umar que o Profeta citou seu Senhor que disse: A qualquer um dos meus servos que lutar no meu caminho pelo meu bem eu lhe asseguro que compensarei seu sofrimento com prêmios e recompensas (durante sua vida) e, caso morra, eu o perdoarei, terei misericórdia para com ele e o deixarei entrar no Paraíso. Um soldado que luta no caminho de Allâh será bem recompensado por Allâh tanto nesta vida quanto na Vida futura (Qudsi, Hadith 33, p. 44).

Fica claro que “qualquer um” que lutar pelo bem terá a recompensa de mártir.

Diferenças no Islã entre xiitas e sunitas

Bonner (2004, p. 96) ainda relata em sua obra que há diferenças no entendimento de xiitas e sunitas quanto a denominar um muçulmano mártir. Os xiitas têm uma concepção mais ampla de martírio. Diz ele:

O mártir é um elemento particularmente importante para os xiitas. Onde o acento é colocado sobre o sofrimento, a morte e a redenção, o ato do martírio em si não é necessariamente realizado no campo de batalha. Aos olhos dos xiitas, os mártires por excelência são os membros da família dos Imãs, descendentes do primo e genro do profeta 'Alî ibn Abî Tâlib, que morreram por ordem de tiranos ilegítimos. Os xiitas reverenciam al – Husayn, filho de 'Alî, assassinado em 680 em Karbala, ao sul do Iraque. Para eles al – Husayn era o “mártir dos mártires” (Shahîd al – shuhadâ') e eles comemoram todos os anos sua morte, no dia 10 do mês de muharram. Os túmulos de al - Husayn e de outros Imãs imolados estão nos principais santuários do mundo xiita. Os xiitas concedem igualmente status de mártir àqueles que morrem combatendo contra os inimigos dos Imãs, e aos outros, imolados pela preservação da fé e da comunidade xiita.

Já para os sunitas, Bonner (Ibid., p. 98) afirma que a luta armada é condição *sine qua non* para a obtenção do título de mártir. Por tal razão consideram mártires os primeiros califas, Umar (morto em 644), e, em particular, 'Uthmân (morto em 656), atribuindo lugar de honra para os mortos de Badr em 624, ao primo do profeta, Hamza, o “senhor dos mártires” morto em Uhu em 625, em Abû Ayyûbe e outros heróis do início do Islã.

Bonner (Ibid., p. 99) menciona ainda outros grupos, como os sufis, ou místicos, que estabeleceram seus modelos de comportamento ideal, considerando o teólogo árabe místico al – Hallâj, executado em 922, como um grande mártir.

Bonner ressalta que todos acabaram por aceitar que aqueles que morrem, não no combate, mas a serviço de Deus e pela causa dos que crêem, alcançam a categoria dos mártires.

Categorias de mártires não combatentes

Devido às particularidades das fontes islâmicas, Bonner afirma que os juristas estabeleceram categorias de mártires entre os não-combatentes. São eles:

as mulheres mortas no parto, pessoas mortas em acidentes ou doenças tais como a pleurisia ou a peste e os que morrem de morte natural, desde que tenham se engajado em ações meritórias, em particular a peregrinação, mas também os que viajavam para o campo de seu conhecimento (talab–al-‘ilm). Estes eram considerados somente como “mártires da outra vida”: eles não recebiam em seu enterro o tratamento particular dos que morriam em combate, considerados “mártires desta e da outra vida” (BONNER, 2004, p. 97).

Bonner diz que, para numerosos pensadores, “o martírio era sobretudo o status daqueles que ultrapassavam seus desejos mais baixos na luta contra o egoísmo”. Esse tipo de combatentes são os da primeira linha no “maior Jihad” (al-Jihad al-akbar) e no “jihad contra o si mesmo (al-Jihad al-nafs)”, sendo necessário,

sofrer e talvez sofrer uma morte espiritual, mas não necessariamente física. Trata-se, aqui, de uma espiritualização da doutrina, mas não necessariamente um segundo desenvolvimento posterior (Ibid., 2004, p. 97).

Bonner ainda relata que o mártir do Islã foi estreitamente ligado a práticas e crenças ascéticas no início do Islamismo devido à maneira que o Profeta Muhammad conduzia sua vida e do grupo social do qual fazia parte (maghâzi). Por tal razão, a palavra jihad em sua origem deve ser interpretada como “esforço”.

A palavra maghâzi, originalmente usada para designar o gênero literário árabe e islâmico ligados à vida de Muhammad e à

história das suas primeiras comunidades, suas campanhas e expedições pode trazer uma confirmação do laço entre martírio e práticas ascéticas. A raiz árabe, da qual derivou esta palavra contém a idéia de “esforço”, tanto quanto a raiz árabe de jihad (Ibid, p. 97-98).

Nesse sentido observamos mais um significado do jihad de caráter indissociável do jihad “interno” e “externo”, o martírio como superação dos desejos mais baixos, a luta contra a si mesmo.

Pelo que foi exposto, podemos concluir que as “bombas humanas” não são mártires, embora subjetivamente se considerem como tais. Em geral são participantes de agremiações extremistas que os recrutam e incutem neles a idéia do martírio através de um ato condenado pelo islamismo: provocar a própria morte e a de outras pessoas.

Jéssica Stern em seu livro, *Terror em Nome de Deus: Porque os Militantes Religiosos Matam*, afirma que “O Islã proíbe explicitamente o suicídio (intihar)”. O Alcorão instrui os muçulmanos: “E não se mate, pois Deus será misericordioso com você”. E em outro versículo, o Alcorão diz: “E não se entregue à destruição com suas próprias mãos”. (STERN, 2004, p.46).

Na mesma linha, Farah aponta que o Islã proíbe explicitamente o suicídio nos ahadith e o Alcorão diz que “aquele que mata um homem mata toda a humanidade” (FARAH, 2001, p. 72).

Citamos aqui um dos mais explícitos entre os ahadith Qudsi:

Jundub bin ‘Abdullâh narrou: O Mensageiro de Allâh disse: Entre as nações, antes de vós, houve um homem que recebeu um ferimento e perdeu a paciência. Ele apanhou uma faca e cortou sua mão. O sangue não parou de jorrar até que ele morreu. Allâh o Exaltado disse: Meu servo apressou-se em trazer a morte para ele. Por isso, eu não lhe permitirei entrar no Paraíso (Qudsi, Hadith 48, p. 62).

Nos comentários do hadith acima temos a mais clara explicitação da proibição do suicídio no Islamismo:

O suicídio é proibido no Islã. Vós podereis dizer: Eu sou livre para me matar! Não, vós não tendes esse direito pois sois servos de Allâh. A vossa morte não deve ser provocada por vós mesmos. Nem deveis matar ninguém. Suicídio e homicídio são ambos inaceitáveis no Islã. Todo assassino é um grande pecador que deverá também ser morto como pena neste mundo e o Inferno é o que ele merece na outra Vida. Também quem comete suicídio será punido com o Inferno. (Qudsi, Comentário ao Hadith 48, p. 62).

No hadith Qudsi intitulado, *O pecado de quem mata injustamente*, Nasa'i ouviu e relatou que:

'Abdullâh bin Ma'ûd narrou pela autoridade do Profeta (No Dia do Juízo) um homem virá segurando a mão de outro homem e dirá: O' Senhor! Foi ele quem me matou. Allâh dirá: Por que o mataste? Ele dirá: eu o matei para estabelecer a vossa glória. Allâh dirá: entendo. Depois, um outro homem virá segurando a mão de outro companheiro e dirá: Foi ele quem me matou. Allâh lhe perguntará: Por que o mataste. Ele dirá: Eu o matei para estabelecer a glória (honra) desta ou daquela pessoa. Allâh dirá: na verdade isso não lhe deu nenhuma glória (honra). Assim, o assassino terá que assumir seu pecado. (Qudsi, Hadith 49, p. 63).

Neste texto, o homicídio também é terminantemente proibido. E fica claro, portanto, que não se deve confundir o martírio com o "suicidar-se pela causa de Deus", como fazem os extremistas, pois as fontes islâmicas condenam este tipo de ação.

3.3- Terrorismo ou luta política?

O Islamismo rejeita os ataques suicidas e não os considera uma luta política, conforme verificamos nos preceitos da Federação Islâmica, posição oficial do Conselho Supremo das Mesquitas no Mundo (CSMM), ocorrido em sessão ordinária celebrada em Meca de 30 de agosto a 03 de setembro de 2003, relatado por Al-Turki, 2007, p. 48 a 59.

O texto diz:

O fenômeno terrorista é estranho à idiossincrasia da sociedade islâmica, a qual crê firmemente que assassinar a um ser humano é um crime merecedor da indignação de Deus e, obviamente, é condenado o seu autor neste mundo e no outro (Ibid, p. 48).

E cita o Alcorão:

Não mateis a ninguém já que Deus declarou invulnerável a alma humana a não ser em cumprimento de uma sentença judicial inapelável (Surata 17, versículo 33) (Ibid, p. 48)

Depois afirma o fundamento teológico contra o homicídio:

Deus, na fé islâmica, é o único dono da vida e ninguém exceto ele tem competência para tirá-la, portanto, ninguém tem o direito de tirar a vida do próximo, nem a de si mesmo (suicídio), posto que ambos os casos são considerados como assassinato. Somente Deus em cumprimento da justiça, ostenta o direito de permitir a aplicação da pena máxima bem tipificada do Alcorão.

O Profeta Muhammad (que a paz e as bênçãos de Deus estejam sobre ele) disse: “Quem assassinar o concidadão não muçulmano jamais chegará a respirar a fragrância do paraíso” (Ibid, p. 48 e 49).

Em seguida, diz porque são ações contra a ordem pública:

O ato terrorista se classifica entre os delitos contra a ordem pública por incluir intimidações, danos, destruições, assassinatos ou desobediência e levante contra o sistema político e social legitimamente instalado. Todos esses delitos entram na classificação penal denominada: rebelar-se contra Deus e seus profetas, é contra a lei que ambos promulgaram ou, em outros termos, contra o direito comum da lei vigente (Ibid, p. 49).

E repudia a acusação de se tratar de algo típico e específico do mundo muçulmano:

O Conselho CSMM reconhece que o fenômeno terrorista é de caráter universal (sem identidade nacional, nem cultural e nem religiosa) e assim, pode afetar qualquer lugar do mundo, podendo ser protagonizado por muçulmanos ou não muçulmanos. O fato de alguns muçulmanos perversos participarem de atos terroristas não é motivo para taxar o Islã de ser permissivo com tais crimes nem, obviamente, que o Islã venha promovê-los ou incitar a cometê-los (Ibid, p. 49 e 50).

Farah cita que:

Todos os países muçulmanos e seus principais líderes religiosos condenaram as ações terroristas. "Matar homens, mulheres e crianças inocentes é um ato horrível que nenhuma religião monoteísta aprova o que é rejeitado por todo espírito humano são", afirmou o xeique Muhammad Sayyid Tantawi, da Universidade de Al Azhar (fundado no século 10, no Egito), a mais prestigiosa instituição teológica sunita. (FARAH, 2001, p. 8).

O autor Robert A. Pape, em sua esmerada pesquisa sobre o terrorismo com o título *Dying to win – The strategic logic of suicide terrorism*, corrobora para descartar a pecha de que ser terrorista ou suicida seja apanágio do Islã.

Diz ele:

Associa-se aos muçulmanos a maioria dos ataques terroristas. Entretanto os muçulmanos não são os mais propensos a cometer suicídios. Entre outros argumentos há dados relevantes que sugerem que o Islã reduz a probabilidade de suicídios. As quotas de suicídio nas sociedades islâmicas são as menores do mundo, significativamente abaixo das sociedades cristãs e judaicas. (PAPE, 2006, p. 181).

A rejeição destes atos é tão grande que o CSMM faz um apelo para “a cooperação e a coordenação internacional para pôr fim a este flagelo que está afetando a todos” (Ibid, p. 50).

E adverte:

quem, de um modo ou de outro, se envolva em atividades terroristas que logram iludir a justiça neste mundo não poderão fazer o mesmo no outro e que o único modo de obter a salvação é desistir de sua atitude e reparar os danos que tenha cometido.

O Conselho adverte também a população muçulmana contra todo o intento de encobrir, dar abrigo ou prestar ajuda a qualquer terrorista, posto que o ato desta índole está tipificado na “charia” como coparticipação no delito (Ibid, p. 50).

Finalizada a sessão ordinária do CSMM foi feito um “pronunciamento público, intitulado “Apelação de Meca”, a todos os encarregados das mesquitas no mundo para que anunciem a postura do direito islâmico diante de todos os fiéis”(Ibid, p. 51). O resumo do texto de apelação de Meca, referido por Al-Turki, segue em apêndice.

Autores não muçulmanos, ao analisarem as ações suicidas, assumem posições anti-islâmicas, generalizando o fato e classificando-o como guerra cultural que cria um cenário de uma nova política agressiva.

A teoria de Samuel Huntington, exposta em *O Choque de Civilizações* em 1993, fez com que um grupo de ideólogos neoconservadores insinuassem a necessidade de uma guerra preventiva com o pretexto de que a co-existência do Islã com a cultura ocidental era um feito impossível e que a única maneira de garantir a sobrevivência do sistema ocidental era “ocidentalizar” os países islâmicos com o uso da força e assegurar uma hegemonia político-econômica sobre as nações muçulmanas (Ibid., p. 32).

Como resposta à teoria de Huntington, Mohamad Khatami, líder iraniano, autor do livro *“Islã, diálogo e Sociedade Civil”*, apresentou a teoria do Diálogo entre Civilizações:

Para promovermos um diálogo sincero entre civilizações, é fundamental que o Oriente seja parte ativa do debate, não apenas um objeto de estudo [...]. Um diálogo reflexivo e preciso com o Islã ajudaria a encontrar soluções justas e práticas para alguns dos graves problemas que atingem o mundo atualmente. (FARAH, 2001, epígrafe).

Al-Turki (2007, p. 33) alerta que sem conhecimento real da essência do Islã e sem dispor de dados históricos fieis, se organizou uma campanha de desprestígio dos princípios e símbolos do Islã, mascarando e falsificando suas conquistas, sua cultura e sua história.

Farah afirma que a “absoluta maioria das escolas da Europa e da América - Brasil incluso - não dedica nem sequer uma aula ao Islã” e que após o 11 setembro, filmes norte-americanos passaram a retratar os muçulmanos “como seres irracionais que precisam ser domesticados e podem ser facilmente exterminados” (FARAH, 2001, p. 12).

Para Farah, a contribuição “para uma interpretação quase sempre enviesada dos vários mundos muçulmanos” está vinculada aos “supostos especialistas, que nunca estiveram nas sociedades que analisam nem jamais abriram o Alcorão”, causando “generalizações indevidas” que “na maior parte das vezes” é a “visão que o Ocidente tem do Islamismo; e vice-versa”. (FARAH, 2001, p. 10).

E complementa, afirmando que “quem foi a dois ou três países dessa órbita compreende que eles [muçulmanos] são bastante diversos (FARAH, 2001, p. 10). Esse desconhecimento, como observa Al-Turki, faz com que ocorram “mentiras rotineiras” como:

“a expansão do Islã foi obra da espada”, “o Islã é uma religião totalitária, estática, intolerante, irracional, inimiga da democracia, opressora, não dialogante e que menospreza a mulher, depende da “guerra santa” para levar a cabo um proselitismo intolerante” (AL-TURKI, 2007, p.33).

Na citação de Farah percebemos que considerar o Islamismo estático é um erro, pois o Islã

não é um bloco monolítico, nem muito menos estanque. Religião predominante no Oriente Médio e em vastas porções da África e da Ásia, reúne hoje cerca de 1,3 bilhão de pessoas, de diferentes origens étnicas, culturais e sociais. São árabes, iranianos, afegãos, paquistaneses, turcos, chineses, indonésios (89% dos 204 milhões de habitantes do maior país muçulmano), africanos, europeus e americanos.

[...]

A presença dos muçulmanos se faz notar cada vez mais na Europa, onde são por volta de 15 milhões, sobretudo na França (5 milhões) (FARAH, 2001, p.10)

Outro erro é considerar o Islamismo intolerante. Entre outros exemplos para demonstrar que “tolerância e Islamismo são compatíveis” Farah relembra o “multiculturalismo que floresceu na península Ibérica durante os quase nove séculos de influência árabe e muçulmana (a partir de 711)” (FARAH, 2001, p. 12).

Al-Turki aponta que “esta imagem hostil do Islã, afeta a todo muçulmano, independentemente de sua religiosidade e de sua localização no tempo e no espaço” (2007, p. 33). Rejeita a suspeita de que todo muçulmano seja um terrorista, pois eles também são vítimas do terrorismo (AL-TURKI, 2007, p. 33).

Farah alerta que existem pré-requisitos que devem ser respeitados e colocados em prática como a “revisão completa das relações com os muçulmanos que priorize o co-desenvolvimento econômico, o respeito aos direitos humanos e a liberdade de expressão” e não permitir que “a globalização, a geopolítica ou o petróleo passem por cima desses pré-requisitos” (FARAH, 2001, p. 12 e 13).

Enfim, os textos e a leitura islâmica deixam claro que jihad como luta armada não é o foco principal da espiritualidade islâmica. Al-Turki (2007, p. 23 e 24), aponta as principais características do jihad:

Esforça-se, trabalhar com diligencia e afã, entregar-se a uma atividade com todo o interesse e a energia necessária para cumpri-la com perfeição.

Defender o direito legítimo com meios legais.

Esforçar-se para lograr o bem comum.

Lutar pelo desenvolvimento, pela promoção dos valores supremos reconhecidos mundialmente, pelo bem familiar e social.

Defender a honra, a vida, a propriedade e os interesses nacionais legítimos.

Estas características, entretanto precisam ser completadas, pois jihad inclui uma mística que encerra uma profunda espiritualidade, como veremos no próximo item.

3.4- A mística do amor e da solidariedade universal a partir dos textos

A corrente religiosa mística do islamismo é o sufismo (FARAH, 2001, p. 101):

Farah menciona que os “termos *sufis* e *tassawwuf* (sufismo) derivam provavelmente dos trajes de lã (*suf*, em árabe) utilizados pelo asceta muçulmano”, designado genericamente como derviche ou faqir, que significa “pobre, despojado”, sendo que o profeta Muhammad “é considerado o primeiro adepto do sufismo, em virtude de sua estreita relação com Deus, das revelações que recebeu e de sua ascensão aos céus”. (FARAH, 2001, p. 37).

Um versículo corânico que os sufis costumam citar para demonstrar a ligação do profeta com essa corrente islâmica é o que mostra Deus como um ser “mais próximo ao homem que sua veia jugular” (Surata 50, versículo 16).

Outro aspecto que os sufis valorizam no Alcorão, segundo FARAH, é a recomendação de praticar o *dhikr*, a invocação de Deus: “Por acaso não é a invocação de Deus que acalma os corações?” (13: 28). “Nas práticas sufis, o *dhikr* pode ser acompanhado de um controle sobre a respiração, da utilização de um rosário ou de músicas e danças extáticas como as dos derviches rodopiantes na tradição do grande poeta místico Jalal al Din Rumi. Tradicionalmente, pratica-se o *dhikr* por meio de um dos 99 epítetos divinos, como Al Ghafur (o Clemente) e Al Karim (o Generoso)”, diz o autor.

Algumas das doutrinas metafísicas e cosmológicas centrais do sufismo aparecem nos escritos do místico Abu Bakr Muhammad ibn Arabi (1165-1240), denominado Muhyi al Din (revitalizador da religião) e Al Shaikh al Akbar (mestre maior). A doutrina da unidade do ser (*wahdat al ujud*) é fundamental no sistema de Ibn Arabi: Deus é o único que existe realmente, em sua absoluta transcendência, e a criação Lhe serve de espelho para o autoconhecimento. Consequentemente, o mundo é ilusório _ou relativamente real.

No Alcorão, nas suratas 76 e 2, versículos 8 e 177 respectivamente, verificamos que o Islamismo vai além da luta. A espiritualidade islâmica engloba a prática constante das virtudes:

8. E cedem o alimento – embora a ele apegados – a um necessitado e a um órfão e a um cativo.

177. A bondade não está em voltardes as faces para o Levante e para o Poente; mas a bondade é a de quem crê em Allah, e no Derradeiro Dia, e nos anjos, e no Livro, e nos profetas; e a de quem concede a riqueza, embora a ela apegado, aos parentes, e aos órfãos, e aos necessitados, e ao filho do caminho, e aos mendigos, e aos escravos; e a de quem cumpre a oração e concede az-zakâh; e a dos que são fiéis a seu pacto, quando o pactuam; e a dos que são perseverantes na adversidade e no infortúnio e em tempo de guerra. Esses são os que são verídicos e esses são os piedosos. (Alcorão nas suratas 76 e 2, versículos 8 e 177).

Este texto oferece um programa para saber e praticar a verdadeira virtude. Prática que não consiste apenas em cumprir cerimônias. Requer a fé em Deus e nas verdades reveladas; a distribuição ou a partilha de bens; orar, pagar o dízimo, cumprir compromissos, exercer a paciência nas situações adversas e heróicas.

As condições para alcançar o paraíso e evitar o inferno

Na coletânea de ahadith Qudsi pode-se observar quem habitará o paraíso e o inferno:

[...]

[Deus] Ele disse: os habitantes do Paraíso são de três categorias: primeiro há o poderoso, o justo, o doador de esmolas, um homem de sucesso; segundo, há o homem bondoso, de coração compassivo para com seus familiares e os muçulmanos. Terceiro, há o pai honrado, com muitos filhos. Ele disse também: os habitantes do Inferno são de três categorias. Primeiro, há o seguidor fraco que não tem nenhum sentido de evitar o mal, nem

de trabalhar pela família ou enriquecer. Segundo, há o desonesto, cuja ganância, até mesmo nas coisas mais ínfimas, é bem conhecida do povo. Terceiro, é o homem que todo dia te trai com relação a tua família e a tua riqueza. Ele também mencionou o avarento, o mentiroso e a pessoa que usa más palavras (Qudsi, Hadith 35, p. 47 e 48).

Neste hadith são elencadas as virtudes que tornam o fiel digno do paraíso: o que tem poder e posses, mas ao mesmo tempo é justo, misericordioso; o bondoso e compassivo de coração; o pai honrado com numerosa prole.

Por outro lado, também menciona o que é preciso evitar para não habitar o inferno: ser fraco e ceder ao mal; descuidar da família não se preocupando em adquirir posses para mantê-la; ser desonesto e ganancioso; ser traidor dos laços familiares e nas relações econômicas; ser avarento, mentiroso e fazer mau uso das palavras.

A impermanência desse mundo e o prazer mundano

O muçulmano possui obrigações que estão contidas nos pilares do islamismo citados no capítulo I, que são tidos como fundamentais. São ações como: testemunhar, orar, dizimar, jejuar, abster-se de relação sexual, comida e bebida no mês do Ramadã, peregrinar a Meca.

Essas ações realizadas nesse mundo têm como tarefa o desapego das coisas materiais, das coisas terrenas. Possuir riqueza é permitido para ajudar o próximo e manter a família. Nesse sentido retrata o Alcorão, surata 93, versículos 8 a 11:

8. E não te encontrou infortunado e te enriqueceu?
9. Então, quanto ao órfão, não o oprimas.
10. E, quanto ao mendigo, não o maltrates.
11. E, quanto à graça de teu Senhor, proclama-a.

Essa maneira de viver, conhecida como ascetismo ou asceticismo, é a eliminação dos prazeres mundanos em busca de plena espiritualidade, visão mística do islamismo, cuja corrente religiosa é conhecida como sufismo, permitindo através da abstinência do prazer mundano uma relação de proximidade com Deus (FARAH, 2001, p. 101).

Ainda na coletânea Qudsi observa-se a ênfase na impermanência desse mundo e a fuga do prazer mundano:

Ubâd bin As-Sâmit narrou: Um dia os Companheiros não encontraram o Profeta entre eles. (Normalmente) Quando acampavam, alojavam-no no meio (deles). Eles estavam ansiosos e pensavam que Allâh tivesse escolhido outros companheiros para ele. Subitamente, eles o viram vindo em direção a eles e exclamaram (Allâh é Grandioso) e disseram: O´ Mensageiro de Allâh! Nós pensamos que Allâh tivesse escolhido para vós alguns companheiros diferentes de nós. O Mensageiro de Allâh disse: Não. Pelo contrario, vós sois meus Companheiros neste mundo e o sereis no outro. Em verdade, Allâh, o Todo-Poderoso, me despertou e disse: O´ Muhammad! Em verdade, Eu não enviei nenhum outro Profeta ou Mensageiro com meu beneplácito, pelo qual Eu respondo, além deste que agora eu vos concedo. Assim, o´ Muhammad, tu podes também pedir-me qualquer coisa, que eu te concederei. O Profeta disse: meu desejo é que eu faça uma intercessão pelos meus seguidores no Dia da Ressurreição. Abû Bakr perguntou: O´ Mensageiro de Allâh! O que é intercessão? Ele (o Profeta) disse: Eu direi: O´ Senhor! Minha intercessão é que mantenhai o pacto que eu firmei convosco. Em resposta, o Senhor dirá: Sim. Então o meu Senhor vai tirar o resto dos meus seguidores do Inferno e os admitirá no Paraíso (QUDSI, Hadith 44, p. 59 e 60).

Transcrevemos esse longo texto para demonstrar características importantes do Profeta que remetem ao afastamento desse mundo e dos prazeres mundanos como: simplicidade (“acampavam, alojavam-no no meio (deles)”), fidelidade com

seus companheiros (“vós sois meus Companheiros neste mundo e o sereis no outro”) e o reconhecimento daqueles que seguem seu caminho (“meu desejo é que eu faça uma intercessão pelos meus seguidores no Dia da Ressurreição”).

Também na coletânea Bukhâri, observamos a irrelevância desse mundo e de tudo que nele há comparado ao paraíso:

Proteger muçulmanos dos infiéis em prol da causa divina por um único dia é melhor do que o mundo material e o que quer que esteja sobre sua superfície, e um pequeno lugar no paraíso é melhor do que o mundo material e o que quer que esteja sobre sua superfície (BUKHÂRI, Hadith 1250, p. 598).

Virtudes

Al-Turki afirma que a cortesia, o diálogo e servir ao próximo são preceitos importantes e exigidos no Alcorão a todo muçulmano:

O Islã nos ensina que a vingança, o rancor e o ódio são sentimentos de hostilidade contra o próximo e que a compreensão, o perdão e a cordialidade são os melhores meios para ganhar a paz e a simpatia de quem convive conosco. Deus instruiu ao Profeta na surata 5, versículo 13 do Alcorão sobre a forma de tratar a quem lhe traiu: “Apesar de tudo indulte-os e perdoe-os, pois Deus aprova a quem perdoa” (Ibid., 34 e 35).

E conclui Al Turki: “Como é possível que o perdão e a desculpa sejam compatíveis com o ódio e o terrorismo?” (Ibid, p. 34). Para o autor, a propagação da fé é pacífica e se faz pelo diálogo e na tolerância:

A paz tem sido sempre a melhor aliada para a propagação da fé islâmica. O diálogo, por outra parte, a paciência,

a tolerância, o respeito e o bom trato com gentileza e cortesia, são os melhores meios para aproximação e para a convivência pacífica. O Alcorão recorda ao profeta que as boas maneiras levam ao êxito” (Surata 3, versículo 159) (Ibid, p. 34 e 35).

Cortesia, diálogo, servir o próximo são preceitos mais do que importantes para o Islã. São pilares. Ninguém poderá se considerar muçulmano desrespeitando esses princípios. A todo momento o muçulmano responderá pelos seus atos aqui e no outro mundo. É a responsabilidade de servir do muçulmano, que é enfatizada na Declaração de Meca, referida por Al-Turki, nas páginas 52 e 53:

Fomentar a aproximação do muçulmano ao Senhor e ao próximo e incitar-lhe a trabalhar para o bem do ser humano em cumprimento com a máxima do Profeta: “Deus ama mais quem melhor serve ao próximo” (Ibid., 2007, p. 52).

Farah observa que 56 Estados participam “da Organização da Conferência Islâmica”, que tem como objetivo principal “assegurar o progresso e o bem-estar de todos os muçulmanos do mundo”. Os princípios islâmicos são tão importantes para seus seguidores que:

Nos Estados Unidos, com seus 7 milhões de muçulmanos, o Pentágono permite aos soldados jejuar no mês sagrado do Ramadã, libera os praticantes para rezar as cinco orações diárias e põe à disposição alimentos em concordância com os preceitos islâmicos (FARAH, 2001, p.10).

O Alcorão, surata 2, versículo 177, conforme mencionado anteriormente, explicita que virtude vai além de atos que envolvem a si mesmo. Ela estende-se em direção ao próximo, “parentes, órfãos, necessitados, viajantes, mendigos e em resgate de cativos (escravos)”.

Além de observar as tarefas individuais como oração, pagar o zakat, cumprir os compromissos contraídos; é necessário também exercer a paciência tanto na miséria quanto na adversidade, situação prevista nos ahadith Qudsi e no Bukhâri:

Anas Bin Mâlik narrou: Eu ouvi o Profeta dizer: Allâh disse: Se Eu privar meu servo destas duas coisas estimadas (isto é, dos seus olhos) e ele mantiver a paciência, Eu o deixarei entrar no Paraíso como recompensa por eles (QUDSI, Hadith 47, p. 61 e 62).

[...] O mensageiro de Deus (que a paz e as bênçãos de Deus estejam sobre ele) buscou refúgio sob uma árvore de Samura e pendurou nela sua espada. Disse Jaber: “Dormimos um pouco e o mensageiro de Deus (que a paz e as bênçãos de Deus estejam sobre ele) nos chamou subitamente. Fomos até ele e o encontramos com um beduíno sentado. O mensageiro de Deus (que a paz e as bênçãos de Deus estejam sobre ele) disse: ‘Este homem pegou a minha espada enquanto eu dormia. Quando eu acordei, a espada estava em sua mão’. Ao que ele me disse: ‘Quem poderia me impedir (de atacá-lo)?’ Eu lhe disse: ‘Deus’. E eis que esse homem sentou-se com ele. E o mensageiro de Deus (que a paz e as bênçãos de Deus estejam sobre ele) não o puniu por isso (BUKHÂRI, Hadith 1633, p. 772).

A preocupação na construção de uma sociedade justa

A construção de uma sociedade justa se faz pela consciência limpa e pelos bons costumes:

Chamar à retidão, participar da construção social, cimentada sobre a base de uma consciência limpa, ter uma religiosidade ilustrada e madura e um conhecimento real dos princípios do Islã. Isto implica em advertir contra a corrupção, a

desordem e a irresponsabilidade, já que o muçulmano será requerido, neste mundo como no outro, a responder pelos seus atos (AL-TURKI, 2007, p. 52).

Paz, cooperação, prática da justiça e zelo pelo bem comum são fundamentais:

a mensagem do Islã é, antes de tudo, uma mensagem de paz, infunde tranquilidade e sossego, fomenta os laços humanos, chama a cooperação de todos para o bem e para o bom cumprimento para com Deus, rechaça a injustiça e combate a agressão procede de onde proceder e adverte que a verdadeira fé não será alcançada senão se trabalhar para o bem comum (Ibid, 2007, p. 52).

Em vez de agressão, a equidade, a benevolência e a liberalidade:

a mensagem do Islã implica a aplicação de uma justiça, e bom trato ao próximo e a defesa contra toda classe de agressão em cumprimento do mandamento Divino “Deus prescreve a equidade, a benevolência e a liberalidade para com os empobrecidos e proíbe desonestidades, as transgressões e as agressões.

Para ser querido, Deus havia feito de todo o mundo uma comunidade única e homogênea. Mas, conforme a Sua vontade (e o teor das obras de cada um) deixa que uns se descaminhem e a outros encaminha a Ele. Não obstante, tens que responder pelo que estais fazendo” (Alcorão, Surata 16, versículo 90 e 93) (Ibid, p. 53).

A Declaração de Meca aponta os grandes desafios à comunidade muçulmana na atual conjuntura:

O primeiro deles é o desconhecimento de muitos muçulmanos das realidades da fé islâmica, de sua benevolência e de sua equidade. Este desconhecimento leva a uma concepção distorcida de alguns textos e preceitos, e um mal entendido e a uma errônea interpretação de seus objetivos. Entre esses testes mal entendidos figura em primeiro lugar a “jihad” (a luta em defesa dos direitos legítimos), a “Lealdade e Liberação” (Oalá Bará) e a difusão de opiniões jurídicas (Fatua) inconsistentes e incluindo falácias. O resultado desta má compreensão tem sido o seguimento de grupos de jovens extremistas que têm celebrado a discórdia e a desordem entre a população (Ibid, 2007, p. 53 e 54).

Aponta também a origem da onda anti-islâmica:

Os círculos anti-islâmicos, aproveitando o comportamento destes extremistas, tem dirigido sua propaganda contra o Islã e contra seus símbolos mais sagrados, imputando falsamente à religião islâmica a qualidade de uma ideologia guerreira, fanática, sem civismo e incitante ao extremismo e ao terrorismo (Ibid, 2007, p. 54).

Farah alerta que o extremismo não é “exclusividade de muçulmanos”, pois “envolve também cristãos, judeus, hindus e budistas”. Comenta ainda que:

É fato que alguns países de maioria islâmicas possuem grupos extremistas, em geral com uma motivação de fundo político, especialmente a ocupação israelense de territórios palestinos, que “inspira” movimentos no mundo inteiro. (FARAH, 2001, p. 12).

Segunda a Declaração, é hora de reagir com uma campanha de conscientização e educação:

Que os imãs e dirigentes das mesquitas assumam a responsabilidade educadora de combater esta aberração doutrinal mediante conferências, seminários, reuniões, práticas ou sermões dando especial ênfase ao ponto seguinte: conhecer o Islã a fundo não se consegue sem ter um conhecimento real das ciências das religiões (AL-TURKI, 2007, p. 54 e 55).

A Declaração se preocupa em apontar o método correto de propagar a fé:

A proclamação da mensagem islâmica se faz mediante a exposição de sua essência, com métodos pacíficos e argumentos convincentes, com respeito e cortesia. O Alcorão esclarece este ponto na surata 16, versículo 125: “Convida para a Doutrina do Senhor com bons modos e pratica cortês. Dirige teu diálogo com eles nos termos mais amáveis e proveitosos”. (In AL TURKI, 2007, p. 55).

A linguagem a ser usada é fundamental, assim como o conhecimento do contexto:

A mensagem do Islã é uma mensagem universal, global e integral; dá especial atenção às prioridades pessoais e comuns, e isto requer dos que falam em nome do Islã expor as particularidades da fé usando termos corretos e mais claros (Ibid, 2007, p. 55 e 56).

Convidar para o “bem e exortar contra o mal exige certa ética e consideração da situação e da idiossincrasia individual e coletiva, tanto no lugar como no tempo” (Ibid, 2007, p. 56). O êxito da missão requer intercâmbio e cooperação:

O intercâmbio de experiências, dados e informações sobre a melhor maneira de comunicar a mensagem no momento

dato é a base da cooperação e do êxito da missão funcional de todos os interessados em a proclamação e ensinamentos do Islã (Ibid, 2007, p. 56).

Vai também um recado para os encarregados de interpretar os princípios do islamismo:

É preciso por parte dos juristas refutar qualquer opinião jurídica frívola ou falsa, mediante informes e estudos fundados, e comunicá-los tanto aos dirigentes islâmicos como à opinião pública (Ibid, 2007, p. 56 e 57).

Para deixar mais claras e concisas as posições assumidas ao longo do capítulo, elaboramos o quadro abaixo, elencando os principais temas, os questionamentos pertinentes, as fontes islâmicas e a análise da pesquisadora.

OBJETO		FONTE			ANÁLISE
Temas	Questionamentos	Alcorão	Ahadith Qudsi	Ahadith Bukhâri	Pesquisadora
Jihad	Implica necessariamente violência?	Não implica necessariamente em violência é muito mais abrangente.	Foi possível observar que os ahadith não retratam necessariamente a violência, abrangem muitos outros aspectos.	Também foi possível observar que os ahadith não retratam necessariamente a violência, vão além da vida e conduta do muçulmano.	Apesar da concepção generalizada de que jihad necessariamente implica violência, as fontes islâmicas demonstram que este empenho na causa de Deus não necessariamente demanda o uso da violência e engloba uma visão mais ampla de esforço e prática de valores individuais e sociais.
Paraíso-inferno	Quais são os meios legítimos de alcançar o paraíso e evitar o inferno?	O Alcorão lista as obrigações necessárias para que o muçulmano possa alcançar o paraíso, entre as quais a observância dos pilares do Islã.	O Ahadith Qudsi mencionam que o muçulmano deve obedecer aos preceitos islâmicos, caso contrário, não habitará o paraíso.	O Ahadith Bukhâri também mencionam que o muçulmano deve obedecer aos preceitos islâmicos, caso contrário, não habitará o paraíso.	Cada muçulmano responderá pelos seus atos lhe cabendo o paraíso ou o inferno. O paraíso premia o muçulmano integralmente bom. O inferno é uma ameaça para quem pratica o mal.
Martírio	Como se concretiza?	Não só pelo combate	Não só pelo combate	Não só pelo combate	O Martírio é interpretado de maneira equivocada. Não é alcançado somente pelo combate, confronto com os inimigos. Abrange as ações mais comuns do bom muçulmano.
Mundo (impermanência e prazer)	O que significa para a mística islâmica?	O alcorão exorta o muçulmano a viver bem nesse mundo para alcançar as recompensas na vida eterna.	Os ahadith exortam, também, que o muçulmano deve viver bem nesse mundo para alcançar as recompensas na vida eterna.	Do mesmo modo os ahadith exortam que o muçulmano deve viver bem nesse mundo para alcançar as recompensas na vida eterna.	O muçulmano deve viver bem neste mundo, mas sua mente e coração estão com Deus e na vida eterna.
Ressurreição	O que significa?	Para o Alcorão o dia em que o muçulmano prestará conta de seus atos e atitudes na vida terrena.	Prestação de contas dos atos e atitudes neste mundo.	Prestação de contas dos atos e atitudes neste mundo.	Para o muçulmano existe a permanente cobrança dos seus atos e atitudes neste mundo e no outro, sendo que a prestação de contas ocorrerá no dia do "Juízo Final". O muçulmano ressuscita cada dia no desapego e na prática das virtudes.
Virtudes	O que significa para a mística islâmica?	É a base dos preceitos islâmicos.	É a base que conduz a vida do muçulmano neste mundo.	É a base que conduz a vida do muçulmano neste mundo.	O Islamismo estimula, valoriza e exige as virtudes que constituem a qualidade moral do indivíduo ou a disposição de alcançar, oferecer, praticar o Bem. Jihad inclui um amplo espectro de virtudes individuais e sociais que permeiam toda a vida do muçulmano e levam a uma profunda espiritualidade
Homicídio – suicídio	Justificado pela guerra ou condenado?	condena	condena	condena	As fontes islâmicas condenam a imolação do outro e de si mesmo.

Neste capítulo, nos propusemos a voltar um olhar hermenêutico para as fontes colhidas e organizadas no segundo capítulo no intuito de analisar, a partir delas, o

fenômeno das chamadas “bombas humanas”. Tarefa complexa, pois tratava-se de questionar se esse comportamento violento pode ser legitimado pelas fontes da doutrina islâmica. A principal discussão girou em torno do sentido de jihad, por muitos, considerada como “guerra santa” ou luta violenta para a expansão do Islã.

A conclusão a que nos conduziram os textos levou a descartar esta leitura e apontar o amplo espectro de jihad, que não é só luta e martírio nos campos de batalha, mas engloba uma riqueza de comportamentos, atitudes, ações que apontam para uma visão global da vida muçulmana, práticas de virtudes individuais e sociais, chegando a uma profunda concepção espiritual.

Como, em geral, a leitura dos extremistas tende a considerar essas ações violentas como martírio, foi necessário adentrar por este conceito, o que levou a indicar, a partir das fontes, que o martírio não condiz, aliás repele o suicídio e a morte violenta, provocadora de vítimas inocentes.

Martírio não é só a coroa dos que morrem em combate pela causa de Deus, mas se estende a todos os muçulmanos que praticam, no sacrifício, no jejum e na fidelidade, as regras de ouro da doutrina islâmica. Enfim, os textos mostraram que o núcleo da fé e da prática islâmica está no amor, nas práticas das virtudes individuais e sociais, na promoção da solidariedade e do bem comum.

Concluímos com a citação de Farah, “Oxalá prevaleça o dito atribuído a Muhammad: “a tinta do sábio vale mais que o sangue do mártir”” (FARAH, 2001, p. 13).

CONCLUSÃO

No término deste trabalho, cumpre realizar um balanço retrospectivo do itinerário percorrido, apontando as conquistas, as limitações e possíveis desdobramentos para ulteriores pesquisas.

A preocupação subjacente ao título da tese: “Violência ou martírio”, é a mesma que norteou nossa dissertação de mestrado: o aterrador fenômeno das “bombas humanas” que proliferam no âmbito do islamismo. No mestrado, o fenômeno foi pesquisado, recorrendo a autores não islâmicos cujas leituras se apresentaram muitas vezes tendenciosas e abertamente generalizantes, interpretando-o como um choque irreversível da “civilização islâmica”, belicosa e expansionista, ante a “civilização ocidental”, de matriz cristã, pacífica e solidária. As “bombas humanas” estariam refletindo o ódio contido e reprimido pela impossibilidade de uma luta armada de conquista dos infiéis, como o jihad de outrora. Já do lado islâmico, uma corrente extremista tende a aplaudir essas ações, incluindo-as na categoria de martírio e de “guerra santa” a proclamar a coragem dos muçulmanos oprimidos pelas potências ocidentais, e seus aliados no seio do próprio mundo árabe.

A dissertação de mestrado deixou varias indagações: como interpretar este fenômeno indo diretamente às fontes islâmicas? A auto-imolação violenta e causadora de mortes inocentes teria respaldo nessas fontes? Seriam os seus perpetradores, e inspiradores, autênticos seguidores do Jihad? Mártires? Militantes políticos? Terroristas?

A ida às fontes exigiu um intenso trabalho de buscas que envolveu vários passos. Primeiro, um esclarecimento sobre Islã e Islamismo, termos considerados sinônimos. Como o próprio sentido literal de Islã indica (“submissão a Deus”), trata-se de uma crença religiosa monoteísta que não se separa do Estado. Essa obediência a Deus também se refere à obediência ao Estado, pautado por diretrizes religiosas. Portanto, as fontes principais que fomos buscar, o “Livro” por excelência – o Alcorão – e os Ahadith são ao mesmo tempo textos religiosos e regulamentações morais, sociais e políticas da comunidade islâmica que regem toda a vida dos muçulmanos como crentes e cidadãos.

Presentes em quase todos os cantos da terra, e em fase de expansão, em que pesem as interpretações enviesadas de sua fé, e apesar da profunda divisão entre seus dois ramos – xiitas e sunitas – que desde a origem divergem e entram em conflito por questões religiosas e políticas, as fontes que buscamos são monumentos religiosos, aceitos, lidos, estudados, comentados e venerados ao mesmo nível da grande fonte judaico-cristã, cujos adeptos são denominados “os povos do Livro”, isto é, os povos da Bíblia.

Certamente, a primeira fonte que fomos consultar em busca de textos relativos ao nosso objeto é o Alcorão, recebido pelos muçulmanos desde os primórdios como a palavra de Deus revelada ao Profeta Muhammad. Suas divisões, as suratas, teriam sido reveladas, versículo por versículo, ao longo da vida do Profeta nos últimos 23 anos da sua vida. Entretanto, essas revelações, como observa Bonner (2004), foram resultantes de um complexo processo de compilação e redação.

Os limites desta tese, cujo objeto foi à leitura do fenômeno “bombas humanas” a partir das fontes islâmicas, exigiram uma seleção dos principais tópicos dessas fontes que dizem respeito direta ou indiretamente ao tema. Daí a trabalhosa busca que resultou na coleta de textos, a sua organização e compilação em torno de algumas palavras chave que ofereceram a matéria prima para as análises e interpretações realizadas no capítulo terceiro.

Tanto a coleta do capítulo segundo quanto as interpretações do terceiro tiveram como guia a hipótese suscitada na Introdução: uma releitura de jihad descartando as interpretações enviesadas que lançam olhares contrastantes sobre o fenômeno em tela: a interpretação ideológica anti-islâmica – as “bombas humanas” são resultantes da concepção belicosa do Islã por seus adeptos, do seu expansionismo e ódio contra a civilização ocidental - e a interpretação dos grupos islâmicos extremistas, que enaltece as ações suicidas como imolação sacrificial ou martírio pela causa de Deus. Caminhando na contramão desses dois olhares, a hipótese firmou a posição de que ambas as leituras contradizem o verdadeiro sentido de Jihad e de martírio, que desponta das fontes.

A complexidade e quase temeridade da hipótese – a temeridade ficará esclarecida ao final desta conclusão - exigiram desmembrar a análise em quatro instâncias ou passos.

No primeiro, ficou patente a rejeição do mundo islâmico à tese de jihad como ação violenta. Considerada como luta, jihad, a partir das fontes compulsadas, Alcorão e Ahadith, não tem conotação agressiva ou expansionista mas um caráter defensivo da fé, da cultura e da sociedade islâmicas quando agredidas ou violentadas. Basta reler a surata 22, versículo 39, “É permitido o combate aos que são combatidos, porque sofreram injustiça. – E, por certo, Allah, sobre seu socorro, é onipotente”. E o Ahadith 1250 citado em Bukhâri à pagina 598 fala em jihad como “proteção”: “proteger muçulmanos dos infiéis em prol da causa divina por um único dia é melhor do que o mundo material e o que quer que esteja em sua superfície”. Descartada também é a idéia de “guerra santa”, como explicita a surata 2, aliena 194: “[...] a quem vos agredir, agredi-o de igual modo, como ele vos agrediu. E temei a Allah e sabeis que Allah é com os piedosos”. Mais clara ainda é a “regra de ouro” da surata 41, versículo 34, como citado por Al-Turki, “repele o mau comportamento com o bom e verás que, assim, quem te declarava sua inimizade acabará convertido em teu amigo fervoroso”. Fica patente a ligação com um comportamento moral por objetivo nobre, legitimado pela lei e pelo direito, uma luta pela dignidade do ser humano seguindo as normas da ética e da justiça. Os textos deixam claro que jihad é busca da salvação pela vida ascética fugindo da vida devassa e do apego à vida material que leva à perdição. Um “esforço” em busca de se aperfeiçoar pelo estudo e pela atividade intelectual, um empenho em defesa da família, da comunidade islâmica em vários aspectos: espiritual, econômico, militar (Cf. FARAH, 2001, p. 73). Fica assim descartada a leitura reducionista beligerante e violenta de jihad.

No segundo passo, foi necessário esclarecer se as ações violentas que implicam suicídio e quase sempre atingem vítimas inocentes podem ser tidas como martírio. Nas fontes islâmicas, o mártir jamais é um suicida. Primeiro, é quem foi morto pela causa de Deus, que, como já foi dito, sempre tem uma conotação defensiva, nunca agressiva. E supõe uma entrega total a Deus, e não uma “corrida”

para a morte em batalha para merecer um lugar privilegiado no Paraíso, pois vale mais a fé verdadeira e a pureza de intenção do que a morte em combate.

Além disso, a “boa nova” trazida pelo Ahadith 1207 (BUKHÂRI p. 581) é que para ter a recompensa de mártir e merecer o Paraíso não importa morrer na luta armada. São mártires os que na luta de cada dia são fiéis a Deus, cumprem os dias e horas de oração, observam as prescrições de Ramadan. São mártires todos os que “lutam pelo bem no caminho de Allâh” (hadith Qudsi 33, p. 44).

Bonner (2004, p. 97), afastando-se da leitura sunita que só considera mártires os que morrem em batalha, apresenta uma ampla gama de pessoas consideradas mártires ao morrerem em determinadas circunstâncias (doenças, parto, acidentes, etc.) desde que em suas vidas tenham se engajado em ações meritórias. Mártires também são os que vencem os desejos mais baixos e lutam contra o egoísmo. A ligação entre martírio e vida ascética é explícita, mas nenhuma ligação, a partir das fontes islâmicas, possibilita considerar as ações dos extremistas suicidas como martírio.

No terceiro passo, foi necessário responder a uma alegação dos grupos extremistas de que as ações suicidas estariam integrando uma luta política. Fomos então indagar nas declarações oficiais do Conselho Supremo das Mesquitas no Mundo Islâmico (CSMM) se esta posição teria respaldo. E a resposta foi absolutamente negativa. Trata-se de ações terroristas totalmente estranhas à idiossincrasia da sociedade islâmica e terminantemente proibidas pelo Alcorão. O Conselho apresenta, como suporte teológico, a fé islâmica que aponta Deus como o único dono da vida. Daí que ninguém tem o direito de tirar a vida do próximo, nem a de si mesmo. Ambos os casos são considerados como assassinato.

O Conselho considera os ataques suicidas como ações contra a ordem pública e repudia que sejam atos típicos e específicos do mundo muçulmano. Essa posição é reforçada por Farah quando diz, citando o xequie Muhammad Sayyid Tantawi, que “nenhuma religião monoteísta aprova o que é rejeitado por todo espírito humano” (FARAH, 2001, p.8).

Também Robert A. Pape rebate a pecha de que os muçulmanos sejam o povo mais propenso a cometer suicídios (Cf. PAPE, 2006, p. 181).

A reforçar a posição que descarta as ações terroristas como luta política está o apelo do Conselho Supremo das Mesquitas no Mundo a uma cooperação e coordenação internacional para pôr fim a este flagelo que está afetando a todos.

Por outro lado, a condenação das ações suicidas vem acompanhada de um protesto do mundo islâmico contra as “mentiras rotineiras” que generalizam os ataques das facções suicidas como apanágio do muçulmano, rotulando o Islã como religião totalitária, intolerante e irracional, inimiga da democracia, avessa ao diálogo, opressora da mulher e acolhedora de uma “guerra santa” como instrumento de um proselitismo intolerante. Essas generalizações, em grande parte, como diz Farah (2001, p. 10), devem ser atribuídas aos “supostos especialistas” que nunca tiveram contato com as sociedades islâmicas nem jamais abriram o Alcorão e por isso consideram o Islã como um bloco monolítico, estanque, desconhecendo as diferenças étnicas, culturais e sociais. Daí a imagem hostil que afeta a todo muçulmano, independentemente da sua religiosidade e da sua localização no tempo e no espaço.

Ante essas leituras preconceituosas, foi necessário desenvolver um quarto passo, que não tem nenhuma pretensão apologética, mas uma preocupação de dissipar, a partir das fontes, a imagem do Islã belicoso e intolerante, mostrando sua mística de amor e sua dedicação à solidariedade universal.

A prática das virtudes exige que o muçulmano não se limite a cumprir cerimônias, mas tenha uma profunda fé em Deus e nas verdades reveladas, partilhe os bens, cumpra os compromissos e seja paciente nas situações adversas. Deve ser justo e misericordioso, bom e compassivo; não seja fraco e não ceda ao mal; busque o bem estar da família sem ser desonesto ou ganancioso, nem avarento ou mentiroso e descomedido nas palavras.

Há de ter sempre presente a transitoriedade deste mundo e dele se desapegue tendo a mente sempre voltada para a verdadeira pátria, o Paraíso.

O Islã fermenta no seu seio uma corrente mística, o sufismo, que, a exemplo do Profeta, pratica o ascetismo, abstendo-se dos prazeres mundanos para ter uma relação de intimidade com Deus.

A fidelidade, a simplicidade, a cortesia e a cordialidade, o diálogo e o serviço ao próximo, o perdão, o amor à paz, são pilares da espiritualidade que nenhum muçulmano pode descartar.

Enfim, a mística islâmica estende-se para o social com a preocupação de construir uma sociedade justa, eis que a mensagem do Islã implica o serviço à justiça, a defesa contra toda classe de agressão em cumprimento ao mandato divino que prescreve a equidade, a benevolência e a liberalidade para com os empobrecidos, coibindo todo tipo de transgressão do bem comum.

Com esses passos fundamentados nas fontes islâmicas acreditamos ter dado conta do nosso objeto, respondido às indagações e firmado a hipótese que guiou nossa busca. Entretanto, precisamos apontar a temeridade e a ousadia que acompanharam nosso caminho vistas as dificuldades da empreitada, principais entre elas, meu desconhecimento da língua árabe, o recurso às traduções dos textos para a língua inglesa que muitas vezes eram obscuras por seguirem literalmente as expressões originais, o que exigiu muitas vezes um trabalho de hermenêutica. Felizmente contamos com a valiosa ajuda de um excelente conhecedor da língua, da cultura islâmica em geral e religiosa e das suas fontes, o professor Paulo Daniel Elias Farah, que possibilitou enfrentar o que se apresentava como temerário e audacioso.

As limitações do trabalho consistem, sobretudo, na escassez de tempo para poder explorar toda a riqueza dos textos selecionados e compilados. Por isso, o material recolhido pode abrir horizontes para prosseguir nos estudos e nas análises. Entretanto, fica a impressão de que o que produzimos, em meio às limitações e dificuldades apontadas, contribuiu para um novo olhar sobre o alarmante fenômeno das “bombas humanas”, vistas sob o prisma genuíno das fontes da doutrina islâmica.

BIBLIOGRAFIA

FONTES ISLÂMICAS

Alcorão

NASR, Helmi. *Tradução do sentido do Nobre Alcorão para a língua portuguesa*, Centro de Divulgação do Islam para a América Latina, com a colaboração da Liga Islâmica Mundial em Makkah Nobre, Complexo Rei Fahd, em Medina, na Arábia Saudita, 2005.

Ahadith

110 Ahadith Qudsi – *sayings of the Prophet Having Allah's Statements* – Darussalam – commentaries by Ibrahim M. Kunna. King Fahd National Library, 1999.

Bukhâr - *Sahîh Al-Bukhâri*. Ryadh: Darussalam, 1996.

AUTORES E OBRAS

ABDOUNI, Mohamed. O Islã prega a paz. Entrevista publicada pela *Revista Veja* em 03/08/2005, Edição 1924, ano 38, n. 39, p. 11 a 15. São Paulo: Editora Abril.

ALI, Ayaan Hirsi. O Islã é fascista. Entrevista publicada pela *Revista Veja* em 22/06/2005, Edição 1910, ano 38, n. 25, p. 11 a 15. São Paulo: Editora Abril.

ALTOÉ, Adailton. *O islã e os muçulmanos*. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

ALVAREZ, A. *O Deus Selvagem: Um estudo do suicídio*, São Paulo: Editora Companhia das Letras, 1999.

ANTES, Peter. *O Islã e a política*. São Paulo: Editora Paulinas, 2003.

ARMSTRONG, Karen. *O Islã*. Rio Janeiro: Editora Objetiva, 2001.

AUGRAS, Monique. *O que é Tabu*, São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.

BAYARD, Jean-Pierre. *Ritos Mortuários*. São Paulo: Editora Paulus, 1996.

BONNER, Michael. *Le jihad – origines, interprétations, combats*. Paris: IISMM, 2004.

BOWKER, John. *Os sentidos da morte*. São Paulo: Editora Paulus, 1995.

CASSORLA, Roosevelt M. S. *O que é suicídio*. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

CIOTOLA, Marcello R. *A recepção dos direitos fundamentais na constituição da República Islâmica do Irã*. Rio de Janeiro: Revista Direito Eletrônica PUC/RJ, 2004.

DAVID, René. *Os Grandes Sistemas do Direito Contemporâneo*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1996.

DAMIÃO, Valdemir. *História das Religiões*. Rio de Janeiro: Editora Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 2003.

DEMANT, Peter. *O mundo muçulmano*. São Paulo: Editora Contexto, 2004.

DIAS, Maria Luiza. *Suicídio: Testemunhos de adeus*, São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.

DURKHEIM, Emile. *O suicídio: Estudo de Sociologia*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2000.

DURKHEIM, Emile. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2003.

EL HAYEK, Samir. *Introdução ao Alcorão*. Foz do Iguaçu: Centro Cultural Beneficente Islâmico de Foz do Iguaçu, 2008.

FARAH, Paulo Daniel. *O Islã*. São Paulo: Editora Publifolha, 2001.

_____. “A Primavera Árabe no *Machreq*, no *Maghreb* e no *Khalīj*: motivações e perspectivas” in PATRIOTA, A. et al. *Política Externa*. São Paulo: Paz e Terra, 2011, v. 20.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Mini Aurélio: Século XXI*. 4ª Edição. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2000.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

_____. *O saber local*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1997.

_____. *Observando o Islã*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2004.

GIANULO, Wilson. *Código Penal Alfabético*. São Paulo: Editora Jurídica Brasileira, 2004.

GILISSEN, John. *Introdução Histórica ao Direito*. Lisboa: Editora Fundação Calouste Gulbenkian, 1995.

HADDAD, Jamil Almansur. *O que é Islamismo*. São Paulo: Brasiliense, 2000.

HELLERN, Victor. NOTAKER, Henry e GAARDER, Jostein. *O Livro das Religiões*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2000.

JOMIER, Jacques. *Islamismo: História e doutrina*. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

JUNIOR, Arno Dal Ri e ORO, Ari Pedro (orgs.). *Islamismo e humanismo latino: diálogos e desafios*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2004.

KALINA, Eduardo e KOVADLOFF, Santiago. *As cerimônias da destruição*, Tradução de Sonia Alberti. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves, 1983.

KAMEL, Ali. *O que pensam os fanáticos do islã*. Rio de Janeiro: Editora Rios Estudos, 2003.

KAMEL, Ali. *O próximo alvo*. Rio de Janeiro: Editora Rios Estudos, 2003.

MAHFUZ, N. *O Beco do Pilão*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2003. Tradução e posfácio de Paulo Daniel Farah.

MAUSS, Marcel. *Ensaio sobre a Dádiva: formas e razão da troca nas sociedades arcaicas*. São Paulo: Cosac e Naify, 2001.

MORIN, Edgar. *O método*, volume 6: Ética. São Paulo: Editora Sulina, 2005.

NASR, Helmi. *A expansão do Islão na época presente*. Problema de Aculturação. Rio de Janeiro: Editora Delegação da Liga dos Estados Árabes, 1970.

ORO, Ivo Pedro. *O outro é o demônio: uma análise sociológica do fundamentalismo*. São Paulo: Editora Paulus, 1996.

PACE, Enzo. *Sociologia do Islã*. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

PAPE, Robert A. *Dying to win: The strategic logic of suicide terrorism*. EUA: Random House, 2005.

QUEIROZ, José J. Educar para a solidariedade: princípios e rumos. In. ALMEIDA, Cleide e PETRAGLIA, Izabel, *Estudos e Complexidade*, São Paulo: Editora Xamã, 2006, p. 49-64.

RANGEL, Vicente Marotta. *Direitos e Relações Internacionais*. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2002.

SAID, Edward W. *Cultura e Política*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.

_____. *Cultura e resistência*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

_____. *Orientalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SARAMAGO, José. O fator Deus. Site: www.directnet.com.br/users/frejlich/fatordeu.htm. Acesso em 29/03/2007.

SILVA, Marcimedes Martins. *Suicídio: Trama da Comunicação*. 1992. Dissertação (Mestrado de Psicologia Clínica) PUC. São Paulo.

STERN, Jessica. *Terror em nome de Deus: por que os militantes religiosos matam*. São Paulo: Editora Barcarolla, 2004.

TURKI, Abdullah Ibn Abdul Mohsin Al-Turki, *El Islam contra el terrorismo*, 2007.

WILKINSON, Paul. *Terrorismo político*. Rio de Janeiro: Editora Artenova, 1976.

DOCUMENTO

APELAÇÃO DE MECA - Pronunciamento público oriundo da XIX sessão ordinária o Conselho Superior Mundial das Mesquitas (CMS) celebrada em Meca de 30 de agosto a 03 de setembro de 2003.

Anexo 1

Agrupamento temático

Agrupamos tematicamente algumas suratas citadas no Alcorão a respeito de temas relevantes para este trabalho.

T e m a	Alcorão	Alcorão	Alcorão
P A R A I S O - I N F E R N O	2: 194 194. O Mês Sagrado pelo Mês Sagrado, e para as cousas sagradas, o talião. Então, a quem vos agredir, agredi-o de igual modo, como ele vos agrediu. E temei a Allah e sabeis que Allah é com os piedosos. 22: 58-59 58. E aos que emigram, no caminho de Allah, em seguida, são assassinados ou morrem, certamente, Allah dar-lhes-á belo sustento. E, por certo, Allah é O Melhor dos sustentadores. 59. Certamente, dá-los-á entrar em um lugar, de que se agradarão. E, por certo, Allah é Onisciente, Clemente.	2:217 217. Perguntam-te pelo combate, no mês sagrado. Dize: “Combater nele é grande pecado. E pecado maior, perante a Allah, é afastar os homens do caminho de Allah e renegá-Lo, e afastá-los da Mesquita Sagrada, e fazer sair dela seus habitantes.” E a sedição pela idolatria é pecado maior que o morticínio. E eles não cessarão de combater-vos, até que vos façam apostatar de vossa religião, se eles o puderem. E quem de vos apostata de sua religião e morre enquanto renegador da fé, esses terão anuladas suas obras, na vida terrena e na derradeira vida. E esses são os companheiros do Fogo. Nele, serão eternos.	59:7 7. O que dos espólios dos habitantes das aldeias Allah faz chegar, sem combate, a Seu Mensageiro, é de Allah, e do Mensageiro, e dos parentes deste, e dos órfãos, e dos necessitados, e do filho do caminho, para que isso não seja alternado entre os ricos dos vossos. E o que o Mensageiro vos conceder, tomai-o; e o de que vos coibir, absterdes-vos dele. E temei a Allah. Por certo, Allah, é Veemente na punição. 9:94-95 94. Eles pedir-vos-ão desculpas, quando retornardes a eles. Dize: “Não vos desculpeis. Não creremos em vós. Com efeito, Allah informou-nos de vossas notícias. E Allah verá, e também Seu Mensageiro, vossas obras; em seguida, sereis levados ao Sabedor do invisível e do visível: então, Ele

			vos informará do que fazíeis”. 95. Eles jurar-vos-ão, por Allah, quando a eles tornardes, que estavam com a razão, para que lhes absolvais o erro. Então, dai-lhes de ombros: por certo, são uma abominação, e sua morada é a Geena, em recompensa do que cometiam.
M A R T Í R O E V I O L Ê N C I A	22:39 39. É permitido o combate aos que são combatidos, porque sofreram injustiça. – E, por certo, Allah, sobre seu socorro, é onipotente. 2: 216 216. É-vos prescrito o combate e ele vos é odioso. E, quiçá, odieis algo que vos seja melhor. E, quiçá, ameis algo que vos seja pior. E Allah sabe, e vos não sabeis. 9:52 52. Dize: “Vos não aguardais, para nós, senão uma das duas mais belas recompensas? E nós aguardamos, para vós que Allah vos alcance com castigo de sua parte, ou por nossas mãos. Então, aguardai-o. Por certo, nós o estaremos aguardando.”	8:60 60. E, preparai, para combater com eles, tudo que puderdes: força e cavalos vigilantes, para, com isso, intimidardes o inimigo de Allah e vosso inimigo, e outros além desses, que não conheceis, mas Allah os conhece. E o que quer que despendais, no caminho de Allah, ser-vos-á compensado e não sofrereis injustiça. 49:15 15. Os autênticos crentes são, apenas, os que crêem em Allah e em Seu Mensageiro; em seguida, de nada duvidam, e lutam com suas riquezas e com si mesmos, no caminho de Allah. Esses são os verídicos. 4: 95 95. Não se igualam os	3: 169-172 169. E não suponhas que os que foram mortos no caminho de Allah estejam mortos; ao contrário, estão vivos, junto de seu Senhor e, por Ele sustentados, 170. Jubilosos com o que Allah lhes concedeu de Seu favor. E exultam pelos que, deixados atrás deles, ainda se lhes não juntaram: exultam, ainda, por nada haver que temer por eles, e eles não se entristecerão. 171. Exultam por graça de Allah e por Seu favor, e porque Allah não faz perder o prêmio dos crentes, 172. Daqueles que atenderam a Allah e ao Mensageiro, após o sofrimento que os alcançara – há para os que, dentre eles, bem-fizeram e foram piedosos magnífico prêmio -

		ausentes do combate, dentre os crentes não inválidos, e os lutadores no caminho de Allah, com suas riquezas e com si mesmos. Allah prefere os lutadores, com suas riquezas e com si mesmos, aos ausentes, dando-lhes um escalão acima destes. E a ambos Allah promete a mais bela recompensa. E Allah prefere os lutadores aos ausentes, dando-lhes magnífico prêmio.	
M U N D O, S U A I M P E R M A N Ê N C I A P R A Z	4:74 74. Então, que combatam no caminho de Allah os que vendem a vida terrena pela Derradeira Vida. E a quem combate no caminho de Allah, e é morto ou vence, conceder-lhe-emos magnífico prêmio. 4:75 75. E por que razão não combateis no caminho de Allah e pela salvação dos indefesos, dentre os homens e as mulheres e as crianças, os quais dizem: "Senhor nosso! Faze-nos sair desta cidade, cujos habitantes são injustos; e faze-nos, de Tua parte, um protetor e	90:18 18. Esses são os companheiros da direita. 107:2-3; 69:34 2. Esse é o que repele o órfão, 3. E não incita a alimentar o necessitado. 34. E não incitava ninguém a alimentar o necessitado. 9:91-93, 9:96-99 91. Não há culpa sobre os indefesos nem sobre os enfermos nem sobre os que não encontram recursos para o combate, quando são sinceros com Allah e Seu Mensageiro. Não há repreensão aos benfeitores	9:28 (Tawba - arrependimento), 24:22 (Nûr - luz). 62:9-10 (Jumu'a - sexta-feira), 49:8 (Hujûrât - aposentos) 28. Ó vós que credes! Os idólatras não são senão imundícia. Então, que eles se não mais aproximem da Mesquita Sagrada, após este seu ano. E, se temeis a penúria, Allah enriquecer-vos-á com Seu favor, se quiser. Por certo, Allah é Onisciente, Sábio. 22. E que os dotados, dentre vós, do favor e prosperidade, não prestem juramento de nada conceder aos parentes e aos necessitados e aos emigrantes no caminho de Allah. E que eles os indultem e os tolerem.

E R M U N D A N O	faze-nos, de Tua parte, um socorredor”?	– e Allah é Perdoador, Misericordador -	Não amaríeis que Allah vos perdoasse? E Allah é Perdoador, Misericordador.
	9:12-15	92. Nem àqueles que, quando chegaram a ti, para os levares a combate, e lhes disseste: “Não encontro aquilo sobre o qual levar-vos”. Eles voltaram com os olhos marejados de lágrimas, de tristeza por não terem encontrado o de que despendem.	9. Ó vós que credes! Quando se chama à oração da Sexta-feira, ide, depressa, para a lembrança de Allah, e deixai a venda. Isto vos é melhor. Se soubésseis!
	12. E, se violam seus juramentos, depois de terem pactuado convosco, e difamam vossa religião, combatei os próceres da renegação da fé – por certo, para eles, não há juramentos respeitados – na esperança de se absterem da descrença.	93. Há repreensão, apenas, aos que, enquanto ricos, te pedem isenção. Agradaram-se de ficar com as mulheres isentas do combate; e Allah selou-lhes os corações; então eles não sabem.	10. E quando a oração se encerrar, espalhai-vos pela terra e buscai algo do favor de Allah; e lembrai-vos de Allah, amiúde, na esperança de serdes bem-aventurados.
	13. Será que vos não combateríeis um povo que violou seus juramentos e intentou fazer sair de Makkah o Mensageiro, e vos empreenderam o ataque, por vez primeira? Receai-os? Então, Allah é mais Digno de que O receeis, se sois crentes.	96. Eles juram-vos, para que deles vos agradeis; então, se deles vos agradais, por certo, Allah não se agrada do povo perverso.	8. Por favor e graça de Allah. E Allah é Onisciente, Sábio.
	14. Combatei-os, Allah os castigará por vossas mãos e os ignominiará, e vos socorrerá contra eles e curará a aflição dos peitos de um povo crente.	97. Os beduínos são mais veemente na renegação da Fé e na hipocrisia e mais afeitos a não saber os limites do que Allah faz descer sobre Seu Mensageiro. E Allah é Onisciente, Sábio.	93:8-11
	15. E fará ir o rancor de seus corações. E Allah volta-Se para quem quer, remindo-o. E Allah é Onisciente, Sábio.	98. E, dentre os beduínos, há quem tome por dano o que despende pela causa de	8. E não te encontrou infortunado e te enriqueceu?
			9. Então, quanto ao órfão, não o oprimas.
			10. E, quanto ao mendigo, não o maltrates.
			11. E, quanto à graça de teu Senhor, proclama-a.
			47:38
			38. Ei-vos convocados a despendem no caminho de Allah; então, há dentre vós, quem se mostre avaro. E quem se mostra avaro se mostra avaro, apenas, em prejuízo de si mesmo. E Allah é O Bastante

	33:9 9. Ó vós que credes! Lembrai-vos da graça de Allah para convosco, quando um exército vos chegou, então enviamos contra eles um vento e um exército de anjos, que não vistes – E Allah, do que fazeis, é Onividente -	Allah, e aguarde, para vós, os reveses. Que sobre eles seja o revés do mal! E Allah é Oniouvinte, Onisciente. 99. E, dentre os beduínos, há quem creia em Allah e no Derradeiro Dia e tome o que despende pela causa de Allah por oferendas a Allah e meio de acesso às preces do Mensageiro. Ora, por certo, é uma oferenda para eles. Allah fá-los-à entrar em Sua Misericórdia. Por certo, Allah é Perdoador, Misericordiador.	a Si Mesmo, e vós sois os pobres. E, se voltais as costas, Ele vos substituirá por outro povo; em seguida, eles não serão iguais a vós. 2: 245 245. Quem empresta um bom empréstimo a Allah, Ele lho multiplicará muitas vezes. E Allah restringe e prodigaliza Sua graça. E a Ele sereis retornados.
A R E S S U R E I Ç Ã O V I R T U D E S	16: 125-128 125. Convoca ao caminho de teu Senhor, com a sabedoria e a bela exortação, e discute com eles, da melhor maneira. Por certo, Allah é bem Sabedor de quem se descaminha de Seu caminho e Ele é bem Sabedor dos que são guiados. 126. E, se punis o inimigo, puni-o de igual modo, com que fostes punidos. E, em verdade se pacientes, e isso é melhor para os perseverantes. 127. E pacienta, e tua	22: 40-41 40. Esses são os que, sem razão, foram expulsos de seus lares, apenas porque disseram: “Nosso Senhor é Allah.” E, se Allah não detivesse os homens uns pelos outros, estariam demolidos eremitérios e igrejas e sinagogas e mesquitas, em que o nome de Allah é amiúde mencionado. Por certo, Allah é Forte, Todo-Poderoso. 41. Esses são os que, se os empossamos na terra, cumprem a oração e concedem az- zakâh, ordenam o conveniente e coíbem o reprovável. E de	9: 29 29. Dentre aqueles, aos quais fora concedido o Livro, combatei os que não crêem em Allah nem no Derradeiro Dia, e não proibem o que Allah e Seu Mensageiro proibiram, e não professam a verdadeira religião; combatei-os até que paguem al jizyah, com as próprias mãos, enquanto humilhados. 76:8; 2:177 8. E cedem o alimento – embora a ele apegados – a um necessitado e a um órfão e a um cativo. 177. A bondade não está em voltardes as faces para o Levante e para o Poente; mas a

	paciência não é se não com a ajuda de Allah. E não te entristeças por eles, e não tenhas constrangimento, por usarem de estratagema. 128. Por certo, Allah é com os que são piedosos e com os que são benfeitores!	Allah é o fim de todas as determinações.	bondade é a de quem crê em Allah, e no Derradeiro Dia, e nos anjos, e no Livro, e nos profetas; e a de quem concede a riqueza, embora a ela apegado, aos parentes, e aos órfãos, e aos necessitados, e ao filho do caminho, e aos mendigos, e aos escravos; e a de quem cumpre a oração e concede az-zakãh; e a dos que são fiéis a seu pacto, quando o pactuam; e a dos que são perseverantes na adversidade e no infortúnio e em tempo de guerra. Esses são os que são verídicos e esses são os piedosos. 9:103 103. Toma de suas riquezas uma Sadaqah, com que purifiques e os dignifiques, e ora por eles: por certo, tua oração é lenitivo para eles. E Allah é Oniouvinte, Onisciente.
S U I C Í D I O E H O M	9: 5 5. E, quando os meses sagrados passarem, matai os idólatras, onde quer que os encontréis, e apanha-os e sediai-os, e fiqueis a sua estreita, onde quer que estejam. Então, se se voltam arrependidos e cumprem a oração e concedem as az-zakãh,		

I C Í D I O	deixai-lhes livre o caminho. Por certo, Allah é Perdoador, Misericordioso.		
----------------------------	---	--	--

Anexo 2

Agrupamento temático

Agrupamos tematicamente alguns ahadith citados em Qudsi a respeito de temas relevantes para este trabalho.

P A R A Í S O E I N F E R N O	Hadith 29, p. 39 a 41 O Mensageiro de Allâh disse: O último a entrar no Paraíso foi um homem que certa vez caminhou, tropeçou e se queimou numa fogueira. Quando ele escapou do fogo, virou-se para a fogueira e disse: Bem aventurado é Aquele que me salvou de ti e me deu aquilo que a ninguém concedeu em tempos passados e futuros. Então uma árvore ergueu-se diante dele. Então ele disse: Ó meu Senhor, levai-me para mais perto dessa árvore para que eu possa me abrigar na sua sombra e beber da sua água. Allâh disse: Ó filho de Adão. Se eu te conceder isso, tu pedirás algo mais. Ele respondeu: Não meu Senhor. E prometeu que não pediria mais nada. O seu Senhor o desculpou porque Ele viu que aquele homem não o importunaria mais. Assim,	Hadith 29, (continuação 1) Allâh disse: Ó filho de Adão! Não Me prometeste que não pedirias nada mais? Ele respondeu: provavelmente não pedirei mais nada se me levardes para perto dela. E ele Lhe prometeu que não pediria nada mais. O Senhor o desculpou porque sabia que ele não iria manter a sua palavra. De qualquer maneira, Ele o levou para perto da árvore. O homem se abrigou na sua sombra e bebeu da sua água. Então, uma árvore mais bonita que as duas primeiras cresceu no portal do Paraíso. Ele disse: Ó Senhor. Peço-vos que me leveis para perto dessa árvore para que eu possa desfrutar da sua sombra e beber da sua água. Eu não vos pedirei nada mais. O Senhor o desculpou porque ele não pode resistir à tentação. Por isso, Ele o levou para perto da árvore. Quando foi levado para perto dela, ele ouviu as vozes dos habitantes do Paraíso. Ele disse: Ó meu Senhor! Deixai-me entrar no	Hadith 29, (continuação 2) Allâh disse: Ó filho de Adão! O que porá fim aos teus pedidos dirigidos a Mim? Ficarias satisfeito se eu te desse o mundo inteiro e mais outro igual a ele? O homem disse: Vós estais zombando de mim porque sois o Senhor dos mundos? Ao narrar este Hadith, Ibn Mas'ûd riu e perguntou (aos ouvintes): Por que não me perguntais de que coisa estou rindo? Eles disseram: porque rides?. Ele disse: Estou rindo como o Mensageiro de Allâh riu quando ele contou este hadith e (os companheiros) perguntaram: por que rides, ó mensageiro de Allâh? Ele respondeu: por causa do riso do Senhor dos mundos quando o homem que desejava entrar no Paraíso disse: Vós estais zombando de mim porque sois o Senhor dos mundos? A isso, Allâh observou: Eu não estou zombando de ti, mas Eu sou o Senhor Todo Poderoso que posso fazer tudo o que eu
---	--	---	---

	ele permitiu que o homem se aproximasse daquela árvore. Então ele se abrigou sob sua sombra e bebeu da sua água. Em seguida, uma árvore mais bonita que a primeira ergueu-se diante dele. Então disse ele: Ó meu Senhor! Levai-me para perto desta árvore. Assim eu poderei beber da sua água e me abrigar em sua sombra. Eu não pedirei nada mais além disso.	Paraíso.	quiser.
P A R A I S O E I N F E R N O	Hadith 30, p. 41 e 42. Abu Dar contou: O Mensageiro de Allah disse: Eu conheço o último dos habitantes que saiu do Inferno e o último dos homens a entrar no Paraíso. É um homem que foi levado perante Allâh no Dia da Ressurreição. Então Allâh ordenou aos anjos: Perguntai-lhe sobre os menores pecados e escondi os maiores. Então, foi-lhe dito: em tal e tal dia tu fizeste tal e tal pecado; e em tal e tal dia tu cometeste tal e tal má ação. O Profeta acrescentou: O pecador disse: Meu Senhor! Eu fiz	Hadith 35, p. 47 e 48. A'lyâd bin Himâr Al-Mujashi'i contou que certo dia o Mensageiro de Allâh disse em seu discurso: Vejam! De fato, Allâh ordenou-me que os informasse acerca daquilo que não lhes é familiar; e eis aquilo que Ele me ensinou hoje: Todas as riquezas que concedi a meus servos são legítimas. De fato, criei-os verdadeiros na Fé, mas Satã os abordou e os desviou de sua religião e o que lhes era permitido, declarou que era proibido. Depois Satã lhes ordenou que tomassem como meus companheiros aqueles a quem eu nada revelara. Em verdade, Allâh olhou para o	Hadith 36, p. 49. Abû Huraira contou que o Profeta disse: Certa vez o Paraíso e o Inferno discutiram um com o outro. O Inferno disse que fora preferido por opressores e tiranos. O Paraíso se perguntou: O que há de errado comigo que apenas homens fracos e humildes me adentram? Allâh falou ao Paraíso: Tu és a minha misericórdia. Eu irei conceder misericórdia através de ti a quem Eu desejar dentre meus escravos. E disse ao Inferno: Por outro lado, tu és o meu tormento. Eu irei atormentar através de ti quem eu quiser dentre os meus servos. O Profeta

	coisas que não encontro aqui. O narrador disse: Verdadeiramente eu vi o Mensageiro de Allâh rir tanto até mostrar o seu dente pré-molar (porque o pecador fora perdoado).	povo da terra e odiou Árabes e não Árabes exceto um exíguo povo da Escritura. Allâh acrescentou: eu te enviei como Profeta ao povo para que eu pudesse dar-te testemunho e mediante a tua palavra dar testemunho aos fieis e te revelei um Livro que as águas não poderão apagar. Assim, debes lê-lo no sono e na vigília. O Profeta disse: em verdade Allâh me ordenou de queimar (os infiéis de) Quraish (a tribo do Profeta de Makkah). Então eu disse: o' Senhor! Eles vão esmagar minha cabeça como pão. Allâh disse: expulsa-os como eles te expulsaram da tua cidade. Dê-lhes combate, Eu te darei apoio. Gasta (dinheiro pela causa de Allâh). Eu cobrirei os teus gastos. Mande um exercito e eu mandarei mais cinco iguais a ele. Combata com os seus seguidores contra aqueles que te renegaram. Ele disse: os habitantes do Paraíso são de três categorias: primeiro há o poderoso, o justo, o doador de esmolas, um homem de sucesso; segundo, há o homem bondoso, de coração compassivo para com seus familiares e os muçulmanos.	acrescentou: Ambos terão sua capacidade. Quanto ao Inferno, este não estará lotado até que Allâh coloque seu glorificado pé sobre ele. Então o Inferno dirá: Já chega! Já chega! Já chega! Nesse momento todas suas partes estarão cheias. Allâh não tratará de forma injusta nenhuma de suas criaturas. Quanto ao Paraíso, Allâh criará outras criaturas para preenchê-lo. (Pois Ele é Todo-Misericordioso).
--	--	--	--

		Terceiro, há o pai honrado, com muitos filhos. Ele disse também: os habitantes do Inferno são de três categorias. Primeiro, há o seguidor fraco que não tem nenhum sentido de evitar o mal, nem de trabalhar pela família ou enriquecer. Segundo, há o desonesto, cuja ganância, até mesmo nas coisas mais ínfimas é bem conhecida do povo. Terceiro, é o homem que todo dia te trai com relação a tua família e a tua riqueza. Ele também mencionou o avarento, o mentiroso e a pessoa que usa más palavras.	
M A R T Í R I O	Hadith 31, p. 43. Contado por Masrûq: Perguntaram a ‘Abdullâh bin Mas’ûd sobre este versículo: “Não pensem naqueles que morreram por Allâh como mortos; ao invés disso, pensem que eles estão vivos com seu Senhor que os sustenta” (3:169). Ele (Abdullâh bin Mas’ûd) disse: Perguntamos ao Profeta o significado desse versículo e ele o explicou desta forma: Suas almas estão dentro	Hadith 33, p. 44. Narrou Ibn ‘Ulmar que o Profeta citou seu Senhor que disse: A qualquer um dos meus servos que lutar no meu caminho pelo meu bem eu lhe asseguro que compensarei seu sofrimento com prêmios e recompensas (durante sua vida) e, caso morra, eu o perdoarei, terei misericórdia para com ele e o deixarei entrar no Paraíso.	Hadith 34, p. 45 e 46. Contou Ibn ‘Abbâs: O Mensageiro de Allâh disse: Quando seus irmãos foram mortos como mártires na batalha de Uhud, Allâh colocou suas almas dentro de pássaros verdes que chegaram aos rios do Paraíso, comeram de suas frutas e se abrigaram perto de lanternas feitas de ouro e suspensas à sombra do Trono Divino. Após terem apreciado a comida, a bebida e o descanso, eles disseram: Quem irá transmitir aos nossos irmãos na terra

	de pássaros verdes, perto de lanternas suspensas diante do Trono Divino, e vagam livremente por onde quiserem no Paraíso. Elas se abrigam nessas lanternas. Certa vez, o Senhor olhou para eles e perguntou: Vocês querem algo mais? Eles disseram: O que mais poderíamos querer? Nós vagamos livremente pelo paraíso como desejamos. Allâh perguntou a eles a mesma questão por três vezes. Quando eles perceberam que não seriam poupados da pergunta, disseram: Ó Senhor! Gostaríamos que colocásseis nossas almas de volta aos nossos corpos para que possamos ser mortos pelo Senhor mais uma vez. Quando Allâh percebeu que nada desejavam, Ele permitiu que ficassem na alegria do Paraíso.		que nós estamos vivos no Paraíso, onde somos providos com o sustento, para que eles não abandonem a luta pelo Bem de Allâh e nem se retirem na hora da guerra? Allâh, o Glorificado, disse: Eu os informarei sobre isso. Assim Allâh revelou este versículo: “Não pensem naqueles que morreram por Allâh como mortos; ao invés disso, pensem que eles estão vivos com seu Senhor sendo providos com o sustento.” (3:169)
MUNDO, SUA	Hadith 37, p. 50. Anas narrou que o Mensageiro de Allâh disse: uma pessoa do povo mais miserável deste mundo foi levada para junto do povo do Paraíso. Allâh disse (aos anjos): introduzi-o no	Hadith 42, p. 57. Narrou Abû Huraira: O Mensageiro de Allâh disse: a princípio um servo (de Allâh) questionará se no Dia do Juízo Allâh dará presentes. E lhe será dito: não te demos	

I M P E R M A N Ê N C I A P R A Z E R M U N D A N O	Paraíso. Então eles o introduziram no Paraíso. Então Allâh lhe perguntou: já enfrentaste alguma vez alguma desgraça ou algo que odiaste? Ele disse: não, por Vossa glória! Nunca enfrentei nada desagradável. Depois, uma pessoa do povo mais rico do mundo foi conduzida ao Inferno. Allâh ordenou (aos anjos): introduzi-o nele [no Inferno]. Então Ele lhe perguntou: Ó filho de Adão! Terias alguma vez usufruído algum conforto?	um corpo saudável, e não te saciamos com água fresca?	
A R E S S U R R E I Ç Ã O	Hadith 38, p. 51 e 52. ABû Sa'îd Al-Khudr contou que o Profeta disse: Allâh chamou: Ó Adão! Ele disse: Eu respondo ao Vosso chamado; eu obedeço às Vossas ordens; o Bem esteja em Vossa Mão. Allâh disse: Apresenta o grupo destinado ao Inferno. Adão perguntou: quais são as pessoas condenadas ao	Hadith 39, p. 53 e 54. Abû Huraira narrou: Certa vez os Companheiros do Profeta perguntaram-lhe: Ó Mensageiro de Allâh! Poderemos ver nosso Senhor no Dia da Ressurreição? Ele disse: vós sentis alguma dificuldade em ver o sol ao meio dia quando não há nuvem? Eles disseram: Não. Ele disse então: vós sentis alguma dificuldade em ver a	Hadith 40, p. 55 e 56. Anas Bin Mâlik narrou: Nós estávamos em companhia do Mensageiro de Allâh quando ele riu e disse: Sabeis por que eu ri? O narrador disse: Nós dissemos: Allâh e o seu Mensageiro sabem responder melhor (do que nós). Então o Profeta disse: Eu ri da fala do Servo ao seu Senhor no dia da Ressurreição, pois, ele disse: O meu senhor! Vós

Inferno? Allâh disse: eles são novecentos e noventa e nove em cada mil. O Profeta disse: nesta conjuntura, cada criança se tornará velha e cada gestante abortará devido ao pavor do momento e vós vereis as pessoas como se estivessem embriagadas, embora estivessem sóbrias. O tormento (castigo) de Allâh será tão atroz que os tornará assim. Então os Companheiros perguntaram: O Mensageiro. Quem será esta única pessoa dentre nós? Ele disse: alegrai-vos. Quando um dentre vós for escolhido para o Paraíso, mil de gog e magog serão mandados para o Inferno. Então ele disse: por Aquele em cujas Mãos está a minha alma! Eu espero que vós constituíreis um quarto dos habitantes do Paraíso, Nós exclamamos (Allâh é O Grandioso). Ele disse: Eu antecipo que vós sereis um terço do povo do Paraíso. Nós gritamos novamente. Ele disse: eu espero que vós sereis a metade do	lua cheia quando não há nuvem? Eles disseram: Não. Em seguida ele disse: por Aquele que sustenta a minha vida! Não encontrareis nenhuma dificuldade em ver Allâh tanto quanto em ver alguém de vós. O Profeta acrescentou: Então Allâh se sentará para julgar os servos e dirá: O fulano de tal! Eu não te tornei uma pessoa honrada e não te tornei um chefe e não te dei uma esposa e não coloquei em teu poder cavalos e camelos e te ofereci a oportunidade de governar os teus súditos e de apoderar-te de um quarto dos despojos. Ele (o servo) dirá: Sim meu Senhor! O Profeta disse: Então Ele (o Senhor) dirá: tu não pensaste que irias encontrar-me? O servo dirá: Não. Por isso, Allâh dirá: Eu faço vista grossa de ti pois me esqueceste. Depois uma segunda pessoa será levada (a julgamento). Allâh dirá: o fulano de tal, Eu não te tornei uma pessoa honrada e não te tornei um chefe e não te dei uma parceira e não coloquei em teu poder cavalos e camelos e te ofereci a oportunidade de governar os teus súditos e de te apoderar	não me garantiste proteção contra a injustiça? O Profeta disse: Allâh disse: Sim. O Profeta acrescentou: Então o servo dirá: Hoje não permitirei nenhum testemunho contra mim, exceto um testemunho de mim mesmo. Então o Profeta disse: Allâh dirá: Hoje tu somente e os nobres anjos que registram [as ações] serão tuas testemunhas. Então o Profeta disse: Então sua boca será selada e será dito para os seus membros: Falem. O Profeta acrescentou: Eles falarão das suas ações. Ele (o Profeta) disse: Então ele foi liberado para falar. O Profeta disse: Ele disse a seus membros: maldição e blasfêmia caiam sobre vós. Foi somente por amor de vós que eu tive uma contenda [com o Senhor].
--	---	---

	povo do Paraíso. Novamente nós exclamamos. Em seguida, ele disse: Embora sejais como um fio de cabelo preto na pele de um boi branco, ou como um cabelo branco na pele de um boi preto (isto é, o vosso número comparado com os não Muçulmanos seja muito pequeno, vós sereis a maioria no Paraíso).	de um quarto dos despojos. Ele dirá: Sim, meu Senhor! Então Ele dirá: tu não pensaste que irias encontrar-Me. O servo dirá: Não. Nesse momento Allâh dirá: Bem eu faço vista grossa de ti pois me esqueceste. Então, o terceiro será levado a julgamento. Allâh lhe perguntará a mesma coisa. A essa pergunta, o servo dirá: Ó meu Senhor! Eu acreditei em Vós, no Vosso Livro, e nos Vossos Mensageiros. Também recitei as orações prescritas, observei o jejum e pratiquei a caridade. Ele continuará falando nestes termos. Allâh dirá: Bem. O Profeta acrescentou: Então lhe será dito: Agora nós te apresentaremos as nossas testemunhas. Então o homem pensará: Quem testemunhará sobre mim? Então a sua boca será selada e será dito aos seus fêmures, à sua carne e aos seus ossos: Falem. Assim, os seus fêmures, carne e ossos darão testemunho das suas ações. Assim ele não poderá ter nenhuma desculpa. E poderá ser considerado um hipócrita com quem Allâh se irritará.	
A R	Hadith 41, p. 56.		

E S S U R R E I Ç Ã O V I R T U D E S	Abû Haraira narrou: eu ouvi o Mensageiro de Allâh dizendo: Allâh se apossará de todo o Planeta terrestre e o segurarâ no Dia da Ressurreiçâo e todos os céus estarão em Sua Mão Direita. Então Ele dirá: Eu sou o Rei. Onde estão os monarcas da Terra?		
A R E S S U R R E I Ç Ã O V I R T U D E S	Hadith 43, p. 58. Ibn Abbâs narrou: A Tribo de Quraish disse ao Profeta: Suplicai a vosso Senhor para que Ele transforme (as pedras de) Safa em ouro. Então acreditaremos em Vós. Ele (o Profeta) perguntou. Realmente acreditareis? Eles disseram: Sim. Ele (o narrador) disse: Então o Profeta invocou Allâh pedindo que fizesse isso. Então Jibrael dirigiu-se a ele e disse: Vosso Senhor retribui as vossas saudações e diz: Se quiserdes, eu transformarei Safa em ouro mas aqueles	Hadith 44, p. 59 e 60. Ubâd bin As-Sâmit narrou: Um dia os Companheiros não encontraram o Profeta entre eles. (Normalmente) Quando acampavam, alojavam-no no meio (deles). Eles estavam ansiosos e pensavam que Allâh tivesse escolhido outros companheiros para ele. Subitamente, eles o viram vindo em direção a eles e exclamaram (Allâh é Grandioso) e disseram: Ó Mensageiro de Allâh! Nós pensamos que Allâh tivesse escolhido para vós alguns companheiros diferentes de nós. O Mensageiro de Allâh disse: Não. Pelo contrario, vós	Hadith 45, p. 60. Abû Huraira narrou que, com o Mensageiro de Allâh, ele visitou certa vez um enfermo que sofria com febre. O Mensageiro de Allâh disse ao enfermo: Alegra-te com a boa noticia que Allâh comunica: Eu afligirei meu servo fiel no mundo com fogo (febre) para que ele possa ser salvo de parte do fogo que lhe caberá na outra Vida.

	que não acreditarem depois disso, sofrerão um castigo tão severo como ninguém nunca no mundo sofreu, ou, se quiserdes, Eu posso abrir-lhes a porta do arrependimento e da misericórdia. O Profeta disse: prefiro a porta do arrependimento e da misericórdia.	sois meus Companheiros neste mundo e o sereis no outro. Em verdade, Allâh, o Todo-Poderoso, me despertou e disse: O´ Muhammad! Em verdade, Eu não enviei nenhum outro Profeta ou Mensageiro com meu beneplácito, pelo qual Eu respondo, além deste que agora eu vos concedo. Assim, o´ Muhammad, tu podes também pedir-me qualquer coisa, que eu te concederei. O Profeta disse: meu desejo é que eu faça uma intercessão pelos meus seguidores no Dia da Ressurreição. Abû Bakr perguntou: O´ Mensageiro de Allâh! O que é intercessão? Ele (o Profeta) disse: Eu direi: O´ Senhor! Minha intercessão é que mantençais o pacto que eu firmei convosco. Em resposta, o Senhor dirá: Sim. Então o meu Senhor vai tirar o resto dos meus seguidores do Inferno e os admitirá no Paraíso.	
A R E S S U R E I Ç	Hadith 46, p. 61. Uqba bin Aamir narrou: O Profeta disse: Cada ação de cada dia é registrada. Quando um fiel adoece, os anjos dizem: O´ nosso Senhor! Vosso servo	Hadith 47, p. 61 e 62. Anas Bin Mâlik narrou: Eu ouvi o Profeta dizer: Allâh disse: Se Eu privar meu servo destas duas coisas estimadas (isto é, dos seus olhos) e ele mantiver a paciência, Eu o	

A O V I R T U D E S	fulano de tal adoeceu. O Senhor diz: anotem em seu crédito todas as mesmas ações que fazia antes da doença, até que ele se cure ou faleça.	deixarei entrar no Paraíso como recompensa por eles.	
O S U I C Í D I O H O M I C Í D I O	Hadith 48, p. 62. Jundub bin ‘Abdullâh narrou: O Mensageiro de Allâh disse: Entre as nações, antes de vós, houve um homem que recebeu um ferimento e perdeu a paciência. Ele apanhou uma faca e cortou sua mão. O sangue não parou de jorrar até que ele morreu. Allâh o Exaltado disse: Meu servo apressou-se em trazer a morte para ele. Por isso, eu não lhe permitirei entrar no Paraíso.	Hadith 49, p. 63. ‘Abdullâh bin Ma’ûd narrou pela autoridade do Profeta (No Dia do Juízo) um homem virá segurando a mão de outro homem e dirá: O´ Senhor! Foi ele quem me matou. Allâh dirá: Por que o mataste? Ele dirá: eu o matei para estabelecer a vossa glória. Allâh dirá: entendo. Depois, um outro homem virá segurando a mão de outro companheiro e dirá: Foi ele quem me matou. Allâh lhe perguntará: Por que o mataste. Ele dirá: Eu o matei para estabelecer a gloria (honra) desta ou daquela pessoa. Allâh dirá: na verdade isso não lhe deu nenhuma glória (honra). Assim, o assassino terá que assumir seu pecado.	

Anexo 3

Agrupamento temático

Agrupamos tematicamente alguns ahadith citados em Al-Bukhâri a respeito de temas relevantes para este trabalho.

P A R A Í S O E I N F E R N O	Hadith 1250, p. 598	Hadith 1207, p. 581	Hadith 1206, p. 581
	“Sahl Bin Saad As-Saidi (que Deus se compraza dele) narrou que o mensageiro de Deus (que a paz e as bênçãos de Deus estejam sobre ele) disse: ‘Proteger muçulmanos dos infiéis em prol da causa divina por um único dia é melhor do que o mundo material e o que quer que esteja sobre sua superfície, e um pequeno lugar no paraíso é melhor do que o mundo material e o que quer que esteja sobre sua superfície’.”	Narrado por Abu Huraira (que Deus se compraza dele). O Profeta (que a paz e as bênçãos de Deus estejam sobre ele) disse: “Todo aquele que acredita em Allâh e seu Mensageiro cumpre <i>Iqâmat as-Salât</i> (dias e horas prescritos para orar) e observa <i>Saum</i> do mês de Ramadan, recebe a promessa selada por Allâh de que ele será admitido no Paraíso, não importa se lute pela causa de Allâh ou se permaneça na terra em que nasceu”. O povo disse: “Ó Mensageiro de Allâh. Devemos inteirar o povo desta boa notícia”? Ele disse: “O Paraíso tem cem graus que Allâh reservou para os Mujâhidûn que lutam pela causa de Allâh, e a distância entre cada grau é como a distância entre o meio (o melhor) e o grau mais elevado do Paraíso. E acima dele (do Paraíso <i>Al – Firdaus</i>) está o trono do	Narrado por Abu Huraira. Eu ouvi o mensageiro de Allâh dizer: Um <i>Mujâhid</i> (combatente muçulmano) pela causa de Allâh (e Allâh conhece bem quem realmente se empenha por sua causa) – é como uma pessoa que observa o <i>Saum</i> (jejum) e oferece <i>Salât</i> (orações) continuamente. Allâh garante que ele admitirá o <i>Mujâhid</i> por sua causa no Paraíso se ele for morto; do contrário, ele o fará retornar com segurança para seu lar com as recompensas e o botim.

		Todo Misericordioso (isto é Allâh) e dele emanam os rios do Paraíso”	
M A R T Í R I O	Hadith 1618, p. 766 Jaber bin Abdullah (que Deus se compraza de ambos, Jaber e seu pai, Abdullah) narrou: No dia da batalha de Uhud, um homem se dirigiu ao profeta (que a paz e as bênçãos de Deus estejam sobre ele) e disse: “Você poderia me dizer para onde irei se eu for morto, tornar-me mártir?” O profeta (que a paz e as bênçãos de Deus estejam sobre ele) respondeu: “Para o paraíso”. O homem lançou ao chão as tâmaras que carregava e combateu até tornar-se mártir.	Hadith 1205, p 580 Narrado por Abu Said Al-Khudrî. Alguém perguntou, O Mensageiro de Allâh. Quem é o melhor dentre o povo? O Mensageiro de Allâh respondeu “O crente que empenha-se totalmente na Causa de Allâh com sua vida e propriedade. Eles perguntaram: Quem vem depois? Ele respondeu: “O fiel que fica em uma das trilhas da montanha rendendo culto a Allâh e deixando o povo com os seus mal-feitos”.	
M U N D O, S U A I M P E R M A	Hadith 1250, p. 598 “Sahl Bin Saad As-Saidi (que Deus se compraza dele) narrou que o mensageiro de Deus (que a paz e as bênçãos de Deus estejam sobre ele) disse: ‘Proteger muçulmanos dos infiéis em prol da causa divina por um único dia é melhor do que o mundo material e o que quer que esteja sobre		

N Ê N C I A P R A Z E R M U N D A N O	sua superfície, e um pequeno lugar no paraíso é melhor do que o mundo material e o que quer que esteja sobre sua superfície’.”		
A R E S S U R R E I Ç Ã O V I R T U D E S	Hadith 1633, p. 772 Jaber bin Abdullah (que Deus se compraza de ambos, Jaber e seu pai, Abdullah) narrou que ele combateu em um ação em Najd com o mensageiro de Deus e, quando o mensageiro de Deus (que a paz e as bênçãos de Deus estejam sobre ele) retornou, ele também voltou com ele. A hora de repousar os alcançou quando eles se encontravam em um vale repleto de árvores espinhosas.	Hadith 1633 -continuação 1 O mensageiro de Deus (que a paz e as bênçãos de Deus estejam sobre ele) desmontou, e as pessoas se dispersaram entre as árvore, buscando a sombra das árvores. O mensageiro de Deus (que a paz e as bênçãos de Deus estejam sobre ele) buscou refúgio sob uma árvore de Samura e pendurou nela sua espada. Disse Jaber: “Dormimos um pouco e o mensageiro de Deus (que a paz e as bênçãos de Deus estejam sobre ele) nos chamou subitamente”.	Hadith 1633 -continuação 2 Fomos até ele e o encontramos com um beduíno sentado. O mensageiro de Deus (que a paz e as bênçãos de Deus estejam sobre ele) disse: ‘Este homem pegou a minha espada enquanto eu dormia. Quando eu acordei, a espada estava em sua mão’. Ao que ele me disse: ‘Quem poderia me impedir (de atacá-lo)?’ Eu lhe disse: ‘Deus’. E eis que esse homem sentou-se com ele. E o mensageiro de Deus (que a paz e as bênçãos de Deus estejam sobre ele) não o puniu por isso.

S U I C Í D I O e H O M I C Í D I O	Hadith 1611, p. 760	Hadith 1611, continuação	Hadith1293, p.613
	Suponha que eu encontrasse um dos infiéis, nós combatêsemos, e ele atingisse uma de minhas mãos com sua espada e a cortasse e então buscasse refúgio numa árvore e dissesse: 'Eu me entrego a Deus' (o verbo original em árabe refere-se também a tornar-se muçulmano, assim a entrega nesse sentido vincula-se à pertença religiosa), eu poderia matá-lo, ó mensageiro de Deus (que a paz e as bênçãos de Deus estejam sobre ele), depois de ele ter dito isso?	"Não, você não deveria matá-lo". Al-Miqdad disse: "Ó mensageiro de Deus! Mas ele cortou uma de minhas mãos e depois disso pronunciou essas palavras..." O mensageiro de Deus (que a paz e as bênçãos de Deus estejam sobre ele) respondeu: "Você não deveria matá-lo porque, se você o matar, ele ocuparia a posição que você tinha antes de você matá-lo, e você ocuparia a posição que ele tinha antes de pronunciar essas palavras".	Narrado por Abdullâh bin 'Umar : Durante algumas Ghazawat (grandes batalhas lideradas pelo Profeta) uma mulher foi encontrada morta. O Mensageiro de Allâh reprovou matar mulheres e crianças.

Anexo 4

Agrupamento comparativo

Agrupamos alguns ahadith já citados em Bukhâri e suratas do Alcorão a respeito de temas relevantes para este trabalho.

T e m a	Bukhâri	Alcorão	Alcorão
J I H A D	Hadith 1204, p. 580 Narrado por Abu Huraira (...) Um homem foi ter com o mensageiro de Allâh (...) e disse: Mostra-me algo que seja igual à <i>Jihad</i> como recompensa". Ele respondeu: "Não encontro tal coisa".	22: 58-59 58. E aos que emigram, no caminho de Allah, em seguida, são assassinados ou morrem, certamente, Allah dar-lhes-á belo sustento. E, por certo, Allah é O Melhor dos sustentadores. 59. Certamente, dá-los-á entrar em um lugar, de que se agradecerão. E, por certo, Allah é Onisciente, Clemente.	4: 95 95. Não se igualam os ausentes do combate, dentre os crentes não inválidos, e os lutadores no caminho de Allah, com suas riquezas e com si mesmos. Allah prefere os lutadores, com suas riquezas e com si mesmos, aos ausentes, dando-lhes um escalão acima destes. E a ambos Allah promete a mais bela recompensa. E Allah prefere os lutadores aos ausentes, dando-lhes magnífico prêmio.
J I H A D	Hadith 1205, p 580 Narrado por Abu Said Al-Khudrî. Alguém perguntou, O Mensageiro de Allâh. Quem é o melhor dentre o povo? O Mensageiro de Allâh respondeu "O crente que empenha-se totalmente na Causa de Allâh com sua vida e propriedade. Eles perguntaram: Quem vem	2: 216 216. É-vos prescrito o combate e ele vos é odioso. E, quiçá, odieis algo que vos seja melhor. E, quiçá, ameis algo que vos seja pior. E Allah sabe, e vos não sabeis.	47:38 38. Ei-vos convocados a despende no caminho de Allah; então, há dentre vós, quem se mostre avaro. E quem se mostra avaro se mostra avaro, apenas, em prejuízo de si mesmo. E Allah é O Bastante a Si Mesmo, e vós sois os pobres. E, se voltais as costas, Ele vos substituirá por outro povo; em seguida, eles não serão iguais a

	depois? Ele respondeu: “O fiel que fica em uma das trilhas da montanha rendendo culto a Allâh e deixando o povo com os seus mal-feitos”.		vós. 49:15 15. Os autênticos crentes são, apenas, os que crêem em Allah e em Seu Mensageiro; em seguida, de nada duvidam, e lutam com suas riquezas e com si mesmos, no caminho de Allah. Esses são os verídicos!
J I H A D	Hadith 1206, p. 581 Narrado por Abu Huraira. Eu ouvi o mensageiro de Allâh ‘dizer: Um <i>Mujâhid</i> (combatente muçulmano) pela causa de Allâh (e Allâh conhece bem quem realmente se empenha por sua causa) – é como uma pessoa que observa o <i>Saum</i> (jejum) e oferece <i>Salât</i> (orações) continuamente. Allâh garante que ele admitirá o <i>Mujâhid</i> por sua causa no Paraíso se ele for morto; do contrário, ele o fará retornar com segurança para seu lar com as recompensas e o botim.	2:177 177. A bondade não está em voltardes as faces para o Levante e para o Poente; mas a bondade é a de quem crê em Allah, e no Derradeiro Dia, e nos anjos, e no Livro, e nos profetas; e a de quem concede a riqueza, embora a ela apegado, aos parentes, e aos órfãos, e aos necessitados, e ao filho do caminho, e aos mendigos, e aos escravos; e a de quem cumpre a oração e concede az-zakân; e a dos que são fiéis a seu pacto, quando o pactuam; e a dos que são perseverantes na adversidade e no infortúnio e em tempo de guerra. Esses são os que são verídicos e esses são os piedosos.	9:12-14 12. E, se violam seus juramentos, depois de haverem pactuado convosco, e difamam vossa religião, combatei os próceres da renegação da fé – por certo, para eles, não ha juramentos respeitados – na esperança de se absterem da descrença. 13. Será que vos não combateríeis um povo que violou seus juramentos e intentou fazer sair de Makkah o Mensageiro, e vos empreenderam o ataque, por vez primeira? Receai-os? Então, Allah é mais Digno de que O receeis, se sois crentes. 14. Combatei-os, Allah os castigará por vossas mãos e os ignominiará, e vos socorrerá contra eles e curará a aflição dos peitos de um povo crente.
J I H	Hadith 1207, p 581 Narrado por Abu Huraira. O Profeta disse: “Todo	2: 194, 194. O Mês Sagrado pelo Mês Sagrado, e para as	2:217 217. Perguntam-te pelo combate, no mês sagrado.

A D	aquele que acredita em Allâh e seu Mensageiro cumpre <i>Iqâmat as-Salât</i> (dias e horas prescritos para orar) e observa <i>Saum</i> do mês de Ramadan, recebe a promessa selada por Allâh de que ele será admitido no Paraíso, não importa se lute pela causa de Allâh ou se permaneça na terra em que nasceu”. O povo disse: “Ó Mensageiro de Allâh. Devemos inteirar o povo desta boa notícia”? Ele disse: “O Paraíso tem cem graus que Allâh reservou para os Mujâhidûn que lutam pela causa de Allâh, e a distância entre cada grau é como a distância entre o meio (o melhor) e o grau mais elevado do Paraíso. E acima dele (do Paraíso <i>Al – Firdaus</i>) está o trono do Todo Misericordioso (isto é Allâh) e dele emanam os rios do Paraíso”.	cousas sagradas, o talião. Então, a quem vos agredir, agredi-o de igual modo, como ele vos agrediu. E temei a Allah e sabeis que Allah é com os piedosos.	Dize: “Combater nele é grande pecado. E pecado maior, perante a Allah, é afastar os homens do caminho de Allah e renegá-Lo, e afastá-los da Mesquita Sagrada, e fazer sair dela seus habitantes.” E a sedição pela idolatria é pecado maior que o morticínio. E eles não cessarão de combater-vos, até que vos façam apostatar de vossa religião, se eles o puderem. E quem de vos apostata de sua religião e morre enquanto renegador da fé, esses terão anuladas suas obras, na vida terrena e na derradeira vida. E esses são os companheiros do Fogo. Nele, serão eternos.
J I H A D	Hadith 1213, p. 584 Narrado por Abu Huraira: O Mensageiro de Allâh disse: “Por aquele em cujas mãos está a minha alma. Todo aquele que for ferido pela causa de Allâh... chegará no dia da	3: 169-170 169. E não suponhas que os que foram mortos no caminho de Allah estejam mortos; ao contrário, estão vivos, junto de seu Senhor e, por Ele sustentados,	3: 171-172 171. Exultam por graça de Allah e por Seu favor, e porque Allah não faz perder o prêmio dos crentes, 172. Daqueles que atenderam a Allah e ao Mensageiro, após o

	Ressurreição com o seu ferimento com a cor de sangue, mas terá cheiro de almíscar.	170. Jubilosos com o que Allah lhes concedeu de Seu favor. E exultam pelos que, deixados atrás deles, ainda se lhes não ajuntaram: exultam, ainda, por nada haver que temer por eles, e eles não se entristecerão.	sofrimento que os alcançara – há para os que, dentre eles, bem-fizeram e foram piedosos magnífico prêmio -
J I H A D	Hadith 1293, p. 613 Narrado por Abdullâh bin 'Umar : Durante algumas Ghazawat (grandes batalhas lideradas pelo Profeta) uma mulher foi encontrada morta. O Mensageiro de Allâh reprovou matar mulheres e crianças.	33:9 9. Ó vós que credes! Lembrai-vos da graça de Allah para convosco, quando um exército vos chegou, então enviamos contra eles um vento e um exército de anjos, que não vistes – E Allah, do que fazeis, é Onividente -	4:75 75. E por que razão não combateis no caminho de Allah e pela salvação dos indefesos, dentre os homens e as mulheres e as crianças, os quais dizem: “Senhor nosso! Faze-nos sair desta cidade, cujos habitantes são injustos; e faze-nos, de Tua parte, um protetor e faze-nos, de Tua parte, um socorredor”?
P A R A I S O - I N F E R N O	Hadith 1250, p. 598 “Sahl Bin Saad As-Saidi (que Deus se compraza dele) narrou que o mensageiro de Deus (que a paz e as bênçãos de Deus estejam sobre ele) disse: ‘Proteger muçulmanos dos infiéis em prol da causa divina por um único dia é melhor do que o mundo material e o que quer que esteja sobre sua superfície, e um pequeno lugar no	2: 194 , 2:217 194. O Mês Sagrado pelo Mês Sagrado, e para as cousas sagradas, o talião. Então, a quem vos agredir, agredi-o de igual modo, como ele vos agrediu. E temei a Allah e sabeis que Allah é com os piedosos. 217. Perguntam-te pelo combate, no mês sagrado. Dize: “Combater nele é grande pecado. E pecado	59:7 7. O que dos espólios dos habitantes das aldeias Allah faz chegar, sem combate, a Seu Mensageiro, é de Allah, e do Mensageiro, e dos parentes deste, e dos órfãos, e dos necessitados, e do filho do caminho, para que isso não seja alternado entre os ricos dos vossos. E o que o Mensageiro vos conceder, tomai-o; e o de que vos coibir, abstende-vos dele. E temei a

	paraíso é melhor do que o mundo material e o que quer que esteja sobre sua superfície’.”	maior, perante a Allah, é afastar os homens do caminho de Allah e renegá-Lo, e afastá-los da Mesquita Sagrada, e fazer sair dela seus habitantes.” E a sedição pela idolatria é pecado maior que o morticínio. E eles não cessarão de combater-vos, até que vos façam apostatar de vossa religião, se eles o puderem. E quem de vos apostata de sua religião e morre enquanto renegador da fé, esses terão anuladas suas obras, na vida terrena e na derradeira vida. E esses são os companheiros do Fogo. Nele, serão eternos.	Allah. Por certo, Allah, é Veemente na punição. 9:94-95 94. Eles pedir-vos-ão desculpas, quando retornardes a eles. Dize: “Não vos desculpeis. Não creremos em vós. Com efeito, Allah informou-nos de vossas notícias. E Allah verá, e também Seu Mensageiro, vossas obras; em seguida, sereis levados ao Sabedor do invisível e do visível: então, Ele vos informará do que fazíeis”. 95. Eles jurar-vos-ão, por Allah, quando a eles tornardes, que estavam com a razão, para que lhes absolvais o erro. Então, dai-lhes de ombros: por certo, são uma abominação, e sua morada é a Geena, em recompensa do que cometiam.
M A R T Í R I O E V I O L Ê N C	Hadith 1618, p. 766 Jaber bin Abdullah (que Deus se compraza de ambos, Jaber e seu pai, Abdullah) narrou: No dia da batalha de Uhud, um homem se dirigiu ao profeta (que a paz e as bênçãos de Deus estejam sobre ele) e disse: “Você poderia me dizer para onde irei se eu for morto, tornar-me mártir?” O profeta (que	22:39 39. É permitido o combate aos que são combatidos, porque sofreram injustiça. – E, por certo, Allah, sobre seu socorro, é onipotente.	8:60 60. E, preparai, para combater com eles, tudo que puderdes: força e cavalos vigilantes, para, com isso, intimidardes o inimigo de Allah e vosso inimigo, e outros além desses, que não conheceis, mas Allah os conhece. E o que quer que despendais, no caminho de Allah, ser-vos-á compensado e não sofrereis injustiça. 9:52

I A	a paz e as bênçãos de Deus estejam sobre ele) respondeu: “Para o paraíso”. O homem lançou ao chão as tâmaras que carregava e combateu até tornar-se mártir.		52. Dize: “Vos não aguardais, para nós, senão uma das duas mais belas recompensas? E nós aguardamos, para vós que Allah vos alcance com castigo de sua parte, ou por nossas mãos. Então, aguardai-o. Por certo, nós o estaremos aguardando.”
M U N D O, S U A I M P E R M A N Ê N C I A P R A Z E R M U N D	Hadith 1250, p. 598 “Sahl Bin Saad As-Saidi (que Deus se compraza dele) narrou que o mensageiro de Deus (que a paz e as bênçãos de Deus estejam sobre ele) disse: ‘Proteger muçulmanos dos infieis em prol da causa divina por um único dia é melhor do que o mundo material e o que quer que esteja sobre sua superfície, e um pequeno lugar no paraíso é melhor do que o mundo material e o que quer que esteja sobre sua superfície’.”	4:74 74. Então, que combatam no caminho de Allah os que vendem a vida terrena pela Derradeira Vida. E a quem combate no caminho de Allah, e é morto ou vence, conceder-lhe-emos magnífico prêmio.	

A N O			
A R E S S U R E I Ç Ã O V I R T U D E S	Hadith 1633, p. 772 Jaber bin Abdullah (que Deus se compraza de ambos, Jaber e seu pai, Abdullah) narrou que ele combateu em um ação em Najd com o mensageiro de Deus (que a paz e as bênçãos de Deus estejam sobre ele) e, quando o mensageiro de Deus (que a paz e as bênçãos de Deus estejam sobre ele) retornou, ele também voltou com ele. A hora de repousar os alcançou quando eles se encontravam em um vale repleto de árvores espinhosas. O mensageiro de Deus (que a paz e as bênçãos de Deus estejam sobre ele) desmontou, e as pessoas se dispersaram entre as árvores, buscando a sombra das árvores. O mensageiro de Deus (que a paz e as bênçãos de Deus	9: 29 29. Dentre aqueles, aos quais fora concedido o Livro, combatei os que não crêem em Allah nem no Derradeiro Dia, e não proíbem o que Allah e Seu Mensageiro proibiram, e não professam a verdadeira religião; combatei-os até que paguem al jizyah, com as próprias mãos, enquanto humilhados.	76:8 8. E cedem o alimento – embora a ele apegados – a um necessitado e a um órfão e a um cativo.

	estejam sobre ele) buscou refúgio sob uma árvore de Samura e pendurou nela sua espada. Disse Jaber: “Dormimos um pouco e o mensageiro de Deus (que a paz e as bênçãos de Deus estejam sobre ele) nos chamou subitamente. Fomos até ele e o encontramos com um beduíno sentado. O mensageiro de Deus (que a paz e as bênçãos de Deus estejam sobre ele) disse: ‘Este homem pegou a minha espada enquanto eu dormia. Quando eu acordei, a espada estava em sua mão’. Ao que ele me disse: ‘Quem poderia me impedir (de atacá-lo)?’ Eu lhe disse: ‘Deus’. E eis que esse homem sentou-se com ele. E o mensageiro de Deus (que a paz e as bênçãos de Deus estejam sobre ele) não o puniu por isso.		
O S U I C Í D I O	Hadith 1611, p. 760 “Suponha que eu encontrasse um dos infiéis, nós combatêsemos, e ele atingisse uma de minhas mãos com sua espada e a cortasse e então buscasse	9: 5 5. E, quando os meses sagrados passarem, matai os idólatras, onde quer que os encontréis, e apanha-os e sediai-os, e fique a sua estreita, onde quer que	

H O M I C Í D I O	refúgio numa árvore e dissesse: 'Eu me entrego a Deus' (o verbo original em árabe refere-se também a tornar-se muçulmano, assim a entrega nesse sentido vincula-se à pertença religiosa), eu poderia matá-lo, ó mensageiro de Deus (que a paz e as bênçãos de Deus estejam sobre ele), depois de ele ter dito isso? "Não, você não deveria matá-lo". Al-Miqdad disse: "Ó mensageiro de Deus! Mas ele cortou uma de minhas mãos e depois disso pronunciou essas palavras..." O mensageiro de Deus (que a paz e as bênçãos de Deus estejam sobre ele) respondeu: "Você não deveria matá-lo porque, se você o matar, ele ocuparia a posição que você tinha antes de você matá-lo, e você ocuparia a posição que ele tinha antes de pronunciar essas palavras".	estejam. Então, se se voltam arrependidos e cumprem a oração e concedem as az-zakâh, deixai-lhes livre o caminho. Por certo, Allah é Perdoador, Misericordioso.	
---	--	--	--

Anexo 5

Agrupamento comparativo

Agrupamos alguns ahadith já citados em Qudsi e suratas do Alcorão a respeito de temas relevantes para este trabalho.

T e m a	Qudsi	Alcorão	Alcorão
J I H A D	Hadith 33, p. 44. Narrou Ibn 'Ulmar que o Profeta citou seu Senhor que disse: A qualquer um dos meus servos que lutar no meu caminho pelo meu bem eu lhe asseguro que compensarei seu sofrimento com prêmios e recompensas (durante sua vida) e, caso morra, eu o perdorei, terei misericórdia para com ele e o deixarei entrar no Paraíso.	22: 58-59 58. E aos que emigram, no caminho de Allah, em seguida, são assassinados ou morrem, certamente, Allah dar-lhes-á belo sustento. E, por certo, Allah é O Melhor dos sustentadores. 59. Certamente, dá-os-á entrar em um lugar, de que se agradarão. E, por certo, Allah é Onisciente, Clemente. .	4: 95 95. Não se igualam os ausentes do combate, dentre os crentes não inválidos, e os lutadores no caminho de Allah, com suas riquezas e com si mesmos. Allah prefere os lutadores, com suas riquezas e com si mesmos, aos ausentes, dando-lhes um escalão acima destes. E a ambos Allah promete a mais bela recompensa. E Allah prefere os lutadores aos ausentes, dando-lhes magnífico prêmio.
J I H A D		3: 169-172 169. E não suponhas que os que foram mortos no caminho de Allah estejam mortos; ao contrário, estão vivos, junto de seu Senhor e, por Ele sustentados, 170. Jubilosos com o que Allah lhes concedeu de Seu favor. E exultam pelos que,	

		deixados atrás deles, ainda se lhes não ajuntaram: exultam, ainda, por nada haver que temer por eles, e eles não se entristecerão. 171. Exultam por graça de Allah e por Seu favor, e porque Allah não faz perder o prêmio dos crentes, 172. Daqueles que atenderam a Allah e ao Mensageiro, após o sofrimento que os alcançara – há para os que, dentre eles, bem-fizeram e foram piedosos magnífico prêmio -	
P A R A I S O - I N F E R N O	Hadith 35, p. 47 e 48. A'lyâd bin Himâr Al-Mujashi'i contou que certo dia o Mensageiro de Allâh disse em seu discurso: Vejam! De fato, Allâh ordenou-me que os informasse acerca daquilo que não lhes é familiar; e eis aquilo que Ele me ensinou hoje: Todas as riquezas que concedi a meus servos são legítimas. De fato, criei-os verdadeiros na Fé, mas Satã os abordou e os desviou de sua religião e o que lhes era permitido, declarou que era proibido. Depois Satã lhes ordenou	2: 194 , 2:217 194. O Mês Sagrado pelo Mês Sagrado, e para as cousas sagradas, o talião. Então, a quem vos agredir, agredi-o de igual modo, como ele vos agrediu. E temei a Allah e sabeis que Allah é com os piedosos. 217. Perguntam-te pelo combate, no mês sagrado. Dize: "Combater nele é grande pecado. E pecado maior, perante a Allah, é afastar os homens do caminho de Allah e renegá-Lo, e afastá-los da Mesquita Sagrada, e fazer sair dela seus habitantes." E a	59:7 7. O que dos espólios dos habitantes das aldeias Allah faz chegar, sem combate, a Seu Mensageiro, é de Allah, e do Mensageiro, e dos parentes deste, e dos órfãos, e dos necessitados, e do filho do caminho, para que isso não seja alternado entre os ricos dos vossos. E o que o Mensageiro vos conceder, tomai-o; e o de que vos coibir, abstende-vos dele. E temei a Allah. Por certo, Allah, é Veemente na punição. 9:94-95 94. Eles pedir-vos-ão desculpas, quando retornardes a eles.

que tomassem como meus companheiros aqueles a quem eu nada revelara. Em verdade, Allâh olhou para o povo da terra e odiou Árabes e não Árabes exceto um exíguo povo da Escritura. Allâh acrescentou: eu te enviei como Profeta ao povo para que eu pudesse dar-te testemunho e mediante a tua palavra dar testemunho aos fieis e te revelei um Livro que as águas não poderão apagar. Assim, debes lê-lo no sono e na vigília. O Profeta disse: em verdade Allâh me ordenou de queimar (os infieis de) Quraish (a tribo do Profeta de Makkah). Então eu disse: ó Senhor! Eles vão esmagar minha cabeça como pão. Allâh disse: expulsa-os como eles te expulsaram da tua cidade. Dê-lhes combate, Eu te darei apoio. Gasta (dinheiro pela causa de Allâh). Eu cobrirei os teus gastos. Mande um exercito e eu mandarei mais cinco iguais a ele. Combata com os seus seguidores contra aqueles que te renegaram. Ele disse: os habitantes do	sedição pela idolatria é pecado maior que o morticínio. E eles não cessarão de combater-vos, até que vos façam apostatar de vossa religião, se eles o puderem. E quem de vos apostata de sua religião e morre enquanto renegador da fé, esses terão anuladas suas obras, na vida terrena e na derradeira vida. E esses são os companheiros do Fogo.	Dize: “Não vos desculpeis. Não creremos em vós. Com efeito, Allah informou-nos de vossas notícias. E Allah verá, e também Seu Mensageiro, vossas obras; em seguida, sereis levados ao Sabedor do invisível e do visível: então, Ele vos informará do que fazíeis”. 95. Eles jurar-vos-ão, por Allah, quando a eles tornardes, que estavam com a razão, para que lhes absolvais o erro. Então, dai-lhes de ombros: por certo, são uma abominação, e sua morada é a Geena, em recompensa do que cometiam.
---	--	---

	Paraíso são de três categorias: primeiro há o poderoso, o justo, o doador de esmolas, um homem de sucesso; segundo, há o homem bondoso, de coração compassivo para com seus familiares e os muçulmanos. Terceiro, há o pai honrado, com muitos filhos. Ele disse também: os habitantes do Inferno são de três categorias. Primeiro, há o seguidor fraco que não tem nenhum sentido de evitar o mal, nem de trabalhar pela família ou enriquecer. Segundo, há o desonesto, cuja ganância, até mesmo nas coisas mais ínfimas é bem conhecida do povo. Terceiro, é o homem que todo dia te trai com relação a tua família e a tua riqueza. Ele também mencionou o avarento, o mentiroso e a pessoa que usa más palavras.		
M A R T Í R I O E	Hadith 31, p. 43. Contado por Masrûq: Perguntaram a ‘Abdullâh bin Mas’ûd sobre este versículo: “Não pensem naqueles que morreram por Allâh como mortos; ao	22:39 39. É permitido o combate aos que são combatidos, porque sofreram injustiça. – E, por certo, Allah, sobre seu socorro, é onipotente.	8:60 60. E, preparai, para combater com eles, tudo que puderdes: força e cavalos vigilantes, para, com isso, intimidardes o inimigo de Allah e vosso inimigo, e outros além desses, que não

V I O L Ê N C I A	invés disso, pensem que eles estão vivos com seu Senhor que os sustenta” (3:169). Ele (Abdullâh bin Mas’ûd) disse: Perguntamos ao Profeta o significado desse versículo e ele o explicou desta forma: Suas almas estão dentro de pássaros verdes, perto de lanternas suspensas diante do Trono Divino, e vagam livremente por onde quiserem no Paraíso. Elas se abrigam nessas lanternas. Certa vez, o Senhor olhou para eles e perguntou: Vocês querem algo mais? Eles disseram: O que mais poderíamos querer? Nós vagamos livremente pelo paraíso como desejamos. Allâh perguntou a eles a mesma questão por três vezes. Quando eles perceberam que não seriam poupados da pergunta, disseram: Ó Senhor! Gostaríamos que colocásseis nossas almas de volta aos nossos corpos para que possamos ser mortos pelo Senhor mais uma vez. Quando Allâh percebeu que nada desejavam, Ele permitiu		conheceis, mas Allah os conhece. E o que quer que despendais, no caminho de Allah, ser-vos-á compensado e não sofrereis injustiça. 9:52 52. Dize: “Vos não aguardais, para nós, senão uma das duas mais belas recompensas? E nós aguardamos, para vós que Allah vos alcance com castigo de sua parte, ou por nossas mãos. Então, aguardai-o. Por certo, nós o estaremos aguardando”.
--	--	--	--

que ficassem na alegria do Paraíso. Hadith 34, p. 45 e 46. Contou Ibn ‘Abbâs: O Mensageiro de Allâh disse: Quando seus irmãos foram mortos como mártires na batalha de Uhud, Allâh colocou suas almas dentro de pássaros verdes que chegaram aos rios do Paraíso, comeram de suas frutas e se abrigaram perto de lanternas feitas de ouro e suspensas à sombra do Trono Divino. Após terem apreciado a comida, a bebida e o descanso, eles disseram: Quem irá transmitir aos nossos irmãos na terra que nós estamos vivos no Paraíso, onde somos providos com o sustento, para que eles não abandonem a luta pelo Bem de Allâh e nem se retirem na hora da guerra? Allâh, o Glorificado, disse: Eu os informarei sobre isso. Assim Allâh revelou este versículo: “Não pensem naqueles que morreram por Allâh como mortos; ao invés disso, pensem que eles estão vivos com seu Senhor		
--	--	--

	sendo providos com o sustento.” (3:169)		
M U N D O, S U A I M P E R M A N Ê N C I A P R A Z E R M U N D A N O	Hadith 45, p. 60. Abû Huraira narrou que, com o Mensageiro de Allâh, ele visitou certa vez um enfermo que sofria com febre. O Mensageiro de Allâh disse ao enfermo: Alegra-te com a boa noticia que Allâh comunica: Eu afligirei meu servo fiel no mundo com fogo (febre) para que ele possa ser salvo de parte do fogo que lhe caberá na outra Vida.	4:74 74. Então, que combatam no caminho de Allah os que vendem a vida terrena pela Derradeira Vida. E a quem combate no caminho de Allah, e é morto ou vence, conceder-lhe-emos magnífico prêmio.	

R E S S U R R E I Ç Ã O V I R T U D E S	Hadith 37, p. 50. Anas narrou que o Mensageiro de Allâh disse: uma pessoa do povo mais miserável deste mundo foi levada para junto do povo do Paraíso. Allâh disse (aos anjos): introduzi-o no Paraíso. Então eles o introduziram no Paraíso. Então Allâh lhe perguntou: já enfrentaste alguma vez alguma desgraça ou algo que odiaste? Ele disse: não, por Vossa glória! Nunca enfrentei nada desagradável. Depois, uma pessoa do povo mais rico do mundo foi conduzida ao Inferno. Allâh ordenou (aos anjos): introduzi-o nele [no Inferno]. Então Ele lhe perguntou: Ó filho de Adão! Terias alguma vez usufruído algum conforto?	2:177 177. A bondade não está em voltardes as faces para o Levante e para o Poente; mas a bondade é a de quem crê em Allah, e no Derradeiro Dia, e nos anjos, e no Livro, e nos profetas; e a de quem concede a riqueza, embora a ela apegado, aos parentes, e aos órfãos, e aos necessitados, e ao filho do caminho, e aos mendigos, e aos escravos; e a de quem cumpre a oração e concede az-zakâh; e a dos que são fiéis a seu pacto, quando o pactuam; e a dos que são perseverantes na adversidade e no infortúnio e em tempo de guerra. Esses são os que são verídicos e esses são os piedosos.	
S U I C Í D I O H O M I C	Hadith 48, p. 62. Jundub bin ‘Abdullâh narrou: O Mensageiro de Allâh disse: Entre as nações, antes de vós, houve um homem que recebeu um ferimento e perdeu a paciência. Ele apanhou uma faca e cortou sua mão. O sangue não	9: 5 5. E, quando os meses sagrados passarem, matai os idólatras, onde quer que os encontréis, e apanha-os e sediai-os, e fiqueis a sua estreita, onde quer que estejam. Então, se se voltam arrependidos e cumprem a oração e concedem as az-	

Í D I O	parou de jorrar até que ele morreu. Allâh o Exaltado disse: Meu servo apressou-se em trazer a morte para ele. Por isso, eu não lhe permitirei entrar no Paraíso. Hadith 49, p. 63. 'Abdullâh bin Ma'ûd narrou pela autoridade do Profeta (No Dia do Juízo) um homem virá segurando a mão de outro homem e dirá: O' Senhor! Foi ele quem me matou. Allâh dirá: Por que o mataste? Ele dirá: eu o matei para estabelecer a vossa glória. Allâh dirá: entendo. Depois, um outro homem virá segurando a mão de outro companheiro e dirá: Foi ele quem me matou. Allâh lhe perguntará: Por que o mataste. Ele dirá: Eu o matei para estabelecer a gloria (honra) desta ou daquela pessoa. Allâh dirá: na verdade isso não lhe deu nenhuma glória (honra). Assim, o assassino terá que assumir seu pecado.	zakâh, deixai-lhes livre o caminho. Por certo, Allah é Perdoador, Misericordioso	
----------------------------	--	---	--

Anexo 6

“Apelação de Meca”

Pronunciamento público, intitulado “Apelação de Meca”, oriundo da sessão ordinária do CSMM.

“Na XIX sessão ordinária o Conselho Superior Mundial das Mesquitas (CMS) celebrada em Meca de 30 de agosto a 03 de setembro de 2003, uma vez debatido o problema do extremismo religioso nascente no mundo islâmico e avaliado como síndrome de desvio no pensamento de certos grupos juvenis muçulmanos, os membros do CMS, em cumprimento da tarefa que lhes é incumbida, assumindo a responsabilidade de combater o novo flagelo social, hão acordado dirigir um pronunciamento a todos os imãs e diretores de mesquitas e centros islâmicos no mundo, recordando que sua principal missão consiste em cumprir os seguintes objetivos.

Dirigir a Oração formal comunitária.

Expor e explicar os princípios básicos do Islã tal como foram revelados.

Fomentar a aproximação do muçulmano ao Senhor e ao próximo e incitar-lhe a trabalhar para o bem do ser humano em cumprimento com a máxima do Profeta: “Deus ama mais quem melhor serve ao próximo”.

Chamar a retidão, participar da construção social, cimentada sobre a base de uma consciência limpa, uma religiosidade ilustrada e madura e um conhecimento real dos princípios do Islã. Isto implica advertir contra a corrupção, a desordem e a irresponsabilidade, já que o muçulmano será requerido, neste mundo como no outro, a responder pelos seus atos.

Ressaltar o fato de que a mensagem do Islã é, antes de tudo, uma mensagem de paz, infunde tranquilidade e sossego, fomenta os laços humanos, chama a cooperação de todos para o

bem e para o bom cumprimento para com Deus, rechaça a injustiça e combate a agressão procede de onde proceder e adverte que a verdadeira fé não será alcançada senão se trabalhar para o bem comum.

Insistir no fato de que a mensagem do Islã implica a aplicação de uma justiça, e bom trato ao próximo e a defesa contra toda classe de agressão em cumprimento do mandamento Divino “Deus prescreve a equidade, a benevolência e a liberalidade para com os (allegados) e proíbe desonestidades, as transgressões e as agressões. E os exorta a que os tenhais bem presente”.

“Para ser querido, Deus havia feito de todo o mundo uma comunidade única e homogênea. Mas, conforme a Sua vontade (e o teor das obras de cada um) deixa que uns se descaminhem e a outros encaminha a Ele. Não obstante, tens que responder pelo que estais fazendo”, surata 16, versículo 90 e 93 do Alcorão.

Os membros do CMS reunidos na sessão tem comprovado que a comunidade muçulmana tem que trabalhar arduamente para vencer os grandes desafios que ameaçam seu futuro. O primeiro deles é o desconhecimento de muitos muçulmanos das realidades da fé islâmica, de sua benevolência e de sua equidade. Este desconhecimento leva a uma concepção distorcida de alguns textos e preceitos, e um mal entendido e a uma errônea interpretação de seus objetivos. Entre esses testes mal entendidos figura em primeiro lugar a “jihad” (a luta em defesa dos direitos legítimos), a “Lealdade e Liberação” (Oalá Bará) e a difusão de opiniões jurídicas (Fatua) inconsistentes e incluindo falácias. O resultado desta mal compreensão tem sido o seguimento de grupos de jovens extremistas que tem celebrado a discórdia e a desordem entre a população.

Os círculos anti-islamicos, aproveitando o comportamento destes extremistas, tem dirigido sua propaganda contra o Islã e contra seus símbolos mais sagrados, imputando falsamente a religião islâmica a qualidade de uma ideologia guerreira, fanática, sem civismo e incitante ao extremismo e ao terrorismo.

É hora já, de que os imãs e dirigentes das mesquitas assumam a responsabilidade educadora (em aras) de combater esta aberração doutrinal mediante conferências, seminários, reuniões, práticas ou sermões dando em especial ênfase os pontos seguintes:

Conhecer o Islã a fundo não se consegue sem ter um conhecimento real das ciências das religiões.

A proclamação da mensagem islâmica se tem mediante a exposição de sua essência, com métodos pacíficos e argumentos convincentes, com respeito e cortesia. O Alcorão clareia este ponto na surata 16, versículo 125: “ Com vida a Doutrina do Senhor com bons modos e pratica cortês. Dirige teu dialogo com eles nos termos mais amáveis e proveitosos”. “Se hubieras sido áspero o inexoravel se teria afastado de ti, Perdoa, para, implora o perdão de Deus e consulte-o”, Surata 3, versículo 159.

A mensagem do Islã é uma mensagem universal, global e integra; da especial atenção as prioridades pessoais e comuns e isto requer dos que falam em nome do Islã, atender as particularidades da fé nos termos corretos e mais claros.

Invitar o bem e exortar contra o mal exige certa ética e consideração da situação e da idiossincrasia individual e coletiva, tanto no lugar como no tempo.

O intercambio de experiências, dados e informações sobre a melhor maneira de comunicar a mensagem no momento dado, é a base da cooperação e do êxito da missão funcional de todos os interessados em a proclamação e ensinamentos do Islã.

É preciso por parte dos juristas, refutar qualquer opinião jurídica frívola ou falsa, mediante informes e estudos fundados, e comunicá-los tanto aos dirigentes islâmicos como a opinião pública.